

SOCIEDADE

DOS

ARCHITECTOS PORTUGUEZES

(ASSOCIAÇÃO DE CLASSE)

FUNDADA EM 11 DE DEZEMBRO DE 1903

ANNUARIO

PREMIADO COM MEDALHA DE OURO NA EXPOSIÇÃO DO RIO DE JANEIRO

≡ MCMVIII ≡



ANNO IV

LISBOA

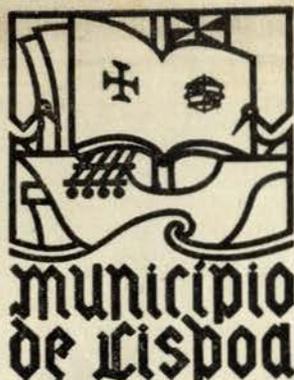
TYPOGRAPHIA DO COMMERCIO

R. da Oliveira, 10. ao Carmo

1908

SOCIEDADE

S PORTUGUEZES



COR

SE)

1908-1909

al

PRESIDENTE — *José Luiz Monteiro*
VICE-PRESIDENTE — *Miguel Ventura Terra*
1.º SECRETARIO — *Alfredo M. da Costa Campos*
2.º SECRETARIO — *Arthur Rato*

Conselho director

PRESIDENTE — *José Alexandre Soares*
SECRETARIO — *Adolpho A. Marques da Silva*
THESSOUREIRO — *Alfredo d'Ascensão Machado*
VOGAES — { *Francisco Carlos Parente*
 { *Antonio do Couto*

BIBLIOTHECARIO — *João Lino de Carvalho*

Commissão redactora do «Anuario»

Alfredo d'Ascensão Machado
Francisco Carlos Parente
Alfredo M. da Costa Campos

SÊDE SOCIAL

RUA DA EMENDA, 26, 1.º

LISBOA

C-62

160/190
7

Registro n: 367/798.

ANNO IV

69V

ANNUARIO

DA

Sociedade dos Architectos Portuguezes

(ASSOCIAÇÃO DE CLASSE)

SUMMARIO = I Anno associativo — 1907-1908. — *Assembléa Geral*: Extracto das actas das sessões. — *Conselho Director*: Relatório. — *Commissão Revisora de Contas*: Parecer. — II *Biographias*: Nicola Bigaglia, por A. Machado (architecto). — Alfredo Correia, por A. Bermudes (architecto). — *Trasladação dos restos mortaes do architecto Domingos Parente da Silva*. — III *Interesses geraes de classe*: Casas baratas. Representação ao Governo. — IV *Assumpptos technicos*: Ensino de architectura. Parecer da Sociedade dos Architectos Portuguezes. — A habitação, por J. Lino de Carvalho (architecto). — V *Legislação*: Legislação portugueza sobre edificação, por Alfredo d'Ascensão Machado (architecto). — VI *Varia*: A exposição do Rio de Janeiro, por A. Marques da Silva (architecto). — Excursão a Mafra. — O premio Valmór, por A. Machado (architecto). — Carlos Mardel, pelo dr. Sousa Viterbo. — Outros tempos... outros costumes. — Corporações de artes e officios, por D. José Pessanha. — VIII Congresso internacional dos architectos, em Vienna, por Francisco Parente (architecto). — Congresso d'architectura do Canadá, por Ascensão Machado (architecto). — Os architectos do quadro do Ministerio das Obras Publicas, por Alfredo M. da Costa Campos (architecto). — Honorarios dos architectos. — Supplemento ao Anuario da Sociedade dos Architectos Portuguezes. (Architectura contemporanea). Anno IV. 1908.

P: 798



I — ANNO ASSOCIATIVO

1907-1908

ASSEMBLEA GERAL — Extracto das actas das sessões

Sessão de 15 de Janeiro de 1908 (extraordinaria).

Presidencia de M. Ventura Terra, secretariado por Tertuliano de Lacerda Marques. — Lê-se e approvã-se a acta da sessão anterior. — É lido o expediente. — É discutido e approvado o regulamento da medalha associativa. — Discute-se e approva-se a representação da architectura portugueza na Exposição Nacional do Rio de Janeiro, declarando varios socios presentes o seu intuito de expôrem. — É eleito por unanimidade representante da Sociedade no Congresso Internacional dos Architectos, que se realisa em Vienna d'Austria, o socio Francisco Carlos Parente. — Propõe-se e discute-se que a Sociedade inste com o Governo para que nomeie um delegado official ao referido Congresso. — É votado por unanimidade para fazer parte do jury do legado Valmór, o socio Alvaro Machado.

Reg. Prio. n.º 92

Sessão de 16 de Julho de 1908 (ordinaria)

Presidencia de M. Ventura Terra, secretariado por Tertuliano de Lacerda Marques e Arthur Rato.—Lida e approvada a acta da sessão anterior.—O socio Francisco Carlos Parente justifica a sua ausencia ao congresso de architectura em Vienna d'Austria, como delegado da Sociedade, promettendo relatar sobre as resoluções adoptadas.—Ordem da sessão: leitura do relatorio do Conselho Director e eleição da comissão revisora de contas, que fica composta pelos socios: Francisco Carlos Parente, Adolpho Antonio Marques da Silva e Jorge Pereira Leite.—Antes do encerramento da sessão, discutem-se largamente varios assumptos, que interessam especialmente aos operarios, resolvendo-se representar ao Governo sobre a publicação do respectivo regulamento de segurança.

Sessão de 25 de Julho de 1908 (ordinaria).

Presidencia de M. Ventura Terra, secretariado por Tertuliano de Lacerda Marques e Arthur Rato.—Foi lida e approvada a acta da sessão anterior.—Deu-se conhecimento á Assembléa do expediente.—Leu-se e approvou-se o parecer da Commissão Revisora de Contas.—Approva-se, depois de alguma discussão, o relatorio do Conselho Director, incluindo-se por proposta de Ascenção Machado um voto de congratulação por ter sido agraciado com o officialato de S. Thiago o socio Costa Campos, pelo seu trabalho do monumento a Barahona, erigido na cidade de Evora, e agradecimento d'este consocio ao Conselho Director por se ter feito representar n'aquella cerimonia.—Procedendo-se á eleição dos corpos gerentes, foram eleitos para os constituirem: Assembléa Geral—Presidente: José Luiz Monteiro; vice-presidente: Ventura Terra; 1.º secretario: Costa Campos; 2.º secretario: Arthur Rato.

Conselho Director:—José Alexandre Soares, Ascenção Machado, Antonio do Couto, Adolpho Antonio Marques da Silva e Francisco Carlos Parente.—A Assembléa resolve recommendar ao Conselho Director a realisação de uma Exposição de Trabalho do fallecido architecto Domingos Parente da Silva, em tempos proposta pelo socio Ventura Terra.—Discute-se largamente a necessidade de reformar o curso de architectura nas Escolas de Bellas Artes de Lisboa e Porto.—Encerra-se a sessão.

Sessão de 9 de Novembro de 1908 (extraordinaria).

Presidencia de A. Costa Campos, secretariado por Adães Bermudes e Tertuliano de Lacerda Marques. — Justificação de faltas. — Lida e approvada a acta da sessão anterior. — Ordem da sessão: Conclusões do VIII Congresso Internacional dos Architectos, effectuado em Vienna, com os quaes a assembléa se conforma. — Tratando-se de congressos internacionaes, approva-se a proposta de Adães Bermudes, secretario da secção portugueza, que regularisa a fórma de representação official e a da Sociedade dos Architectos Portuguezes, que exige os relatorios d'estes delegados e que reclama do Estado a execução dos votos d'esses congressos. — Delibera-se representar ao Governo sobre a necessidade da organização dos serviços de architectura, e novamente sobre a conveniencia da publicação do regulamento de segurança dos operarios.

Sessão de 28 de Dezembro de 1908 (extraordinaria).

Presidencia de Alfredo M. da Costa Campos, secretariado por Arthur Rato e Antonio do Couto Abreu. — Declara-se que não é lida n'esta sessão a acta da anterior, mas que o será na seguinte sessão. — Resolve-se adherir ao Congresso Nacional, sendo eleito delegado o socio Adães Bermudes. — Ordem da sessão: eleição do delegado da Sociedade para fazer parte do jury do premio Valmór, que recahe no socio Alfredo M. da Costa Campos. — Antes do encerramento da sessão discutem-se questões de esthetica urbana, deliberando-se que o Conselho Director, ouvidos os socios que pertencem á Sociedade Propaganda de Portugal, elabore sobre o assumpto uma representação ás instancias officiaes.

CONSELHO DIRECTOR — Relatorio

PRESADOS COLLEGAS :

Em conformidade com o disposto no art.º 16.º dos nossos estatutos, vem o conselho director, por vós eleito em assembléa geral de 25 de julho de 1907, apresentar-vos o relatorio pelo qual deixa exposta a forma como desempenhou a honrosa missão que lhe confiasteis, no periodo decorrido entre 1 de julho de 1907 e 30 de junho de 1908.

E' sempre difficil tarefa esboçar um documento d'esta natureza, porque muitos que tivessem sido os nossos trabalhos para o engrandecimento da nossa associação, sempre elles pareceriam insufficientes para as nossas aspirações.

Pela leitura, pois, do presente relatorio, tereis que concluir que nem todos os nossos empreendimentos fortificaram, não por falta de convicção e tenacidade nos nossos pedidos, mas porque o meio é por vezes esteril para as causas justas e principalmente para os grandes interesses geraes do desenvolvimento artistico no nosso paiz.

Ha assumptos que, infelizmente só com uma lucta persistente, se poderão vencer, para demover processos antiquados e rotineiros que não só teem servido de entrave aos nossos desejos como teem servido de manifesto atrazo ao paiz, faltando-lhes leis que protejam as nossas aspirações, as quaes são bem mais do que os interesses individuaes dos nossos associados, porque são os do proprio engrandecimento da nação.

— De ha muito que se reconhece a necessidade de leis e regulamentos officiaes, que obstem á liberdade inconsciente com que se desvalorisa a esthetica das cidades, principalmente da nossa capital, resolvendo por isso o conselho director d'esta sociedade cooperar, conforme lhe fôra solicitado pela Sociedade Propaganda de Portugal, na elaboração d'um projecto de lei que regulamentasse a esthetica das construcções nas principaes cidades, e especialmente na de Lisboa.

Para esse fim elegeu o conselho director tres representantes, que ali foram com o seu concurso empenhar-se na realisação de tão util medida, sem que por esse facto deixasse de, por sua iniciativa, representar nesse sentido á commissão administrativa do municipio de Lisboa.

Entregando esse documento ao vice presidente d'aquella commissão, o sr. Carlos Adolpho Marques Leitão, que o recebeu com palavras elogiosas, prometendo empenhar-se n'esse assumpto que de ha muito reconhecia de grande utilidade para o embellesamento da nossa capital, o conselho director alimentou por momentos a esperanza de que uma das suas maiores aspirações poderia em breve ser realisada.

Justo é também prestar homenagem n'este logar ao sr. dr. Antonio Vianna que, com a sua provada illustração, advogou o pedido feito pela nossa Sociedade em uma das sessões camararias, na qual o dito documento foi apresentado.

— Por varias vezes o conselho director teve que chamar a attenção, quer dos poderes publicos, quer das iniciativas particulares, para a construcção de varios edificios que, pelo seu character e importancia, deviam ser motivo d'um concurso publico entre os architectos portuguezes.

Em meios atrazados como o nosso e no qual, por uma errada orientação, tanto das instancias officiaes como das particulares, muitos edificios se teem construido sem a intervenção de architectos, e cujo resultado é esse deploravel espectáculo que ahí se observa, entendeu o conselho director representar ao illustre ministro das obras publicas, pedindo-lhe que o projecto do novo edificio do instituto industrial e commercial de Lisboa, do qual a imprensa diaria noticiara o inicio dos trabalhos, quando não fosse motivo de um concurso nacional, como seria para desejar em nome da Arte, fosse pelo menos confiado a um architecto.

Pela mesma ordem de ideias officiou o conselho director ao sr. governador civil do Porto, pedindo que o projecto do theatro lyrico que se projectava construir em substituição do theatro de S. João que as chammas haviam devorado, fosse feito por concurso publico.

Egualmente o conselho director offereceu por officio os seus serviços á commissão promotora dos melhoramentos a realisar em Cintra.

— Mais uma vez e sempre, o conselho director se empenhou em expôr ao sr. ministro das obras publicas a necessidade impescendivel de uma reorganisação dos serviços de architectura n'aquelle ministerio que, como actualmente se encontram, em nada correspondem aos modernos processos de administração e ás exigencias da arte.

Para esse fim elaborou uma representação, que leu a Sua Ex.^a, acompanhando-a das considerações justificativas que tão importante assumpto reclama.

— Não podia ser indifferente ao conselho director a petição de alguns alumnos da Escola de Bellas Artes, no que respeita á reforma do curso de architectura, por isso que esta não corresponde tambem ás exigencias dos seus programmas, obrigando os estudantes a preferirem, na maioria dos casos, o ensino particular.

N'este sentido o conselho director procurou collaborar com todos os que se occuparam d'este assumpto, que tanto interessa á nossa collectividade.

— Sem duvida, por um simples esquecimento, o projecto de lei apresentado ao parlamento sobre a construcção de casas baratas para as classes menos abastadas não se referia aos architectos entre as diferentes entidades technicas, que constituiam o conselho superior de hygiene da habitação.

Este facto não podia passar sem o nosso reparo, motivo porque representando ao illustre ministro do reino, esta sociedade chamou a attenção de Sua

Ex.^a, expondo-lhe que assumptos d'aquella natureza interessam principalmente aos architectos, tanto assim que nos outros paizes teem sido esses artistas os primeiros a estudar e a resolver esses complexos problemas da architectura.

Esta representação foi entregue pelo conselho director ao sr. Ernesto de Vasconcellos, chefe do gabinete d'aquelle ministerio, que a recebeu com o acolhimento proprio da sua illustração.

Ainda sobre o mesmo assumpto correspondeu o conselho director ao convite que lhe fora dirigido pela commissão de propaganda contra as habitações insalubres, elegendo como delegados a esse congresso os srs. Adães Bermudes, Lino de Carvalho e Costa Campos, que continuam no desempenho d'essa missão associativa.

— Assistiu esta Sociedade, representada não só pelo seu conselho director como por grande numero dos seus associados, á manifestação funebre que tinha por fim a trasladação dos restos mortaes do fallecido architecto Domingos Parente da Silva, sendo-lhe assim prestada a justa homenagem ás suas qualidades de artista e de cidadão.

Junto do tumulo, o nosso collega Rosendo Carvalheira, como presidente da commissão executiva d'aquella homenagem, usou da palavra, seguindo-se o nosso collega do conselho director Costa Campos, que leu uma sentida allocução em nome da nossa Sociedade.

Esta manifestação revestiu a importancia propria da individualidade a quem se tributava, fazendo pela primeira vez os nossos consocios uzo dos seus colares.

— Por mais d'uma vez o conselho director teve nas suas sessões que se occupar da imprudencia com que alguns individuos persistem na ousadia de se intitularem architectos, sem que nenhum facto da sua vida profissional tal auctorise. N'este sentido se organisou um cadastro com as habilitações e profissões de todos aquelles que têm levado a sua audacia a apresentarem-se como architectos, preparando assim a associação elementos para, tornando-os publicos, contra elles proceder judicialmente.

— Esperou o conselho director vêr publicado o regulamento de segurança dos operarios, no qual collaborou, como nosso delegado, o sr. Adães Bermudes, mas por motivos que difficilmente se justificam, esse documento ainda não teve a sanctão official.

— A' commissão executiva do monumento ao grande estadista e reformador Marquez de Pombal officiou esta sociedade, offerecendo-lhe a sua collaboração profissional na elaboração do programma do concurso.

— Devendo realisar-se o VIII congresso internacional de architectura em Vienna de Austria, alguns dos nossos consocios se inscreveram, sendo eleito para representar a Sociedade dos Architectos Portuguezes n'aquelle grande certamen o nosso collega Francisco Carlos Parente, que por motivos de força maior não pode seguir os trabalhos d'aquelle congresso.

— Também no Rio de Janeiro, na florescente capital do Brasil, se realisou uma exposição, empenhando-se o conselho director junto dos seus consocios para que concorressem com os seus trabalhos.

Muitos dos nossos collegas ali mandaram pois os seus projectos para evidenciarem o desenvolvimento do estudo da architectura em Portugal, contribuindo assim para o engrandecimento da arte no nosso paiz.

— Feito o convite a esta sociedade para eleger o seu delegado ao jury que deve classificar a mais bella edificação em Lisbôa, para lhe ser adjudicado o premio Valmór, a assembléa geral elegeu o nosso collega Alvaro Machado, tendo sido conferido o premio ao nosso collega Antonio do Couto, pela casa, que projectou, pertencente ao sr. E. Empis.

— Na serie das visitas de estudo aos monumentos nacionaes escolheu o conselho director uma excursão a Mafra, um dos mais grandiosos monumentos do paiz, a qual teve, como as anteriores, uma grande importancia.

Grande numero dos excursionistas se fizeram acompanhar de suas familias, dando as senhoras a nota alegre e attrahente, e acompanhando com o maior interesse as apreciações que pelos collegas necessariamente eram feitas áquelle grandioso edificio.

A excursão, que se effectuou em 26 de abril, teve como dirigente o nosso collega João Lino de Carvalho, que não só comprovou mais uma vez a sua solididade, como se encarregou da monographia do monumento.

— Durante a nossa gerencia, com vaidade o registamos, grande numero de offertas se fizeram á nossa bibliotheca, entre as quaes salientamos as dos srs. General Montenegro, Pedro Romano Folque, Christino da Silva, a do nosso collega João Antonio Piloto, a do Director da Bibliotheca de Habana e a do nosso socio correspondente Cannizzaro. O movimento da bibliotheca durante a nossa gerencia foi de 565 volumes, ou sejam mais 72 do que no anno anterior. Com as assignaturas e troca de publicações esse numero eleva-se a 700 aproximadamente.

— Recebeu esta sociedade a comunicação da fundação da *Sociedade dos architectos do Canadá*, e do nosso socio correspondente em Vienna d'Austria o seu agradecimento pela sua eleição, bem como o programma definitivo do congresso dos architectos n'aquella capital.

— Com a publicação do nosso annuario de 1907, em que a commissão redactora tanto cooperou para o seu bello resultado, muitas provas de congratulação recebeu esta sociedade, sendo-lhe pedida auctorisação pelo jornal francez *L'architecte* para publicar os projectos dos nossos consocios os srs. José Luiz Monteiro, da estação central de caminhos de ferro, e Manuel Joaquim Norte Junior, da casa Malhoa, insertos n'aquelle nosso numero.

— No que respeita ao movimento financeiro da sociedade, no balancete apresentado pelo nosso thesoureiro e no parecer do conselho fiscal mais deta-

lhadamente o apreciareis, mencionando-se um saldo positivo de 211:630 réis e havendo além d'esta verba ainda a receber 777.000 réis.

— Taes são, presados consocios, os factos que durante a nossa gerencia mais preoccuparam a attenção do conselho director e que summariamente deixamos expostos á vossa approvação n'este simples relatorio.

Muitos outros sem duvida, foram motivos da nossa solicitude para o bom desempenho da missão que nos confiastes, e se alguns d'elles não tiveram a solução que pretendiamos, como já dissemos, foi pela difficuldade de conquistar a realisação dos nossos ideaes n'um meio em que se atrophiam e inutilisam muitas causas legitimas como são as nossas.

E' de suppôr que aquelles que nos succederem na gerencia d'esta sociedade, com a sua actividade, intelligencia e zelo, levarão ao fim muitas das nossas mais devotadas aspiraçõs e das quaes lançamos as primeiras tentativas.

— Concluindo, portanto, este conselho director termina o seu mandato submettendo á vossa approvação as seguintes propostas :

1.^a — Que seja conferido um voto de louvor a todos aquelles que directa ou indirectamente concorreram para o desenvolvimento d'esta sociedade.

2.^a — Que o mesmo voto seja extensivo aos jornaes que se interessaram pelo trabalho d'esta sociedade e aos escriptores, que acompanharam com enthusiasmo o engrandecimento da architectura em Portugal.

3.^a — Que seja eleito socio correspondente o sr. Alcide Chaussé, architecto na cidade de Montreal, Canadá, não só como homenagem ao seu valor como principalmente aos serviços que expontaneamente prestou á nossa sociedade.

4.^a — Que se confira um voto de sentimento pela morte do nosso socio correspondente John Nixon Horsfield e pela do distincto professor de theoria de architectura, da Escola de Bellas Artes de Paris, Julien Gadet.

O Conselho Director

Presidente

(a) JOSÉ ALEXANDRE SOARES

Thesoureiro

(a) ALFREDO D'ASCENSÃO MACHADO

Secretario

(a) EVARISTO DA SILVA GOMES

Vogaes

(a) ANTONIO DO COUTO

(a) ALFREDO M. DA COSTA CAMPOS.

MEDALHA

Deliberação da Assembléa Geral da Sociedade dos Architectos Portuguezes
em sua sessão de 15 de janeiro de 1908

Em cumprimento da disposição 5.^a d'esta deliberação se publica que foi feita a seguinte distribuição dos exemplares da medalha, cunhados até á presente data:

- em prata, aos socios effectivos Alfredo d'Ascenção Machado, Alfredo Maria da Costa Campos, Alvaro Machado, Antonio do Couto Abreu, Antonio José Dias da Silva, Evaristo Gomes, Francisco Carlos Parente, João Lino de Carvalho, José Alexandre Soares, Jorge Pereira Leite, José Luiz Monteiro e Miguel Ventura Terra.
- em cobre (numismatica), ao Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. Dr. Lamas, requisitada em julho de 1908.

Em 31-12-908.

Pelo Conselho Director

O Secretario,

(a) ADOLPHO ANTONIO MARQUES DA SILVA

N. B. — Continua aberta a inscripção entre os socios effectivos.

COMISSÃO REVISORA DE CONTAS — Parecer

SENHORES :

Tendo sido conferido aos abaixo assignados o honroso mandato de darem cumprimento ao preceituado no art.º 26.º dos estatutos da nossa Sociedade, desempenhamos a nossa missão conferindo todos os documentos de receita e despeza e a respectiva escripta que, como era de esperar, encontramos na melhor ordem.

Somos, portanto, de parecer que o balancete da receita e despeza deve ser approved; que se deve registrar na acta um voto de louvôr a todos os membros do Conselho Director pela forma alevantada e firme como foram dirigidos os trabalhos da collectividade, e ainda outro voto de louvôr ao nosso distinctissimo collega sr. Ventura Terra pelo seu importante donativo de 100.000 réis para o cofre da Sociedade.

Lisboa e Sociedade dos Architectos Portuguezes, 23 de Julho de 1908.

A Comissão

O Presidente

(a) FRANCISCO CARLOS PARENTE

O Secretario

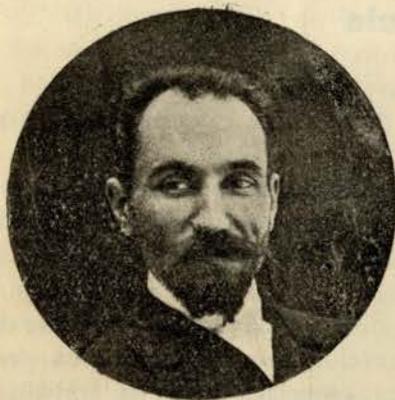
(a) ADOLPHO ANTONIO MARQUES DA SILVA

O Relator

(a) JORGE PEREIRA LEITE

II—BIOGRAPHIAS

Nicola Bigaglia



No dia 8 d'outubro de 1908 falleceu em Veneza o architecto Nicola Bigaglia que durante muitos annos residiu em Lisboa onde exerceu a sua profissão deixando o seu nome ligado a obras de grande valor.

Quando Emygdio Navarro criou as escolas industriaes um dos professores estrangeiros contractados para a direcção de algumas aulas dessas escolas foi Nicola Bigaglia. Dotado de vasta erudição e de um temperamento artistico perfeitamente equilibrado, era não só um desenhador emerito como aguarellista distincto e modelador correcto.

Tanto na construcção como na decoraçáo de edificios, deixou em Portugal uma obra valiosa não só pela quantidade e variedade, como pela originalidade e correcção que distinguem todos os seus trabalhos.

Das obras que deixa em Lisboa devemos destacar a fachada da casa da familia Lima Mayer na Avenida da Liberdade, que lhe mereceu o premio Valmór; a casa do distincto amator de musica Lambertini, tambem na Avenida, e a do sr. Leitão na rua do Marquez de Fronteira, rodeada por um magnifico parque que o distincto architecto traçou com todo o esmero. Além d'estas, diversas obras deixou em Lisboa entre as quaes citarei a frente de uma ourivesaria no Chiado e outras de menos importancia ou menos conhecidas.

Fóra de Lisboa tambem deixou o seu nome vinculado a trabalhos de grande valor. Tinha o costume de aproveitar para os seus apontamentos artisticos todas as occasiões em que se lhe deparavam quaesquer motivos de arte que reproduzia nos seus albuns com uma facilidade e com uma exactidão notaveis, e que tencionava colligir em uma obra sobre a arte em Portugal, que infelizmente não chegou a preparar.

Minado por uma pertinaz doença foi procurar em Veneza, sua terra natal, allivio para os seus males. Não logrou restabelecer-se, mas teve o lenitivo de en-

tregar a alma ao Creador junto de sua familia, de seus irmãos que tambem são architectos notaveis e que tão pouco tempo o tiveram junto de si, para tão depressa o perderem!

Paz á sua alma!

A. MACHALO.

(Architecto)

Alfredo Correia



A noticia da sua morte foi para nós pesada surpresa.

Dotado dos melhores sentimentos, tinha a jovialidade dos novos, pois não contava ainda trinta annos, deixando portanto incompleta a sua obra.

Estudante distincto da Escola Portuense de Bellas Artes revelou sempre, mesmo na pratica, faculdades espeziaes para os trabalhos technicos e scientificos da profissão do architecto, cujos complexos problemas lhe eram extremamente conhecidos, apesar da sua pouca idade.

Falleceu no Pará, onde tinha ido procurar campo para a sua extraordinaria actividade, onde em curto espaço de tempo havia conseguido conquistar muita consideração, e onde certamente o esperava um longo e prospero futuro.

E' portanto um dever nosso prestar aqui homenagem á sua memoria.

A. BERMUDES.

(Architecto)

Trasladação dos restos mortaes do architecto

Domingos Parente da Silva

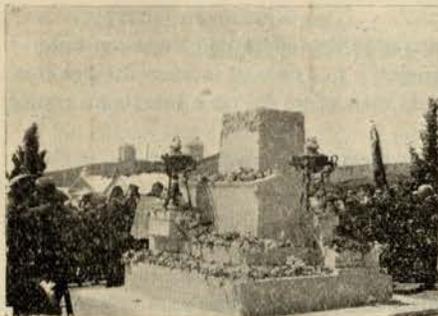
A convite da commissão promotora da construcção do mausoleo que devia encerrar os restos mortaes do fallecido architecto Domingos Parente da Silva, a Sociedade dos Architectos Portuguezes se fez representar não só pelos seus corpos gerentes mas por grande numero dos seus associados.

Essa manifestação de homenagem que se realisou no dia 3o de maio, pelas 12 da manhã no cemiterio da Ajuda teve um alto poder significativo não só pelo character solemne que revestiu mas, principalmente, pelos factos que a determinaram.

Um grupo de admiradores do fallecido artista, n'um justo preito de saudade pelas qualidades affectuosas de Domingos Parente da Silva, emprehendeu construir-lhe um tumulo commemorativo realisando para esse fim uma subscrição. Iniciada ella, todos aquelles, que tinham privado com o extincto, contribuíram desde os seus amigos, collegas, e empregados até ao mais modesto dos operarios da construcção civil, que tinham trabalhado em obras dirigidas pelo estimado architecto.

Reunido o capital, o nosso collega Alvaro Machado contribue com o seu projecto de linhas sentidas e que as officinas de Moreira Rato executam.

E' pois n'esse momento em que o tumulo se inaugura para receber na sua significativa expressão, não só os restos mortaes do artista, mas tambem para encerrar ali conjuntamente, os restos das inolvidaveis saudades e admiração que todos lhe tributavam.



Reunidos na capella do cemiterio todos os parentes, collectividades e amigos, o numeroz cortejo avançou junto do tumulo e ali o nosso collega Rosendo Carvalheira, n'um sentido discurso, com o calor da sua phrase, esboçou em vinculados traços toda a vida do extincto architecto e da alta significação d'aquella homenagem. Teve este

nosso collega, que fallou em nome da commissão promotora, passagens sentidas, colhendo do numeroz auditorio uma justificada manifestação de apreço pela sua brilhante oração.

Seguiu-se no uso da palavra o nosso collega Costa Campos que, em nome do Conselho Director d'esta Sociedade, leu a seguinte allocução:

SENHORES :

Alguns momentos da vossa attenção que d'ella bem preciso para melhor poder cumprir com o meu dever de homenagem, de respeito e de saudade, a um morto, ao fallecido architecto Domingos Parente da Silva.

E' esta a segunda vez que a minha voz se eleva n'um cemiterio, que as vibrações das minhas palavras se quebram na cruesa gelida dos tumulos, que as ondas sonoras das minhas phras-

ses se perdem entre as flores das campas e as ramagens dos lugubres cypresses.

E' tambem a segunda vez que venho, não só por mim, mas em nome de collegas meus (como então o fizera quando alumno da Escola de Bellas Artes) prestar um tributo de gratidão, fazendo-o hoje em nome do conselho director da Sociedade dos Architectos Portuguezes.

E' ainda pela segunda vez que na pobreza das minhas palavras eu venho n'um sentido adeus de sau-

dade render preito a um artista portuguez, como o fizera então pelo notavel paisagista Silva Porto.

E' portanto aqui, n'um cemiterio, no curto espaço que decorre entre o abrir e o fechar d'um tumulo que eu venho, não biographar um morto, mas sim enfeixar algumas ideias, ordenar algumas palavras pela sua memoria.

N'este lugar ainda de esperança para os crentes, que julgam além da campa um mundo novo, uma segunda vida, talvez mais bella do que a primeira, e que para os indifferentes, os materialistas que no seu positivismo nada mais esperam, nada mais vêem do que a inercia e a transformação da materia, tudo se confunde, todos são eguaes.

E' n'esta lucta em que o espirito se debate, n'este mysterio irreductivel que todas as crenças fallecem.

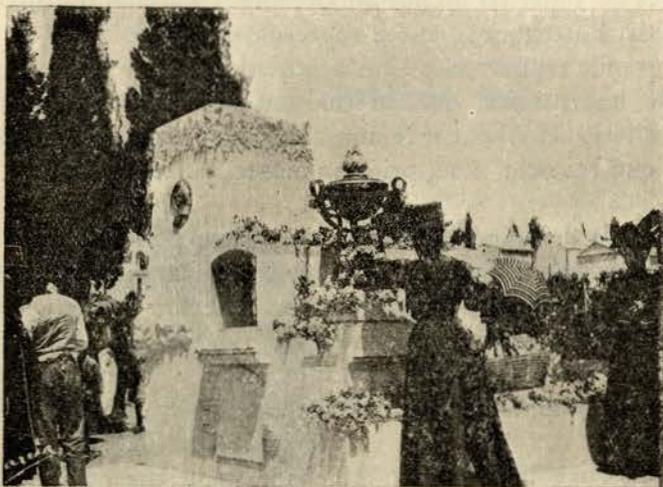
No encerrar d'um tumulo, no fechar d'uma campa, no entulhar d'uma valla commum todos se nivellam perante a morte.

E' aqui, que todas as vaidades, todos os sentimentos, todas as esperanças, todos os carinhos, desde os affectos mais bellos, das paixões mais generosas, do amor mais santo do fausto, do deslumbramento ao mais humilde de tudo, tudo se abysma no mesmo mysticismo !...

Mas d'esse confundivel philosophico, factos ha que determinam a differença perante a inercia da materia.

E' que a vida, producto d'um trabalho organico, nas suas multiplas manifestações, revela-se tanto pelas provas intellectuaes, como pelos affectos d'alma.

De todas ellas se compõe a humanidade nos seus aspectos diversos, nos seus planos differentes especializando uns e confundindo outros.



E é assim que á beira da sepultura quando todos se nivelam perante a morte, os factos que constituíram a vida nos dão além da saudade o sentimento de admiração pelo talento, pela bondade, por todas essas provas que definem e especialisam uma individualidade.

Mas não foi para analyses philosophicas que pedi a vossa attenção, não foi para vos conduzir pelo meu pensamento a esse abysmo de luctas intellectuaes em que todas as crenças succumbem—Não.—Foi para vos fallar do fallecido architecto Domingos Parente da Silva, foi para misturar com as vossas as minhas saudades, foi, sim, para vos recordar o que nunca vos poderia ter esquecido, esse bello character, essa bella alma que deixou como apanagio do seu valor, das suas qualidades affectivas, a saudade que vae em nossas almas.

Não fazendo a sua biographia destacarei alguns factos da sua vida, que muitos são e de sobra a justificarem a nossa admiração.

Fallecido em 17 de novembro de 1901 com 65 annos de idade, o architecto Domingos Parente da Silva pertencia ao numero dos homens para quem a Arte é uma crença. Começara a sua carreira artistica empunhando a palleta e os pinceis que mais tarde substituiu pelos esquadros e compassos.

Alma de artista, como era, para elle a arte não tinha segredos, e se os tivesse, elle com o seu temperamento energico e uma intelligencia robusta, os venceu sempre d'uma forma honrosa para o seu nome e para o engrandecimento da architectura em Portugal.

Não é aqui o logar para o estudo analytic do seu accção e influencia artistica do seu tempo, mas se considerarmos que ainda hoje a educação artistica do paiz se debate n'uma atmosphaera doentia, elle com o seu talento conseguiu deixar esculpido nas pedras do edificio dos Paços do Concelho da capital e na portada do cemiterio dos Prazeres, evidentes provas de uma accção artistica inspirada em linhas de correcto delineamento.

Ainda a sua actividade se firmou em varios projectos que são por tal forma correctos e observados que qualquer outro artista teria vaidade em lhe collocar o seu nome.

Foi igualmente o distinto artista um publicista de valôr, não vacilando em substituir o lapis por uma penna todas as vezes que perante a opinião publica vinha combater na legitimidade das suas convicções. Teve, como era natural, entraves á sua carreira porque o caminho é sempre facil aos vulgares, aos anonymos.

Esses obstaculos que muitas vezes retardam a marcha aos que dignamente caminham são uma barreira se a coragem falta e a hesitação impera. Mas com o architecto Domingos Parente da Silva não podia succeder assim!

No campo legal do seu saber venceu sempre e venceu honrosamente!

São estas umas leves notas da vida do artista que saudosamente recordo n'este momento restando-me para complemento da sua individualidade fallar do cidadão.

Querido dos seus era igualmente um querido de todos que o conheciam.

Tenho a confirmação d'estas palavras em varios factos da sua vida recordando aqui um periodo d'uma biographia do chorado artista e escripta pelo meu talentoso collega Rozendo Carvalho.—*«Em face de uma desgraça de outrem chegou por vezes a esquecer-se das proprias; dando dos seus poucos recursos a maior parte para sustentar as dores alheias»*

Não faltariam portanto factos na vida do fallecido architecto para lhe engrandecer a memoria para como disse no principio d'esta missão, ser um inconfundivel, se um outro facto o mais significativo de todos se não desenrolasse a meus olhos. O fallecido artista morreu ha mais de seis annos, quasi sete, e não obstante esse tempo decorrido aqui estamos todos a prestar-lhe mais uma homenagem á sua memoria.

Uns chorando o artista, o amigo, e outros o bemfeitor.

Não ha maior apanagio do que este, meus senhores, não ha melhor premio do que—o da justiça—o da gratidão.

E eu que pouco o conheci, mas que d'essas poucas vezes que nos encontramos, gravo bem as impressões de altivez do seu character, da ponderação do seu criterio, criterio, que mesmo no ultimo periodo da sua existencia ainda utilisava para o engrandecimento da arte; e que em nome dos meus collegas, do conselho director da Sociedade dos Architectos Portuguezes, de que Domingos Parente da Silva foi socio fundador e um dos mais auctorizados e preponderantes architectos eu venho registrar o nosso preito de admiração e saudade sentindo não ter a forma grandiosa eloquentemente bella d'um orador, não poder com todo o brilhantismo d'uma correcta oratoria desempenhar-me de tão elevada missão.

Venço porem essas deficiencias, em m'im nativas, com uma outra eloquencia inconfundivel, unica e a mais encantadora de todas ellas—*a sinceridade*—a sinceridade de todo o nosso pesar, de toda a nossa admiração e homenagem.

ALFREDO DA COSTA CAMPOS.

III—INTERESSES GERAES DE CLASSE

Casas baratas —Representação ao Governo

SENHOR MINISTRO :

A Sociedade dos Architectos Portuguezes, associação de classe, tendo conhecimento de que ao Parlamento fôra apresentada pelo governo uma proposta de lei com o fim de promover a construcção de habitações hygienicas para as classes menos abastadas, entende do seu dever expôr o seguinte :

O artigo iv do mesmo projecto de lei estabelece a creação de um «Conselho superior de hygiene da habitação», composto de 20 membros, representando alguns as estações officiaes, outros as associações commerciaes, industriaes, agricolas e operarias, e ainda, de dois medicos e de dois engenheiros de nomeação do governo.

O Estado, que se viu forçado a substituir a iniciativa particular, chama assim em seu auxilio a engenharia, a medicina e todos quantos possam concorrer para a solução d'esta vitalissima questão ou serem n'ella interessados.

Succede, porem, que appellando-se para o concurso de tão diversas collectividades, foram esquecidos os Architectos, por lapso certamente, pois não podem estes suppôr-se estranhos a um assumpto que tão directamente lhes diz respeito.

Na epocha que atravessâmos o utilitarismo que orienta as ideias modernas encontra nas artes um dos seus melhores cooperadores ; e assim é que a Architectura, sem abandonar as suas tradições de arte ornamental e monumental se integrou neste movimento.

O architecto, realisando o seu ideal de Arte na vivenda opulenta, não descura mas até com dedicação de apóstolo se occupa do grande problema da habitação operaria. E só lhe interessa, ahí, a esthetica? Não. Elle sabe bem da sua importancia economica e hygienica, e, em toda a sua complexidade, tem sempre encarado este problema os architectos de todos os paizes.

Pôr de parte os architectos portuguezes em qualquer tentativa de melhora-mento da habitação das classes proletarias seria desconhecer os importantes beneficios e o admiravel concurso obtido nos paizes estrangeiros pela collaboração de eminentes architectos n'este ramo tão interessante de architectura, taes como: Charles Lucas, Gódèboeuf, Constant Dufeux, Alexis Cendrier, Puteaux, Stanislas, Ferrand, Normand, Bartaumieux e Gaspar André, em França; Henry Robert, Scott Burn, Thomas Blashill e Fleming, em Inglaterra; Bowens, De-Fontaine e Gellé, na Belgica; Hoffman e Stahl, na Allemanha; Olaf-Schmidt, na Dinamarca; Melani, na Italia; e Ware, Flagg e Percy Griffin, nos Estados Unidos, etc.

E ainda recentemente Adolphe Augustin Rey para a realisação do importantissimo donativo de 10 milhões de francos cedidos pelo Barão de Rotschild para a construcção de um grupo de habitações economicas conseguiu executar um palacio monumental, verdadeira maravilha de hygiene, conforto e belleza, e em taes condições de economia que as diversas habitações se podem alugar por preço muito inferior á média das rendas na cidade de Paris.

Uma missão d'esta natureza não só representaria, pois, um injustificado desprestigio para a nossa classe como um prejuizo para a boa solução d'este problema para a qual a mesma classe tão utilmente tem contribuido.

Fundando-se n'estas razões, vem esta Sociedade pedir para ser representada pelo seu Presidente no referido Conselho superior de hygiene da habitação, nos termos da alinea D do artigo 6.º da lei em projecto, e que façam egualmente parte do mesmo conselho dois architectos nomeados pelo governo nos termos da alinea E do referido artigo.

Espera esta Sociedade do esclarecido espirito de V. Ex.^a se dignará de dar satisfação a tão justa pretensão.

Lisboa e Sala das sessões do Conselho Director da Sociedade dos Architectos Portuguezes em 30 de Junho de 1908.

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios do Reino.

O CONSELHO DIRECTOR

IV—ASSUMPTOS TECHNICOS

Ensino de architectura

(Parecer da Sociedade dos Architectos Portuguezes)

ILL.^{mo} E EX.^{mo} SR.

A Sociedade dos Architectos Portuguezes, tomando na mais alta consideração o convite que lhe dirigiu essa Direcção Geral para alvitrar o que por justo houvesse sobre a reforma do ensino da architectura, submete ao lucido criterio de V. Ex.^a as considerações seguintes :

A remodelação do ensino da architectura, nas Escolas de Bellas Artes de Lisboa e Porto, responde a uma urgentissima necessidade. Em nenhum paiz civilisado é tão deficiente e illogico o ensino d'essa grande arte que marca o estado de civilisação dos povos ; que impulsiona o desenvolvimento de todas as outras artes e de uma infinidade de industrias accessorias d'essa grande arte educadora do gôsto, e cujo valor economico se avalia pelos seus productos que representam uma consideravel parte da fortuna publica.

Basta lêr o programma do ensino architectonico da Escola Portuense de Bellas Artes para se verificar a sua extrema deficiencia. Essa escola, por onde têm passado tantos artistas que honram o nosso paiz, não dispõe para a educação dos seus alumnos architectos de uma unica cadeira scientifica, de uma simples cadeira technica auxiliar.

A Escola de Bellas Artes de Lisboa, apesar do seu pomposo programma, onde figuram nada menos de quatro cadeiras de historia da arte e da litteratura, que mais parecem destinadas a formar eruditos do que artistas, tem de ir pedir a outra escola de differente cathegoria e de character antagonico, — o Instituto Industrial, — um supplemento de educação para os seus alumnos architectos, aos quaes é fornecido, d'este modo, um ensino hybrido, desconnexo, tumultuario ; um ensino incompativel pelos horarios, qualidade, quantidade e obje-

Necessidade da reforma do ensino da architectura.

Defeitos da actual organisação do ensino.

cetivo; um ensino, que, dadas as faculdades de espirito que caracterisam a clientella discente dos dois estabelecimentos e os fins a que se destinam, chega a ser contraproducente.

Inconvenientes d'esta
organização.

Os resultados d'esta situação, são principalmente os seguintes: — a maior parte dos numerosos alumnos da escola do Porto, depois de terem perdido muitos annos com aquelle ensino incompleto, derivam, depois, para outras profissões, e apenas se aproveitam os que, á custa de sacrificios pessoaes, de tenacidade e de improbo trabalho, conseguem supprir, por si proprios, as deficiencias do ensino official; — os alumnos da escola de Lisboa, repudiam os cursos do Instituto que não attendem ás suas conveniencias e necessidades e têm preferido completar, irregularmente, os conhecimentos de que carecem para o exercicio da sua profissão, á custa dos mesmos esforços e sacrificios pessoaes. Mas como, ultimamente, a escola lhes tem difficultado a matricula no curso especial de architectura pela falta de cadeiras do Instituto esses alumnos desertam da escola de Bellas Artes, perdendo-se deste modo aptidões das mais apreciaveis, desaproveitando-se o ensino de professores competentissimos, mallogrando-se as despezas que o Estado realisa com esse ramo de ensino, e, mil vezes peor que tudo isso, deixando prever o momento, proximo, em que ao periodo de desenvolvimento architectural, que ultimamente se tem feito notar, no nosso paiz, se siga um periodo de retrocesso, devido á falta de artistas profissionaes que exerçam a architectura, passando, esta, para os dominios da engenharia, cuja preparação artistica é absolutamente nulla e cujas attribuições são litteralmente differentes, e ficando apanagio dos mestres de obras para os quaes a architectura é uma simples industria. Nessa altura, o nosso paiz daria mais um testemunho da falta dos direitos que se arroga para se inscrever no numero das nações cultas.

O que deve ser a edu-
cação do architecto.

Para desempenhar honrosa e utilmente o papel que lhe compete na sociedade moderna, o architecto necessita, em primeiro logar e acima de tudo, de uma solida, intensa e completa educação artistica, que o habilite a plasticisar as suas concepções. Carece, depois, de uma preparação technica e scientifica que o ajude a resolver os variados e complexos problemas da construcção e a acompanhar os seus modernos progressos e lhe faculte a analyse e o aproveitamento dos novos materiaes que a industria põe, cada dia, á sua disposição. Necessita, ainda, de uma ampla cultura geral que lhe permita comprehender as tendencias e necessidades modernas da vida social, de modo a dar satisfação ás suas multiplas exigencias, nos edificios que é chamado a realisar, quer se trate dos vastos monumentos de utilidade publica, quer das modestas habitações do proletariado. As complexas questões da esthetica e da salubridade das grandes aglomerações urbanas, devem-lhes ser tão familiares, como os minimos detalhes da decoracão de um movel ou os dispositivos praticos de um accessorio da architectura domestica.

É-lhe ainda indispensavel conhecer perfeitamente a historia da arte e os estylos architectonicos das grandes epochas de civilisação que precederam a nossa, não só para comprehender os monumentos antigos e poder restaural-os, com plena consciencia, mas para poder utilizar esses estylos com discernimento, supprindo assim a falta de um estylo contemporaneo, que ainda não logrou condensar-se e cristalisar-se, nos nossos tempos, por falta da homogeneidade de ideas, sentimentos, tendencias e costumes, que em outras epochas tornou possivel a creação d'aquelles estylos.

Tal é a orientação que deve presidir á organização de um ensino destinado á formação de architectos. E' essa a orientação que se está seguindo em quasi todos os paizes, de accordo com os conselhos da experiencia e com os votos emitidos insistentemente nos grandes congressos internacionaes de architectura, votos que são tambem os dos architectos portuguezes, os quaes aspiram a ver a sua profissão corresponder ás necessidades do paiz e ás necessidades da epocha, e exercida em egualdade de condições com as profissões mais elevadas, cultas e uteis.

Para concretisar as ideas que deixamos expostas, e, ainda, para definir a quantidade e qualidade do ensino a ministrar aos futuros architectos, apresentaremos o programma que nos parece mais idoneo, formulado não só de harmonia com o conhecimento que temos das escolas nacionaes e estrangeiras, mas, e acima de tudo, com o conhecimento das nossas proprias necessidades, e com a experiencia resultante da nossa pratica profissional.

Programma do ensino da architectura.

O curso de architectura deverá comprehender oito annos de estudo; sendo tres de preparatorios e cinco da especialidade.

A admissão ao curso preparatorio far-se-ha mediante a apresentação do certificado d'approvação nos exames de instrucção primaria, portuguez e francez, podendo estes ultimos ser suppridos por um exame d'essas disciplinas feito na propria escola.

As materias professadas nos differentes annos d'esses cursos deverão ser as seguintes:

Curso preparatorio de architectura

1.º ANNO

{ Desenho linear geometrico.
Desenho ornamental — (copia do relevo).
Desenho do antigo — (cabeças, dorsos).
Arithmetica e geometria plana.

2.º ANNO

{ Principios de geometria descriptiva com applicação á theoria das sombras e á perspectiva.
Modelação de ornato — (copia).
Desenho architectonico — (ordens classicas).
Desenho do antigo — (estatuas).
Algebra e geometria no espaço.

3.º ANNO	}	Modelação de ornato — (composição).
		Desenho do modelo vivo.
		Desenho architectonico — (elementos analyticos).
		Elementos de geographia, ethnographia e historia geral d'arte. Elementos de geometria analytica e trigonometria rectilinea.

Curso especial de architectura

1.º ANNO	}	Projectos de architectura.
		Composição decorativa, exercicios de estylisação e estudo dos estylos historicos.
		Principios de phisica, chimica e geologia.
		Geometria descriptiva, stereotomia e topographia.
2.º ANNO	}	Projectos de architectura.
		Historia da architectura.
		Theoria da architectura.
		Mechanica e resistencia de materiaes.
3.º ANNO	}	Projectos de architectura.
		Processos geraes e materiaes de construcção.
		Legislação e hygiene de edificios.
4.º ANNO	}	Projectos de architectura.
		Detalhes de construcção, caderno de encargos, orçamentos e administração de trabalhos.
		Classificação, restauração e conservação dos monumentos antigos.
5.º ANNO	}	Projectos de architectura.
		Esthetica e salubridade das povoações.

Os individuos que provarem por certidões ou attestados encontrarem-se habilitados em todas as disciplinas do curso preparatorio ou em parte d'ellas, pelo facto de as haverem estudado em outros estabelecimentos publicos ou particulares, ou ateliers de artistas, poderão ser dispensados da frequencia das respectivas cadeiras. Esta dispensa, porém, só terá logar quando os mesmos individuos forem approvados n'um exame de cada uma d'essas disciplinas, que deverá ser feito nas Escolas de Bellas Artes, sobre as materias do competente programma.

Os alumnos approvados em todas as cadeiras do curso especial de architectura, que provarem haver feito o tirocinio de dois annos nas obras do estado ou particulares, sob a direcção de um architecto e por elle attestado, serão admittidos a uma these final chamada «Concurso do Diploma» versando sobre um projecto da sua escolha, mas sancionada pela escola.

Esse projecto concebido e desenvolvido como se fosse para executar, com todas as peças graphicas: memoria descriptiva, caderno de encargos, medições e orçamentos, será presente ao conselho da escola perante o qual o candidato

terá de defender o seu trabalho, depois do que, lhe será conferido o diploma de architecto.

Uma disposição transitória deverá facultar o Concurso do Diploma aos alumnos que tiverem concluído ou estejam seguindo o curso da Architectura nas Escolas de Bellas Artes, que provarem ter feito, pelo menos, dois annos de tirocinio nas obras do Estado ou particulares.

Na organização do presente programma limitamo-nos a indicar o minimo de conhecimentos exigiveis ao architecto moderno, repudiando não dizemos, já, quaesquer materias que podessem constituir ourospeis de programma, mas tudo quanto não fosse essencial e basico.

Apesar d'isso, esse programma seria, ainda, excessivamente complexo, penoso e quasi prohibitivo, se não fosse devidamente interpretado. E' absolutamente necessario ter em vista que o architecto é sobretudo um artista; não pode nem deve ser um chimico, um mathematico, um geologo ou um historiador. De todas essas sciencias auxiliares se lhe devem ministrar os conhecimentos estritamente indispensaveis para a pratica consciente da sua profissão, sem o menor sacrificio, evitavel, do seu desenvolvimento artistico.

Para que o ensino possa ter esse character, os programmas, os methodos e os processos de cada disciplina têm de ser especiaes, o que torna imprescindivel integrar todo este ensino nas Escolas de Bellas Artes, onde deve ser professado, exclusivamente, por architectos, para attingir, precisamente, o fim que se deve ter em vista.

Recapitulando o que fica exposto, parece a esta Sociedade, que, qualquer reforma util a fazer no ensino da architectura, deverá ter por fim integrar o ensino especial nas Escolas de Lisboa e Porto, creando as cadeiras scientificas e technicas que lhes faltam, mas com um character positivo, pratico e synthetico que permita aos alumnos architectos completarem a sua educação profissional sem o menor sacrificio do largo desenvolvimento que deve ter a sua educação artistica.

Na Escola de Bellas Artes de Lisboa esse complemento de ensino representará para o Estado, um insignificante augmento de despeza, por isso que bastará nomear mais tres professores, podendo o resto das materias do programma que propomos, ser distribuido pelos actuaes professores, aproveitando, assim, melhor, a sua competencia e dedicação, sendo facil além d'isso, realizar algumas compensadoras economias, com a simplificação da engrenagem burocratica d'aquelle estabelecimento e com a adopção de um programma mais racional do ensino artistico, pois ha ali, a par de tantas deficiencias, muitas cadeiras que são verdadeiras superfectações e que muito convem substituir por outras absolutamente indispensaveis.

Na Escola Portuense de Bellas Artes a applicação do presente regulamento comportará maiores sacrificios, por isso que, até hoje, aquelle utilissimo esta-

Character, methodo e processo do ensino.

Conclusões.

belecimento tem sido votado a um descarroavel e injusto abandono por parte do Estado.

Mas, com sacrificio maior ou menor, não soffre impugnação que o Governo que promulgar uma reforma sensata do ensino da architectura, terá prestado ao paiz um relevante serviço.

Eis o que esta Sociedade tem a honra de responder á consulta que V. Ex.^a se dignou dirigir-lhe, ficando gratamente á disposição de V. Ex.^a para tudo quanto possa empregar-se a favor da arte nacional.

Deus Guarde a V. Ex.^a

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. Director Geral de Instrução Secundaria, Superior e Especial.

Lisboa, Sala das Sessões da Sociedade dos Architectos Portuguezes, em 16 de dezembro de 1908.

Pelo Conselho Director

O Presidente

JOSÉ ALEXANDRE SOARES

A HABITAÇÃO

Em trinta annos de vida associativa nunca acceitei com tanto agrado uma missão de estudo como esta para que a Sociedade dos Architectos Portuguezes acaba de eleger me conjunctamente com dois dos meus collegas, não só pelo assumpto como pelo meio em que este tem de ser tractado.

Effectivamente ha tambem tres dezenas de annos que, no exercicio publico ou particular da minha profissão, tenho sempre, mais ou menos, compilado notas acerca do problema enunciado, começando ha dez annos a publical-as, como quota parte de trabalho collectivo, na presumpção de interessar um maior numero na sua resolução.

Assim feita esta iniciação pela «Hygiene da Habitação», passei a occupar-me do «Sanatorium» e em 1905 publiquei um pequeno folheto que intitulei «Povoações salubres», de que tencionava pedir licença ao congresso para lêr alguns dos seus mais momentosos trechos (a).

a) — N'esse estudo, que no conjuncto intitulei «Construcção Moderna» procurei pois quanto possivel conciliar a hygiene com adequadas intenções d'arte; e por isso me não pareceu desacertado referir-me seguidamente a «alguns edificios portuguezes notaveis pela sua architectura» dos quaes o acaso permittiu ter de me occupar: Monumento de Mafra — Basilica da Estrella — Capella de Santo André.

D'aquelles dois, ambos do periodo moderno, se um é vasto, outro é correctissimo. O terceiro bastante modesto, como se sabe, se não tem as honras de monumento nacional, mereceria pela sua epocha, como coevo da nossa nacionalidade, ser conscienciosamente restaurado.

Ultimamente, tendo ido á capital ingleza tomar parte no VII congresso internacional de architectura, publiquei ainda uma pequena brochura «De Londres a Lisboa» na qual faço summaria indicação de «alguns edificios estrangeiros, notaveis pela sua architectura» que visitei não só em Londres como em Paris e Madrid.

Varias difficuldades se me offereceram então para estabelecer, como desejava, comparação entre o custo da construcção dos edificios vulgares n'essas tres cidades e na nossa, pois que na actualidade harmonisar a arte e a hygiene com a economia é de facto o mais interessante problema que se impõe ao architecto.

Não é este de facil resolução, evidentemente; mas tornado uma questão social inadiavel, e assim tambem estudado com consciencia, poderá mesmo chegar-se, segundo creio, á casa barata.

Foi pois na hypothese de que uma cuidada revisão d'esses meus modestissimos estudos daria um subsidio, ainda que insignificante, para trabalho de maior folêgo n'este sentido, que acceitei a delegacia da Sociedade dos Architectos Portuguezes junto da commissão de propaganda contra as habitações insalubres.

Circumstancias especiaes, porém, me impediram de comparecer, como desejava, á 1.^a sessão, esperando que esta falta me seja relevada. Vejo no entanto, pelas noticias a seu respeito publicadas, que o assumpto foi n'ella larga e pro-

* * *

Tempo houve em que d'entre algumas das tribus arabes do deserto, sahiam exprobações como esta: «Porquê consentiremos nós, os filhos do propheta, que estes gigantes de pedra estejam continuamente assoberbando a choupana humilde do arabe, que passa livre na terra?»

Hoje ainda ha em Portugal muita gente, que se diz illustrada, que não só assim pensa, como procede e, o que é peor, manda mesmo executar.

A criação do Conselho dos Monumentos Nacionaes veiu porem provar-nos que essa muita gente não comprehende todos os portuguezes que têm tractado da administração publica, e portanto que esses taes gigantes de pedra, representando durante seculos a historia do progresso humano, só exalçam quem os conserva.

Pena é que na actualidade as receitas do Estado não permittam continuar a obra grandiosa dos nossos antepassados, levantando tambem dignamente esses padrões de civilisação.

No entanto se os edificios publicos, que é mister construir, não podem por essa causa revestir o character monumental que lhes é proprio, devem pelo menos obedecer a regras de architectura que, não exigindo maior despeza, lhes dão pela sua linha correcta a mais accentuada feição artistica, que lhes é indispensavel.

E' nossa convicção que está passando entre nós o momento d'essa renovação, e ninguem tem o direito de a protelar.

«Se a nossa vida é um instante, continuavam os arabes, edifiquemos guarida que lhe baste: nossos filhos que alevantem como lhes aprouver a tenda do seu repouso.»

Este é o ponto momentoso, mas culminante da questão.

As opiniões a seu respeito estão ainda hoje mais ou menos divididas, porque se a habitação, segundo uns, não pretende perpetuar-se, tambem não deverá, segundo outros, attendendo mesmo ao seu custo, ser guarida que baste a uma só vida.

Todavia a proposta do actual governo para promover a construcção de habitações economicas, apresentada este anno ao parlamento, é sem duvida um importante factor para o seu inadiavel desenvolvimento.

Este projecto foi recebido com geral agrado, e assim o demonstrou o parecer favoravel da respectiva commissão parlamentar completando o Conselho de Hygiene com elementos technicos indispensaveis á sua funcção, o que leva a suppôr que essa muita gente vae felizmente rareando.

Mostra-se claramente que a desejada trilogia, de que nos estâmos occupando, a arte, a hygiene e a economia poderá ser uma das mais justas obras do seculo actual.

* * *

Eis pois dois factos com os quaes, embora isolados, nos devemos congratular.

Demonstram elles que nas regiões superiores da administração do Estado se pensou uma vez com sinceridade, e novamente se está pensando, na melhor orientação que deve presidir aos serviços de architectura em Portugal.

A opposição, que por ventura tenha por vezes contrariado esta orientação e que occultamente continue a levantar-se, não é legitima, porque se o fôra, viria abertamente á luz da discussão.

Outros factos que não são, como estes, conhecidos têm provado á evidencia a absoluta necessidade da autonomia d'estes serviços, e por isso essa orientação deverá naturalmente ser a que a Sociedade dos Architectos Portuguezes vem de ha muito reclamando como seu direito fundamental.

ficientemente versado, e que portanto não é já opportuno fazel-o; e por isso me limito agora a offerecer um exemplar d'esses meus modestos trabalhos aos promotores da propaganda contra as habitações insalubres (3).

*

* *

Ha, contudo, um ponto sobre o qual seria talvez interessante ainda insistir, embora elle possa parecer futil.

Casas para operarios? — Habitação das classes menos abastadas, diz o projecto de lei apresentado ao parlamento e que, com modificações, vae ser adoptado por este congresso.

Não me parece exacta a expressão. Operario? O que é operario?

Operarios seremos todos, operaria será a sociedade em geral.

Na actualidade não se admite naturalmente que haja quem, podendo, não trabalhe; donde se deduz que operario é synonymo de valido. E' o que ganha o pão de cada dia, trabalhando; é o que luctando assim para a conservação da existencia, e que tendo concorrido com regularidade para a caixa de pensões na invalidez (c), possa então usufruir o descanso a que tem incontestavel direito.

Se, por excesso de rendimento, alguém não quizesse trabalhar, pagaria ao Estado para aquella caixa de pensões, como valioso elemento da sua receita, a importancia do triplo do salario que de facto auferiria se, como era do seu dever, empregasse a sua actividade.

N'estes termos, pergunto: não ha ou não pode haver ricos ou abastados entre os que se chamam vulgarmente operarios? E' de crer que sim.

Para que se pretende pois estabelecer essa divisão de classes sociaes?

Além do que, como classificar a relatividade da riqueza? Onde é que ella começa e onde acaba a pobreza?

b) — Todavia, continuando n'esta sessão de 26-VI-908 a discussão da representação que sobre o assumpto foi entregue ao parlamento em 6-VII-908, occupei-me do arejamento, especialmente quanto aos espaços livres das povoações, e muito em particular da largura das ruas que, segundo minha opinião, além dos jardins, nunca deveria ser inferior a 10^m.

c) — Em Inglaterra o Estado, pela caixa de reformas dos operarios na velhice ou por inhabilidade, garante como se sabe uma pensão de cinco shillings por semana a todo o subdito britânico de mais de setenta annos de idade, cujo rendimento semanal não exceda dez shillings e um penny. A aposentação dos operarios exige assim a annuidade de dezeseis milhões sterlingos e a assistencia aos velhos é de seis milhões de libras.

Na Austria tambem ha pouco a camara dos deputados approvou por unanimidade a urgencia para uma moção dos socialistas democratas, concernente aos seguros dos operarios contra a velhice e inhabilidade. O governo interveiu dando immediatamente a sua approvação.

Em Portugal ainda a politica não permittiu que o parlamento tractasse d'este assumpto de administração publica, nem mesmo d'aquelle de que nos vimos occupando.

Não se sabe ao certo.

Pois n'este caso chamemos-lhes simplesmente *casas baratas*, e esta designação bastará, porque não é concebível, tractando-se da **habitação**: antiga que não seja saneada, ou moderna que não seja salubre.

*

*

*

Estando no uso da palavra, aproveito a oportunidade de n'esta sessão socialmente se reconhecer que o interesse geral que este palpitante assumpto tem merecido em todo o mundo civilisado fez reunir em 1904 o 1.º congresso internacional do saneamento e da salubridade da habitação (d).

E' para desejar pois que no proximo futuro anno Portugal ali se faça tambem representar.

Coincidindo aquella epocha com a da publicação do Anuario da Sociedade que, com os meus dois referidos collegas, aqui represento, a qual me auctorisa a declarar que vae offerecer tambem a este congresso a collecção d'esse seu boletim associativo, como elemento de consulta, n'elle então noticiei e tenho assim seguidamente communicado os seus votos, esperando da vossa benevolencia permissão para a leitura de parte do rapido esboço de considerações geraes com que summariamente os tenho acompanhado.

«.....

A observação das regras da hygiene é uma prova de esmerada educação, que só expontaneamente, e com o concurso geral, se poderá prestar; de contrario melhor seria abandonar a execução de obra tão grandiosa.

Revelam-nos as estatisticas, porém, que a população das cidades augmenta constantemente, dando logar a accumulções hygienicamente perigosas, por causa d'este difficilimo problema da habitação.

.....

E' pois uma questão social, que compete principalmente á administração publica, á qual, para que lhe não seja attribuida responsabilidade, cumpre melhor organisar os serviços e as respectivas leis e regulamentos, invertendo as

d) — Os ricos de dinheiro não pensam na existencia dos que luctam pela vida.

Habitarem uma boa casa, alimentarem-se fartamente, e usarem do melhor vestuario são indispensabilidades d'essa vida, que nunca os preocupou.

E' só á escolha dos gosos e vaidades mundanas que se dignam dispensar attenção.

E, embora o seu principio e o seu fim sejam eguaes, chegam a convencer-se de que são entes privilegiados, e por isso diferentes d'aquelles.

Não se lembram de que n'um rapido momento tudo naturalmente se pode inverter; não se lembram de que a civilisação tem o dever de resolver o problema do bem-estar social, não se lembram de que essas indispensabilidades são um direito, não d'alguns, mas da humanidade.

rubricas — guerra e paz — dos seus orçamentos, isto é, trocando a morte pela vida, para poder assim garantir a salubridade das povoações.

O 1.º congresso abordou e preparou pois para o estudo os assumptos geraes que tivessem mais directa relação com os differentes generos de habitação, e o 2.º, em 1906, desceu á especialisação de um certo numero de pontos urgentes, cujo estudo mais detido se impunha.

Não era facil, todavia, no decurso apenas de alguns dias em que os representantes, aliás os mais auctorizados de todos os paizes, se reuniram, ter-se attingido a completa solução do problema.

Uma das principaes preocupações d'esse congresso terá sido por certo conciliar a arte e a hygiene com a economia, iniciativa interessantissima, e que merece ser mais desenvolvidamente discutida, animada e tornada pratica.

Uteis debates tiveram pois lugar, chegando-se á conclusão de que os interesses d'aquellas tres cathogorias de congressistas (architectos, medicos e proprietarios), nem sempre estavam em opposição; e assim conseguiram lançar as primeiras bases d'um proximo accôrdo.

Foi este sem duvida o seu estudo, o seu fim commum—a sua obra.

Entre nós, porém, têm sido bastante descurados estes tão importantes assumptos; mas se por um lado a administração publica effectivamente lhe não tem ligado a precisa attenção, por outro são os proprietarios os mais culpados d'essa incuria. A sua unica preocupação, quando constróem, é o lucro do capital empregado.

Já não queriamos que elles tivessem o altruismo preciso para se lembrarem do damno que vão causar aos inquilinos dos seus predios, por falta de condições hygienicas, porque esta bôa qualidade não é em geral apanagio de argentarios, mas pelo menos que se lembrassem das suas familias e de si proprios.

Se uma bôa habitação estiver situada entre edificações insalubres, que alugue, aquella participará naturalmente dos defeitos d'estas.

O seu ouro é que infelizmente não é contagioso; só existe nas suas caixas fortes e ninguem mais o poderá aproveitar.

Façamos pois a propaganda contra a insalubridade, porque o que a Natureza concedeu a todos nós como indispensavel á vida foi ar, luz e agua.

26-VI-908.

J. LINO DE CARVALHO

(Architecto)

V—LEGISLAÇÃO

Legislação portugueza sobre edificação

Talvez que a minha insistencia em tratar sempre o mesmo assumpto pareça estranha a muitos dos nossos leitores mas a importancia que eu lhe attribuo servirá, para mim pelo menos, de sufficiente justificação para tal caturrice.

Foi publicado em 1893 o Regulamento de salubridade das edificações urbanas o qual não é isento de defeitos cuja correcção urge promover. Alguns d'esses defeitos já aqui tive occasião de os apontar, e sem repetir a sua indicação não deixo de para elles chamar a attenção dos architectos e constructores, os quaes supponho que não foram consultados para a elaboração de tal diploma mas devem ter tido muita occasião de ter motivos para não o poderem cumprir pelo antagonismo e confusão de alguns dos seus artigos.

Porque não teem os interessados no assumpto, isto é, todos os architectos, os constructores, e até os proprietarios procurado em uma acção commum ou isoladamente por cada classe, promover uma remodelação d'este regulamento, tornando-o mais completo, mais conciso e principalmente mais moderno?

Á Sociedade dos Architectos Portuguezes recommendo em especial o estudo d'este regulamento e que a sua remodelação seja objecto de uma representação que opportunamente seja por ella apresentada aos poderes constituídos.

*
* *

Existem, como já tive occasião de aqui expor, regulamentos e posturas varias sobre a construcção não só para edificios destinados a habitação como para outros e variados fins. Mas todos esses diplomas se aaham dispersos, e muitas vezes em completo desaccordo o que é muito peor.

Reunir em um só regulamento toda a legislação referente á edificação, seria prestar um verdadeiro serviço não só á nossa classe mas a muitas outras, como a nossa interessadas n'este assumpto.

*
* *

A Sociedade dos Architectos Portuguezes tem já por vezes tido occasião de collaborar com a sua consulta ou com a sua delegação em alguns dos seus membros, na redacção e elaboração de documentos que devem ser convertidos em leis e que são de evidente interesse para a nossa classe e por isso não é descabido o nosso appello para que ella envide os seus esforços para a coordenação e concordancia da legislação dispersa sobre edificações.

Já foi consultada sobre a reforma do ensino de architectura e um dos seus socios collaborou de uma maneira distincta na reforma do regulamento de segurança dos operarios, documento cuja conversão em lei se acha demorada por motivos que ignoramos.

Se a Sociedade dos Architectos Portuguezes conseguir pelos seus esforços a revisão e unificação dos regulamentos e leis sobre edificação, tornando-os claros, modernos e precisos nas suas determinações, prestará á nossa classe e áquellas a que tal assumpto pôde interessar, um revelante serviço.

ALFREDO D'ASCENÇÃO MACHADO

(Architecto)

VI—VARIA

Exposição Nacional do Brazil de 1908

Salvé, Brazil.

A grande nação brasileira, depois de entrar no caminho amplo dos grandes commettimentos, após a queda do imperio, accusando um desenvolvimento notavel e uma marcha progressiva de tal ordem que tem surprehendido a propria Europa, acaba de realisar uma Exposição Nacional na capital do Rio de Janeiro.

Não esqueceu aquelle paiz que entre as manifestações que attestam o progresso e a civilisação d'um povo, é sem contestação, o culto pela arte.

Assim, depois de ter conseguido uma grandiosa realisação pratica d'este culto, transformando uma cidade velha e anti-hygienica, em uma das mais bellas e modernas do mundo introduz ainda na sua Exposição Nacional uma secção de bellas-artes.

Portugal, que foi, exclusivamente, convidado a representar-se n'este grandioso certamen nacional, recebeu o convite com o maior enthusiasmo e desvanecimento, como era licito de esperar.

Os artistas portuguezes, avaliando a importancia do certamen e sentindo pulsar nas suas veias os laços ethnicos que os prendem ao Brazil, corresponderam ao convite, em grande numero revestindo de grande brilho as diversas manifestações da arte portugueza que se apresentaram no Pavilhão Portuguez para esse fim especialmente construido.

Da pleiade dos artistas portuguezes que então contribuíram com o seu trabalho e talento para a representação artistica de Portugal no Brazil, encontram-se, pintores, esculptores, architectos, aguarellistas e artistas que enviaram trabalhos de desenho, pastel e arte applicada.

O jury d'admissão dos trabalhos foi composto de José Simões d'Almeida, esculptor, Jorge Colaço, pintor, Francisco Carlos Parente, architecto, José Velloso Salgado, pintor, e Constantino Sobral Fernandes, pintor, sendo depois eleito delegado da secção portugueza de Bellas Artes, o sr. Jorge Colaço.

O numero total dos artistas expositores foi de 75, que apresentaram 344 trabalhos divididos pela ordem seguinte :

Pintura a oleo.....	162
Esculptura.....	18
Architectura.....	67
Pastel e desenho.....	11
Aguarella.....	35
Arte applicada.....	51

Entre o numero d'artistas e trabalhos mencionados, destacam-se os nomes de Sua Magestade El-Rei D. Carlos I, com um quadro em pastel, medindo 2^m, 11 × 1^m,45, com o titulo «Paysagem alemtejana», e um quadro a oleo de S. M. a Rainha Senhora D. Maria Amelia, com o titulo «Um carro de bois».

As commissões do jury Superior da Exposição, foram de parecer que em homenagem aos soberanos, fossem considerados os seus quadros fóra do concurso, devendo o jury pedir ao seu Governo, que em lembrança d'esses trabalhos na sua Exposição Nacional, mande cunhar duas medalhas commemorativas para serem offercidas pelo Brazil a S. M. El-Rei D. Manuel e a S. M. a Rainha Senhora D. Maria Amelia.

As recompensas conferidas aos artistas foram na sua totalidade de 53, sendo para os pintores 5 grandes premios, 7 medalhas d'ouro, 10 medalhas de prata e 12 medalhas de bronze; para os esculptores, 6 medalhas de ouro, e 1 de prata; para os architectos, 6 medalhas de ouro e 3 de prata; e para os aguarellistas, 1 grande premio, 1 medalha de ouro e 1 medalha de bronze.

Dos architectos expozeram trabalhos os seguintes artistas que seguem pela ordem de classificação das recompensas obtidas:

Com medalha de ouro

Miguel Ventura Terra
 José Marques da Silva
 Francisco Carlos Parente
 Manuel Joaquim Norte Junior
 Raul Lino
 Alvaro Machado

Com medalha de prata

Antonio do Couto Abreu
 Frederico Evaristo da Silva Gomes
 Arthur Manuel Rato

Os trabalhos expostos pelos architectos mencionados, e que foram todos quantos concorreram, são os seguintes:

MIGUEL VENTURA TERRA

Projecto para o Palacio do Congresso Nacional para o Rio de Janeiro.

(Este projecto foi apresentado no concurso internacional realizado para esse palacio e ahi premiado, pertencendo hoje ao Governo Brasileiro).

JOSÉ MARQUES DA SILVA

Projecto da estação central do Porto.

(Em construcção)

Projecto do edificio da Sociedade Martins Sarmento (Guimarães).

(Em construcção)

FRANCISCO CARLOS PARENTE

Projecto para um circo equestre.

Projecto para uma igreja em estylo romanico.

(Este projecto foi apresentado em concurso realizado em Lisboa entre os architectos portuguezes, obtendo o 3.º premio).

MANOEL JOAQUIM NORTE JUNIOR

Projecto para um circo equestre.

Projectos para :

Casa de A. Rey Colaço.

- » » J. Batalha Reis.
- » » J. J. Ferreira.
- » » José Relvas.
- » » Conde Armand.
- » » Conde Armand.
- » » campo.
- » » campo.
- » » Lisboa (frontaria).
- » » campo economica.

RAUL LINO

Projecto para a igreja da Immaculada Conceição (Lisboa).

(Este projecto foi apresentado no concurso realizado em Lisboa, entre os architectos portuguezes, obtendo uma menção honrosa).

Projecto para a frontaria de uma casa em Lisboa.

Projectos para :

Casa de Mario Artagão.

- » » Branco Rodrigues.
- » » José Malhõa.

ALVARO MACHADO

Projecto para uma Igreja Monumento á Immaculada Conceição.

(Este projecto foi apresentado em concurso realisado em Lisboa entre os architectos portuguezes, obtendo o 2.º premio).

Projectos para o viaducto sobre a Avenida Ressano Garcia (Lisboa), Casa de Saude Portugal-Brazil, Tumulo do architecto portuguez Domingos Parente da Silva, Collegio de M.^{me} Roussel, Monumento a Eduardo Coelho, Casa de habitação de D. Olympia de R. Branco, Sala de jantar do Dr. Mauperrin Santos, Tumulo dos Viscondes de Valmór e Sapataria Coimbra & C.^a.

ANTONIO DO COUTO ABREU

Projecto para um Pantheon.

FREDERICO EVARISTO DA SILVA GOMES

Projecto do monumento á Immaculada Conceição. (Em construcção) — Lisboa.

Este projecto foi apresentado em concurso realisado em Lisboa entre os architectos portuguezes, obtendo o 1.º premio).

Projecto para «Um Palacio Real» para residencia durante a epoca balnear.

ARTHUR MANOEL RATO

Projecto para um casino.

Mais uma vez os architectos portuguezes acabam de demonstrar o seu constante progresso, honrando assim o seu paiz, a arte e a classe a que pertencem.

Cabe aqui, n'esta resumida descripção sobre o que foi a representação dos artistas portuguezes na Exposição Nacional do Brazil, congratularem-se os architectos, que tanto se teem interessado pelo ensino technico industrial no nosso paiz, pelas recompensas que obtiveram as escolas industriaes Marquez de Pomal, Affonso Domingues e Principe Real, tendo as duas primeiras, grandes premios, e a ultima, medalha de ouro.

Esta nota foi devéras lisongeira para os architectos portuguezes, que endeçam n'este logar as suas felicitações aos expositores e aos dignos directores d'aquelles estabelecimentos de ensino technico.

Finalmente, coube tambem á Sociedade dos Architectos Portuguezes um quinhão de gloria, alcançado em terras d'além-mar. Foi conferida a medalha de ouro ao seu Annuario.

Esta Sociedade, reconhecida por esta distincção conferida ao seu Annuario pelos seus irmãos do Brazil, recebeu como que mais um sopro de coragem e de alento, para proseguir na encarnçada lucta das suas prerogativas, no alevantamento da sua classe e na conquista dos seus legitimos direitos.

Gloria, pois, ao Brazil.

ADOLPHO A. MARQUES DA SILVA
(Architecto)

EXCURSÃO A MAFRA



PARA a quarta excursão annual promovida pela Sociedade dos Architectos Portuguezes foi escolhida Mafra, onde a magnificencia de D. João V fez edificar o grandioso monumento que é constituido pela famosa basilica, convento e palacio real, que empolga inegavelmente pelas suas dimensões, pela perfeição e detalhe interior da egreja e principalmente pela riqueza que se accumula n'aquelle enorme edificio, que só tem o seu paralelo no Escorial, o não menos famoso pantheon dos reis de Hespanha.

No dia 26 de abril de 1908 grande numero de architectos acompanhados de bastantes senhoras de suas familias e que n'estas excursões, dando sempre a nota graciosa da sua presença, já não saberiamos dispensar, tomava o comboio da

manhã e em alegre e fraternal convivio seguira para Mafra, na esperanza não desmentida de passar um bello dia, em que aos ideaes artisticos que motivavam este passeio se havia de alliar a cordealidade, que tem sido sempre a nota predominante de todas as excursões, que a nossa Sociedade tem levado a effeito.

No percurso entre a estação e a villa numerosas carruagens conduziram os excursionistas que, ao mesmo tempo que aspiravam pelo caminho as balsamicas emanações dos pinheiraes, iam preparando o apetite para o almoço, que os devia esperar em Mafra, repartindo entre si farneis de que algumas damas mais previdentes se haviam munido e que bizarramente offereciam aos que não pensaram como as horas matinaes são longas, quando o estomago excitado nos faz antever muito distante o momento de o tranquillisar.

À chegada á villa, onde se realizava a feira annual, os excursionistas foram recebidos com geral entusiasmo, sendo n'essa occasião lançadas algumas girandolas de foguetes, como demonstração de alegria por esta visita. N'este momento o muito conhecido carrilhão começou tocando algumas das suas melhores peças de musica, ouvidas com agrado pela assistencia.

Seguidamente tomou a palavra o architecto sr. J. Lino de Carvalho, organisador d'esta excursão, que disse:

«Conhecer de visu os nossos monumentos tem sido o fim especial das excursões annuaes da Sociedade dos Architectos Portuguezes.

Batalha, Evora e Thomar têm seguidamente assim merecido a sua cuidada attenção.

A prova da utilidade d'este estudo pratico é sem duvida o melhor certificado da iniciativa; hoje porém que o Conselho Director nos trouxe a Mafra, incumbindo-me de mostrar a V. Ex.^{as} um dos maiores senão o mais vasto dos nossos edificios monumentaes, peço-vos que tenham a amabilidade de me dizer se não seria ainda conveniente que n'estas nossas visitas fôssemos acompanhados pelas sociedades congeneres, que se interessam pela arte, e pelos criticos que lhe prestam os devidos preitos de homenagem, a fim de que a propaganda seja mais largamente generalizada?

Não engrandeceríamos assim a nossa missão?

E por parte da administração publica, como quer Portugal que os seus monumentos sejam conhecidos, não proporcionando para tal fim aos excursionistas os meios mais elementares?

O monumento de Mafra dista duas leguas em estrada ordinaria, mal conservada, como acabâmos de vêr, da respectiva estação de caminho de ferro.

Compreende-se pois que alguns bons portuguezes intentem esta travessia para o admirar, mas querer que estrangeiros, em rapida visita ao nosso paiz, aqui venham, parece-nos que é verdadeira exigencia.

Pois a concessão de um tremvia electrico ou de um serviço regular de automoveis, seria por acaso muito difficil de realisar-se?

E se este trajecto se julgasse mais vantajoso partindo de Cintra, pela Eriçeira, attendendo aos seus admiraveis panoramas, sel-o-hia muito mais?

Não, por certo.

Logo temos que confessar que o meio em que vivemos ainda não abrange de uma fôrma positiva o sincero culto pelas cousas da arte.

Não deveríamos portanto n'este sentido representar perante a competente auctoridade?

Ainda mais. Não havendo, como é mister, um guia simples, sem longas descrições, bem illustrado, methodico, de facil consulta, editado em duas ou tres linguas; e ainda mesmo portatil, elegante, constituindo uma recordação; não havendo guardas intelligentes, cortezes e devidamente uniformisados, que tivessem conhecimento, alem da lingua portugueza, de mais uma ou outra estrangeira; não havendo, enfim, um livro que recolha a opinião dos visitantes, e consequentemente não havendo todos os attractivos e commodidades que, sendo de ha muito vulgares lá fóra, dariam simultaneamente interesse ao touriste e ao paiz; não seria acertado um honesto accôrdo entre o governo e a nossa sociedade, para supprir todas estas faltas?

Fico aguardando o vosso auctorizado parecer, e no entanto passarei a occupar-me, posto que resumidamente, da grandeza do monumento.

40.000.^{m²} de superficie coberta, multiplicada pelo seu grande numero de pavimentos e sommada com a dos jardins e tapada, cujo perimetro é de 20 kilometros, dão ao monumento de Mafra a área, que não é vulgar, de um bairro moderno.

Foi seu architecto João Frederico Ludovici que, sendo auctor do projecto, foi tambem, como então era de uso entre nós, o unico director dos trabalhos de construcção até sua final conclusão.



A situação do edificio, orientado oeste-leste

É evidente que esta circumstancia foi da maior importancia para elle, para a sua grande obra e para o nosso paiz.

Começou a edificação em 1717 (D. João V) e concluiu-se treze annos depois pelo custo approximado de 50 milhões de cruzados, ou sejam 20 000 contos de réis.

A cota do terreno é de 214 metros acima do nivel do mar, a qual,

attenta a situação do edificio, cujo eixo principal está, como V. Ex.^{as} vêem, orientado oeste-leste, lhe proporciona um esplendido panorama.

Ainda me não foi dado examinar detidamente a sua fundação, mas constame que a profundidade dos alicerces pouco excede a 5.^{mo}.

A escadaria d'accessão ao corpo central harmonisa a esthetica da fachada oeste, principal, que tendo 27.^m,0 d'altura, mede 220.^m,0 de comprimento; nas suas linhas geraes destacam-se, como estaes vendo, as duas torres centraes com a altura de 68.^m,0 definindo o templo, e os dois torreões lateraes com a de 50.^m,0. N'esta e nas restantes fachadas ha 4:500 portas e janellas.

Nas torres ha 114 sinos, comprehendendo os 48 do muito fallado carrilhão, tendo um d'estes o diametro de 2.^m,40 com o peso de 10:000 kilogrammas.

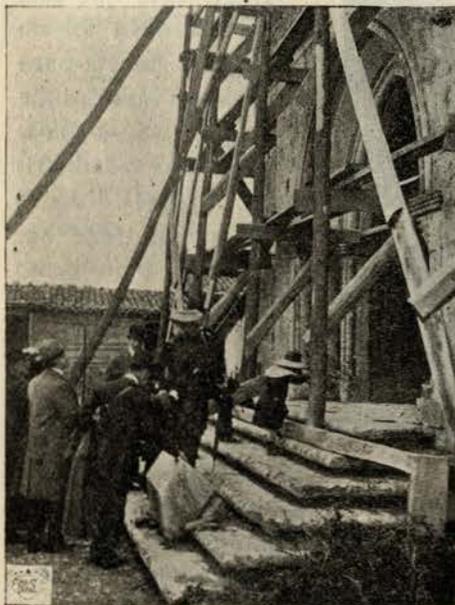
O que é a architectura d'este colosso vêem-n'o V. Ex.^{as} bem: o classicismo dispondo correctamente de todas as ordens.

Se encontrâmos a toscana na base dos torreões, a dorica e a jonica nos pa-

vimentos que se lhe sobrepõem, vemos no seu pavimento nobre a composita correndo este nivel em toda a fachada; e se o corpo central entre as torres nos apresenta, como é facil de observarmos, a jonica nas columnas do seu peristylo, as proprias torres, quando libertas dos niveis geraes da mesma fachada, dão-nos novamente a dorica e seguidamente a corinthia para rematar pela composita.

O frontão triangular, corôado pela cruz, tem no seu tympano um baixo relevo de bôa esculptura, que representa a Virgem, o Menino Jesus e St. Antonio, titulares da egreja.

Eis o que de interessante nos offerece esta face do edificio, o qual se impõe mais pelas suas gigantescas dimensões e precioso detalhe, principalmente interior



Capella de St.^o André — Exterior

como veremos, do que sob o ponto de vista artistico no seu conjuncto; no entanto o zimbório do cruzeiro é uma esplendida peça architectonica, que por si só constitue uma obra de valor real como concepção, como traça e como construcção, e que terei occasião de lhes mostrar mais facilmente quando, depois de percorrermos interiormente toda a grandiosa edificação, nos encontrarmos nos terraços.

E, se V. Ex.^{as} assim o entendem, passemos por sua vez ás outras tres fachadas, para assim concluirmos o exame do exterior do monumento que, segundo o programma da nossa excursão, faz parte do passeio pela villa; e, findo este, aquelle nos determina a immediata visita á obra de reparação geral da Capella de St. André, da qual, por estar tambem sob a nossa direcção, vos darei uma leve referencia.»

Em vista do que se dirigiram pois os excursionistas para a Egreja de Santo André afim de examinarem as obras de restauração, tambem como se sabe a cargo do mesmo architecto, ao qual os artistas presentes dirigiram palavras de merecido elogio, não escapando aos kodaks e outros aparelhos photographicos dos nossos collegas alguns pontos mais importantes d'este edificio religioso.

Annuindo assim gostosamente ao convite do distincto architecto, d'este receberam os excursionistas a seguinte interessante communicação:

«Entre as visitas, exterior e interior, ao monumento de Mafra temos pois, se V. Ex.^{as} o desejam, oportunidade para conhecer a antiga séde da freguezia.

A chamada capella de St. André, que foi egreja parochial de Mafra, está actualmente fóra do centro da villa, devido naturalmente á ampliação que esta povoação adquiriu no primeiro quartel do XVIII seculo, em seguida á edificação do monumento.

Crêmos poder attribuir ao seculo XII a primitiva construcção d'este pequeno templo, não obstante as importantes reparações que sem duvida soffreu depois no seculo XIV.

Antes porem de proseguir nã sua breve descripção, seja-me licito dizer-vos que quando este edificio me foi entregue existiam, como hoje, as paredes exteriores que em planta formam um rectangulo de $20^m,65 \times 13^m,15 = 271^m^2,54$, accrescido este pelo nascente de um polygono irregular mas symetrico, que augmenta de $9^m,05$ o eixo geral da edificação, destinado á capella-mór, cuja largura é de $7^m,25$.

Esta divisão era ainda definida pela cobertura que, se sobre as naves era de telhado mouriscado, era como vêmos de abobada na dita capella.

Sem a menor referencia official que me esclarecesse, apenas um ligeiro ante-projecto officiosamente me foi facultado.

N'estes termos, salvo uma torre de sinos que, não pertencendo á construcção primitiva, affrontava pelo sul a parte posterior do mesmo edificio religioso, e que por este motivo logo demolimos, tudo nos evidenciava que teriamos de proceder a uma restauração do ogival primario, que se nos apresentava não só na já mencionada capella-mór, como tambem nos porticos da fachada principal e da lateral sul, de que aquella e estes são exemplares muito interessantes, como V. Ex.^{as} poderão verificar.

Foi n'esta hypothese portanto que, ao par e passo que fômos restaurando as paredes e as abobadas da dita capella-mór, se traçou um primeiro estudo que, concluido em 30 de junho de 1906, não chegou a ser apreciação competente, por então, mas só então se considerar que se tractava apenas de reparos necesarios.

Esta circumstancia imprevista obrigarã á immediata suspensão dos trabalhos, se não fôra a de não ter sido a obra mais uma vez dotada no anno economico de 1906-07, dando esta interrupção facil oportunidade á modificação do projecto que, na importancia de 16:569.7000 réis, assim elaborei ha proxima-mente um anno, e que ainda está sujeito ás instancias officiaes.

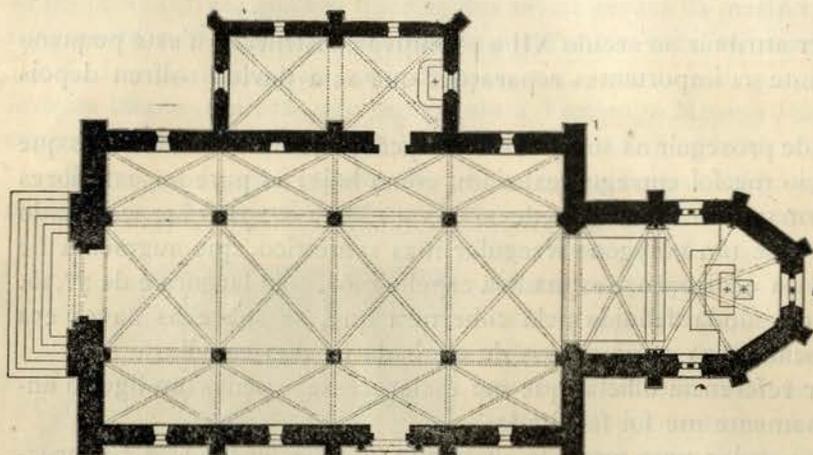
Continuando portanto a descrever, posto que resumidamente, a antiga séde da freguezia de Mafra, dir-vos-hei que seis degraus lhe dão accesso pelo poente, como V. Ex.^{as} vêem, garantindo-lhe magnifica situação.

O conjuncto da edificação está perfeitamente livre dentro do seu recinto murado, denotando-se ainda n'este os alicerces de antigos annexos ou dependencias que, como vamos vêr, foram parcialmente utilizados pelo projecto.

Em vista do que acabo de vos referir, cabe-me pois n'esta occasião o dever perante tão auctorizados collegas de justificar a solução ultimamente ado-

ptada, na qual procurámos conciliar quanto possível a qualidade da obra a executar com a importancia da verba a dispendir.

Assim, como V. Ex.^{as} podem vêr pelo dito projecto, sem a pretensão de uma perfeita restauração, e conservando por isso todo o existente, limitei-me a construir a sachristia sobre parte de antigos alicerces, a completar o restau-ro da capella-mór e repôr as tres naves, e a corôar a fachada principal



Capella de St.º André — Planta

com a imponente simplicidade da cruz.

A sachristia tem em dois pequenos compartimentos a área superficial de pouco mais de 30^m², indispensavel ao exercicio do culto.

A' capella-mór de que apenas falta, como estâmos notando, a conclusão de dois vãos de janella e a reparação de alguns fustes de columnas, é dado o preciso acabamento.

A structura das naves será devidamente constituida por cantaria, sendo todavia as suas abobadas de tijolo, guarnecidas a cal, bem como todas as paredes, interior e exteriormente.

Eis singelamente em conjuncto a que se propõe o meu estudo.»

Depois do almoço encaminharam-se novamente os architectos e suas familias para o interior do monumento, cuja visita foi tão minuciosa quanto o permittiu o tempo disponivel, e durante a qual o architecto sr. Lino de Carvalho fez a descripção que vamos reproduzir, sendo os poucos momentos de descanso aproveitados para a photographia de varios grupos de excursionistas e de alguns trechos mais interessantes do edificio:

«A distribuição geral da grande mole architectonica de que hoje nos estamos occupando, comprehende o convento, a egreja e o palacio real.

O primeiro e o ultimo só estão a nosso cargo quando obras extraordinarias o reclamam, por isso que o nosso serviço ordinario é o da conservação da ba-

silica, e portanto começemos por esta para que á benevolencia das entidades, que superintendem n'aquelles, se deva a obsequiosa recepção da nossa visita.

— Entrando no vestibulo do templo, e seguindo depois pelas suas naves, vejo que V. Ex.^{as} confirmam immediatamente o que vos disse acerca da perfei-



Grupo de excursionistas

ção de todos os detalhes do monumento e portanto me vou limitando a dar-vos algumas das suas maiores cotas.

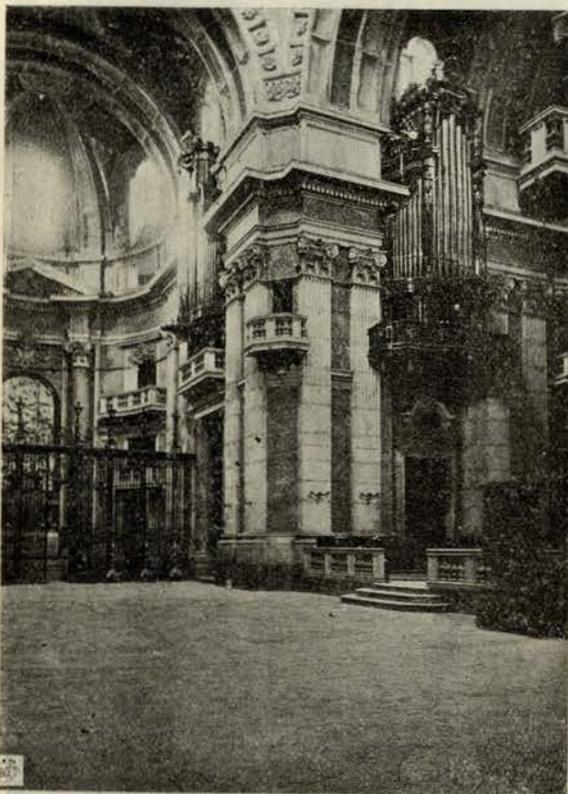
O eixo longitudinal da igreja é de 64^m,35 e a altura de 21^m,0.

As naves lateraes comportam seis capellas, cujos retabulos em marmore são, como estamos vendo, primorosas.

No cruzeiro, além das capellas, salientam-se nos 4 bellos orgãos e na capella-mór mais 2, que de facto são optimos.

Como complemento da egreja, vejâmos agora a sachristia, que mede $22^m,45 \times 8^m,45$. O frontal do altar é em mosaico, com V. Ex.^{as} vêem, e os arcazes em obra de talha têm ferragens magnificas.

As dimensões d'esta outra sala, destinada especialmente a lavabo, que é



Egreja (CRUZEIRO)

bastante rico no seu bello ornato de marmore, são de $13^m,55 \times 5^m,55$.

As outras faces exteriores da egreja melhor as veremos quando subirmos aos terraços, e por isso vos peço que me acompanheis agora á antiga habitação collectiva dos frades.

— O convento, segundo a primitiva traça, occuparia toda a restante edificação; comtudo foi então superiormente resolvido que, sendo augmentada a sua área, parte d'ella se destinasse a palacio real.

Continuando pois a fornecervos cotas, chamo a attenção de V. Ex.^{as} para a portaria-mór do convento, no centro da fachada sul, que se completa por um salão, de $19^m,05 \times 9^m,10$ de uma decoração singela, mas distinctamente caracteristica, como vêmos.

D'esta entrada passaremos á escada principal, cuja caixa mede

$19^m,35 \times 10^m,90$; guarnecida de marmore, bem illuminada e ventilada, é dividida em lanços que, não obstante se ramificarem em sentidos oppostos para servirem os differentes pavimentos, se encontram nos seus patamares aos niveis de todos elles. Para maior facilidade, no entanto, uma perfeita distribuição de escadas de serviço estabelece ainda a communicabilidade entre os mesmos pavimentos, nos quaes corredores de grande extensão e pateos bem illuminados dão logar a um grande numero de cellas de $4^m,80 \times 4^m,20$ onde habitaram 300 frades.

Os compartimentos communs são verdadeiros salões de bôa construcção e por isso vejâmos os principaes :

CASA DA FAZENDA.—Tem apenas importancia o seu contheudo, que se diz ter custado muitos milhões de cruzados.

E' esta uma serie de salas, cuja área total é de proximaente 570^m^2 . ($38^m,40 \times 14^m,80$), onde se guardam relicarios, thuribulos, cêra, castiças, paramentos, alcatifas, vasos sagrados e outras alfaias, que só em sêda têm de peso mais de uma tonelada.

BIBLIOTHECA.—E' a sala de aspecto mais grandioso; mede $84^m,65 \times 9^m,50$. Como se vê alarga ao centro em angulo recto, onde a sua altura sobe a $13^m,00$.

Todo o seu piso é de marmore em xadrez, que n'este centro é de gracioso ornato.

As paredes são, a determinada altura, divididas por uma galeria e guarnecidas por estantes de magnifica obra de talha, onde se contêm 30.000 volumes sobre arte e sciencia.

A sua bella luz é fornecida por 50 janellas.

SALA DO CAPITULO.—Tem valor a sua construcção porque é elliptica; o seu eixo maior é de $24^m,30$.

SALA DOS ACTOS.— $25^m,65 \times 9^m,10$ —o seu piso é de bom marmore, como a moldura do quadro da Virgem, que decora a parede principal.

REFEITORIO.— $48^m,50 \times 9^m,10$ —piso de marmore; paredes nuas, cortadas apenas por 20 janellas, tres d'ellas ainda por portas sobre duas das quaes ha dois pulpitos, communicando a terceira com a casa denominada *de profundis* de $25^m,15 \times 9^m,15$. Na quarta parede tem o quadro da Ceia. Sobre pilastras tambem de marmore 36 mezas de madeira exotica e respectivas bancadas que, alem de ricas, são muito commo- das, como podemos experimentar.

A illuminação artificial é a de 9 lampadas metallicas, suspensas da abobada.

Segue se :

LAVATORIO.—Que, como natural complemento do refeitorio obedece á mesma falta de ornamento, differindo apenas em ser octogonal a sua projecção hori-



Convento (COZINHA)

sontal, cujo raio é de $4^m,65$, o que dá muito bem logar a 4 lavabos de mármore com 24 torneiras de bronze.

Iluminação regular.

COZINHA. — Além das suas dependencias, tem a área de $20^m,85 \times 11^m,00 = 229^m,50$. Continua o mármore no piso, nas mesas e nas pias de lavagem.

Paredes forradas de azulejo branco e duas enormes chaminés, n'uma das quaes as antigas fornalhas estão substituidas por grande fogão moderno.

ENFERMARIA GERAL. — E' uma sala de $30^m,05 \times 8^m,80$ com uma larga coxia central, como ainda hoje se observa nos sanatorios.

As camas dispostas lateralmente são todavia separadas por divisorias de madeira e assim fôrradas superiormente.

Ao fundo um altar.

Pouca luz e muito pouco ar.

A sala contigua serviu ainda como enfermaria particular, mas quasi em idênticas condições hygienicas.

Estas enfermarias tinham facil communicação com a pharmacia de $26^m,60 \times 6^m,60 = 175^m,2$ em cinco compartimentos, e seu respectivo deposito.

CAPELLA FUNERARIA. — Tem caracter a sua decoraçào e mede $26^m,45 \times 11^m,00$, communicando immediatamente com o chamado Campo Santo, onde se acham regularmente dispostas as respectivas campas.

JARDINS E TAPADA. — N'esta occasião apenas nos referimos ao jardim interior, porque elle faz parte, por assim dizer, da grande edificaçào.



Palacio (BIBLIOTHECA)

E' em planta um quadrado de $60^m,25$ de lado e está situado ao centro do convento com o qual communica por quatro portas, cujos eixos se cortam em angulo recto.

Ruas orladas de buxo formam placas de verdura, onde se destacam um grande lago central e quatro lateraes symmetricamente dispostos. bancos e vasos de mármore, tudo o que em conjuncto, produz bom effeito.

De resto esperâmos para quando, terminada a visita ao monumento, ali fôrmos, melhor os apreciarmos.

Aqui chegados, se V. Ex.^{as} não determinam o contrario, visitaremos agora o palacio.

— O palacio real occupa uma parte muito importante do monumento.

A sua descripção seria difficil, porque grande numero das suas salas, das



A cobertura d'esta obra é constituída pelos terraços

suas camaras e, em geral, dos seus aposentos têm em diferentes epochas soffrido alterações muito sensiveis.

A sua escada nobre, como vêem, é magestosa, e a sua primeira galeria (oeste), entre os dois torreões da fachada principal, é pela sua extensão de 168^m,0 realmente imponente, como já vamos vêr.

Ao centro, que é o eixo longitudinal de toda a edificação, ha uma rica sala de 26^m,25 × 6^m,80 com a altura de 9^m,80, tendo como vestibulos dois compartimentos symetricos, que correspondem n'este pavimento ao atrio da egreja, todos fôrrados de valiosos e bellos marmores.

E' pois evidente que a restante distribuição em que, comprehendida a

egreja e o convento, se comportam 880 salas, corresponde a esta extraordinaria grandeza.

Para terminar diremos que a cobertura d'esta obra é constituida pelos terraços que, dando facil sahida ás aguas pluviaes, rematam superiormente o grande todo, que é protegido por um completo systema de pára-raios. Entre as abobadas d'estes terraços e as das salas do ultimo pavimento ha uma galeria geral que, funcionando muito convenientemente como caixa d'ar, faz ao mesmo tempo com que o peso dos ditos terraços actue directamente sobre as paredes.

Esgotadas as minhas pobres notas sobre o rico monumento, em que os seus principaes materiaes são marmores polidos de Carrara nas estatuas e portuguezes nas outras peças; são metaes como o ferro de 1.^a qualidade e como o bronze nos ornatos cinzelados; e são ainda as madeiras exoticas abundantemente applicadas, que a nossa colonia americana do Brazil então nos fornecia; diremos finalmente que 30 a 40 mil foi o numero de collaboradores n'este trabalho colossal.

Mas, este exercito de paz teve ainda de ser reforçado pela sua reserva com mais 10 mil homens, afim de que a sagração do templo se realisasse a 22 de outubro de 1730, chegando portanto a affluirem aqui 50.000 operarios. Peço pois a V. Ex.^{as} queiram ter a bondade de tomar logar nas carruagens para nos dirigirmos á tapada.

Aos trechos photographicos das vossas detectivas pertencerá a descripção graphica das bellezas naturaes que ella encerra, e d'ellas resultará ainda a melhor nota da nossa excursão artistica a Mafra.»

Terminado o passeio que se realisou da maneira mais agradável, voltámos ao Hotel Duarte onde nos foi servido o jantar. Ao *toast* trocaram-se entusiasticos e affectuosos brindes, entre os quaes mencionaremos os dos architectos srs. Bermudes, Parente, Soares e Costa Campos, o ultimo dos quaes se dirigiu em especial ás senhoras que fizeram parte da excursão.

Tomadas então as carruagens que esperavam os excursionistas para os conduzir á estação do caminho de ferro, onde em breve tambem chegava o comboio, que pouco depois na gare do Rocio reconduzia os que d'esta excursão não deixarão de guardar uma boa lembrança pelo bem passado tempo d'aquelle formoso dia de primavera.

E despediram-se cordealmente fazendo votos, aos quaes se associa a Sociedade dos Architectos Portuguezes, para que estas excursões se repitam com maior frequencia.

◉ PREMIO VALMÓR

Coube este anno ao nosso illustrado collega Antonio do Couto Abreu a merecida distincção de lhe ser conferido o premio Valmór, pela bella casa que fez construir na Avenida Duque de Loulé, com frente tambem para a rua Luciano Cordeiro, e que é propriedade do sr. Ernesto Empis.

O jury que de uma maneira escrupulosa se desempenhou da missão delicada de apreciar e classificar as edificações terminadas em Lisboa durante o anno de 1907 era composto: por parte da Camara Municipal pelo architecto José Luiz Monteiro; por parte da Academia Real de Bellas Artes pelo architecto José Alexandre Soares, e por parte da Sociedade dos Architectos Portuguezes pelo architecto Alvaro Machado.

De entre os projectos examinados destacavam-se pelo seu valor artistico alguns de casas construidas em diversos pontos da cidade, não havendo nada que merecesse especial attenção do jury nos restantes projectos de obras concluidas durante o referido anno de 1907, por serem apenas notaveis pela quantidade de trabalho que representam, mas não pela sua originalidade ou belleza.

O jury destacou dos projectos acima indicados o da casa do sr. Ernesto Empis ao qual por unanimidade conferiu o premio.

Felicitemos cordealmente pela classificação obtida o nosso distincto collega Antonio do Couto assim como o proprietario do predio classificado. Com effeito, dada a imparcialidade incontestavel e o alto valor moral e artistico dos membros do jury, esta classificação não pôde deixar de ser apreciada pelos interessados com uma valiosa homenagem ao merecimento da obra premiada.

Os effeitos civilisadores do legado do benemerito visconde de Valmór teem-se accentuado lenta mas progressivamente, mercê dos esforços dos nossos artistas e do estimulo que entre alguns proprietarios se vae estabelecendo para que aos edificios que mandam construir seja dado um aspecto de belleza que os torne distinctos, e não pareçam caixotes com buracos, como era costume vêr-se.

Predomina ainda o prejuizo de que não se pôde fazer arte sem grande sacrificio de dinheiro que não é recompensado com um lucro remunerador, o que realmente acontece quando os auctores dos projectos não são artistas e por isso não sabem tirar partido de disposições e recursos de que só um habil architecto pôde dispôr; mas os factos teem já demonstrado que as mais bellas obras produzidas em edificios nos ultimos annos são devidas a architectos e não teem sido mais dispendiosas que outras que nada teem que as recommende.



Casa do sr. Ernesto Empis

Architecto A. Couro.

Mas, sem querer, iamõs divagando e affastando-nos do nosso assumpto. A capital está enriquecida com mais alguns bellos edificios e é de esperar que esta util corrente continue a accentuar-se.

Ao nosso collega Antonio do Couto, os nossos votos para que continue na gloriosa carreira em que tanto se tem distinguido e em que tanto ainda pôde predominar com o fulgor do seu notavel talento, e ao sr. Ernesto Empis as felicitações que merece a sua iniciativa e a confiança que depositou na competencia do auctor do bello edificio, com que enriqueceu Lisboa, e de cuja belleza deve por certo estar satisfeitissimo.

A nossa gravura reproduz o aspecto da casa do sr. Ernesto Empis e por ella poderãõ os nossos leitores reconhecer a justiça com que lhe foi conferido o premio Valmór.

A. D'ASCENÇÃO MACHADO.

(Architecto)

CARLOS MARDEL



No 2.º volume do meu *Diccionario dos Architectos* tratei do engenheiro-architecto Carlos Mardel, iniciando o artigo que lhe diz respeito com a brevissima resenha biographica, que a pag. 193 da sua collecção de *Memorias*, lhe consagra Cyrillo Volkmar Machado.

Posso agora acrescentar alguns factos e pormenores, que tanto ampliam o que se sabe da sua vida, como tambem modificam certas opiniões, ao que parece, erroneas ou infundadas.

Diz Volkmar Machado que elle era natural da Hungria, tradição acceita ainda hoje na familia, o que julgo, se não destituída em absoluto de verdade, pelo menos sujeita a um coeфициente de correccção, embora os documentos não sejam tão positivos, que tirem toda a duvida e nos convençam sem a menor hesitação.

Já o apelido Mardel nos faz supôr que não seja de procedencia hungara, antes de outra muito diferente, com a maior probabilidade a francêsa. Em o processo de habilitação que no anno de 1750 se instaurou para o tenente coronel Christovão de Saint Martin, ser admitido na ordem de S. Tiago, e receber a respectiva tença depuseram, entre outras testemunhas, na maior parte francêses, o Conde Aglise capitão de bombardeiros, João Alexandre de Chermont,

coronel d'infanteria com exercicio de engenheiro, e Carlos Mardel, sargento-mór com o mesmo exercicio.

Ora este ultimo declara que tem perfeito conhecimento de Saint Martin assim como de seus paes, que eram naturaes das cercanias de Montpellier, e que patrocinára a causa do habilitando, quando este fôra nomeado para ir servir no Estado da India. (1)

Deste depoimento creio poder deduzir que Mardel era natural, ou rezidira, pelo menos em Montpellier, doutro modo não se comprehende, que elle tivesse noticias tão intimas da familia do seu amigo, seu colega, e com a maxima probabilidade seu compatriota.

Ha um documento que poderia servir de contraprova ao anterior, mas que infelizmente não é tão explicito, como fôra para desejar. N'elle pede Mardel que lhe seja concedida uma patente em harmonia com os seus merecimentos e com o ardor que tem de ser util a Sua Majestade, expondo a vida no mais ariscado da campanha. Não declara a naturalidade, tendo servido nas guerras do imperio, da Polonia e da Inglaterra. A circumstancia de haver feito parte dos exercitos imperiaes, talvez fosse causa de lhe attribuirem origem hungara.

O seu requerimento teve despacho favoravel na carta patente de 9 de julho de 1735, que o investiu no posto de sargento-mór de infantaria com exercicio de engenheiro e com o soldo dobrado, cessando a pensão que até áquella data recebia no emprego de architecto militar e civil. (2)

Na mesma data e pelos mesmos motivos foi passada igual patente a Carlos Andreis, cujo requerimento infelizmente desapareceu.

Em 12 de março de 1736 se lhe passou provisão para receber cincoenta e dois mil réis de soldo dobrado, visto se haver regulado por decreto de 3o de março e 16 de agosto do anno anterior que o soldo dos sargentos-móres fosse de vinte e seis mil réis. (3)

Carlos Andreis, omittido no meu *Diccionario*, é talvez pae de Antonio Carlos Andreis de quem trato na mesma obra.

Em 26 de setembro do mesmo anno foi passada provisão para ser dada alta no posto de sargento-mór desde o 1.º de agosto a Carlos Mardel. (4)

Por carta patente de 20 de abril de 1751 foi promovido a Tenente Coronel com o mesmo exercicio. (5)

Segundo Volkmar Machado, Mardel faleceu em setembro de 1763. Essa indicação foi um raio de luz para novas e mais fructuosas pesquisas. Accedendo ao meu

(1) Vid. doc. n.º 1.

(2) Vid. doc. n.ºs 2 e 3.

(3) Vid. doc. n.ºs 4 e 5.

(4) Vid. doc. n.º 6.

(5) T. do T. Liv. 29 do Cons. de Guerra fl. 168 v.

pedido o Rev.^o Dr. Santos Farinha, digno e illustrado prior da freguezia de Santa Isabel, teve a penhorante amabilidade de procurar e achar nos livros do seu cartorio parochial, o respectivo assento de obito, cuja copia me enviou, e em vista do qual se ficam sabendo particularidades curiosas ácerca do extinto e da sua familia.

Mardel espirou com efeito a 8 de setembro e foi sepultado no dia seguinte no carneiro da dita egreja. Residia na rua de Santo Ambrosio, e deixára viuva, sua segunda mulher D. Anna Ignacia Mardel, com filhos de um e outro matrimonio. Não fizera testamento, deixando apenas uma declaração em que nomeava a sua mulher protectora de seus filhos. (1)

Ignora-se o nome da primeira consorte, quando morreu e quaes os filhos que d'ella ficaram. A segunda era certamente portugueza, realisando-se o seu casamento, na freguesia de Santa Catharina de Lisboa.

Decorreram aproximadamente dois annos depois da morte do marido e só então é que vemos deferida a supplica da viuva, que pedia uma tença para si e os cinco filhos, atendendo aos prestimosos serviços de seu marido durante mais de trinta annos, e a ser elle tão omisso no pedir que nunca obtivera tenças para os seus. Dos filhos, dois eram do sexo masculino, Guilherme e José Carlos, o primeiro dos quaes era cego, e tres do feminino D. Maria Joaquina, D. Francisca Xavier, e D. Leonor.

O requerimento de D. Anna Ignacia não tem data, sabendo-se por uma sua declaração de 17 de agosto de 1765, que ella fôra contemplada com a tença de 220,000 réis annuaes, a repartir entre ella e os filhos, passando de uns para outros, á maneira que fossem falecendo, até o ultimo sobrevivente, que ficaria então gosando a totalidade da tença.

A divisão effectuou-se por este modo: 100,000 réis para a viuva e 24,000 réis para cada um dos filhos. (2)

A viuva de Mardel faleceu em 4 de outubro de 1779, pelo que a verba de 100,000 réis que ella usufruia, foi dividida pelos cinco filhos nomeados, cabendo vinte mil réis a cada um desde o dia immediato ao falecimento d'aquella, ficando percebendo d'ahi em diante 44,000 rs. (3)

O primeiro dos herdeiros a falecer foi D. Maria Joaquina, a 11 de fevereiro de 1787 e por este motivo os 44,000 rs. (3)

O primeiro dos herdeiros a falecer foi D. Maria Joaquina a 11 de fevereiro de 1787 e por este motivo os 44,000 réis que vagaram, foram repartidos pelos seus irmãos restantes, cabendo a cada um 11,000 réis.

Suponho que esta seria filha do primeiro matrimonio de Carlos Mardel, não

(1) Vid. doc. n.º 7.

(2) Vid. doc. n.º 8.

(3) Vid. doc. n.º 9.

obstante D. Anna Ignacia a incluir no rol das suas filhas (1). No processo de habilitação para partilhas por morte de José Carlos Mardel, vem as certidões de baptismo dos restantes irmãos pelas quaes se vê que todos eram filhos de D. Anna.

O segundo a falecer foi José Carlos Mardel a 13 de junho de 1817, d'elle me occuparei mais detidamente abaixo. (2)

Sucedeu-lhe n'esta escala obituarial D. Leonor que faleceu a 15 de abril de 1818 (3). Após ella, a 17 de janeiro de 1824, finou-se Guilherme Mardel. A sobrevivente D. Francisca Xavier, ficou por esse facto logrando a tença por inteiro (4).

Dos documentos comprovativos do processo originado pelo falecimento de José Carlos Mardel, a que alludo nas linhas antecedentes, colhem-se os seguintes pormenores :

Que Guilherme Mardel nasceu a 16 de outubro de 1744 e foi baptisado na capella de Santo Ambrosio onde então se achava funcionando a fabrica da nova freguesia de Santa Isabel, sendo padrinho o Secretario d'Estado Antonio Guedes Pereira e madrinha D. Anna de Lorena, Camareira-mór, tocando por procuração o Conde de Villa Nova ;

Que D. Francisca Xavier nasceu a 5 de março de 1752, sendo baptisada na mesma capella, da qual foram padrinho o Secretario d'Estado Diogo de Mendonça Corte Real e madrinha a mesma D. Anna de Lorena, tocando por procuração o Conde de Soure. Residiam então os paes na rua de S. Bento ;

Que D. Leonor nascera a 27 de setembro de 1758 baptisada já na nova igreja, sendo padrinhos, o Secretario d'Estado D. Luiz da Cunha e a Ex.^{ma} Sr.^a de Daun, mulher de Sebastião José de Carvalho, tocando em seu nome o reverendo frei Modesto do Espirito Santo, religioso de S. João Nepomuceno.

Esta senhora foi casada com Theotónio Manuel Ferreira, consorcio que se celebrou a 21 de abril de 1787 no oratorio particular da residencia de Manuel de Oliveira da Costa, na rua de S. João da Mata, em vista de um requerimento dos contrahentes por um despacho do Vigario geral do patriarchado, segundo as ordens recebidas do patriarcha eleito, no qual se determinava ao parocho da freguesia de N. S.^a da Lapa que assistisse ao referido matrimonio, sendo este documento apresentado pelo cura da freguesia de S. Isabel, que tambem tomou parte no acto como procurador da nubente, a qual residia então na rua do Que-lhas e o noivo na rua da Estrella. As causas que determinaram o despacho para este casamento vem mencionadas pelo seguinte modo : por se acharem os con-

(1) Liv. 23 Mercês de D. M.^a I fl. 134.

(2) e (3) Liv. 17 Mercês de D. João VI fl. 18.

(4) Liv. 20 id. fl. 143.

trahentes com as circumstancias que Benedicto XIV prescreve na sua bulla — *Satis vobis*.

D'este enlace resultaram dois filhos João Carlos Mardel Ferreira que nasceu a 30 de novembro de 1790 e D. Maria Anna Quiteria Mardel Ferreira nascida a 27 de outubro de 1788. Eram ambos já de maior idade ao tempo em que juntamente com seu pae, requereram o que lhes cabia na partilha por morte do seu tio José Carlos Mardel.

D. Maria Anna Quiteria casou com o desembargador Quinteiro e João Carlos com D. Eugenia de Arriaga Brum da Silveira Cabral da Cunha Goodolphim, que foram progenitores do Sr. Julio Mardel, secretario do conselho superior dos monumentos nacionaes, e do general Luis Mardel, do qual tratei na 2.^a parte da minha memoria sobre *Armaria*.

José Carlos Mardel seguiu a mesma carreira do pae, sendo nomeado Ajudante de infantaria com exercicio de engenheiro por Carta patente de 18 de março de 1762. Dos seus serviços até capitão, posto a que foi promovido por Carta patente de 26 de maio de 1766 dá conta o atestado que transcrevo entre os documentos. (1)

Faleceu no posto de brigadeiro reformado, em Ponte de Lima, a 13 de junho de 1817, no estado de viuvo, sem descendentes.

Uma tença de 607000 rs. que em 1784 lhe havia sido conferida com o habito de Aviz, e poder de a renunciar, renunciou-a elle com efeito em D. Maria Palyart Clamouse, a favor de quem foi passada Carta em 22 de junho d'aquelle anno.

Uma particularidade curiosa nos vem patentear que esta senhora era uma argentaria, que obtinha, indubitavelmente por transacção mercantil as tenças, que os interessados podiam renunciar. Mais seis cartas identicas, de que tenho noticia, se encontram registadas em seu nome no praso de seis annos de 1786 a 1792, subindo o rendimento de todas a 3657000 réis.

Christovão de Saint Martin entrou muito provavelmente ao serviço do exercito portuguez em 1740, sendo n'este anno que D. João V o nomeou capitão de artilharia com exercicio de engenheiro (2). A respectiva carta patente diz que elle fizera parte do exercito do rei catolico e que era allemão. Esta ultima circumstancia é completamente inexacta, como se vê pelo processo de habilitação para a Ordem de S. Tiago. (3)

Saint Martin partiu para a India em 1740, com o Marquez do Louriçal sendo um dos officiaes que formavam a brilhante expedição destinada a combater, alguns potentados d'aquellas partes, que nos hostilizavam como inimigos. A expe-

(1) Vid. doc. n.º 10.

(2) Vid. doc. n.º 11.

(3) Vid. doc. n.º 1.

dição levava tambem o encargo de experimentar umas peças de tiro rapido inventadas por Frederico Jacob Weinholtz, official dinamarquês ao serviço de Portugal, e de cujo segredo parece ter sido Saint Martin um dos poucos sabedores. Saint Martin voltou ao nosso paiz em 1752.

Sobre o resultado da nova artelharia consulte-se o III Vol. (pag. 297) da *Descripção geral e historica das Moedas*, do Dr. Teixeira d'Aragão, que, alem de recopilar o que já havia escripto sobre a materia, acrescentou mais alguma coisa proveniente de investigação propria.

De João Alexandre Chermont e de outros engenheiros do mesmo apellido deixei exarados alguns apontamentos no meu *Diccionario dos Architectos*.

Não me atreverei a asseverar que a biographia de Carlos Mardel fique aproximadamente completa com estes apontamentos.

Novas rebuscas documentaes poderão particularizar mais factos da sua vida, e o estudo minucioso das suas obras, quer executadas, quer projectadas nos dará o relevo da sua phisionomia artistica. Se nos trabalhos que nos legou, se não observam bem fundas as garras do genio, deve-se isto attribuir em parte ao gosto dominante da epoca, ás circumstancias que o rodeavam, aos meios que lhe forneciam e de que podia dispôr. O que é inegavel sobretudo, é que elle foi dos que mais relevantes serviços prestaram na reedificação da Lisboa pombalina, tornando-se por isso um benemerito, digno do nosso reconhecimento.

O municipio de Lisboa cumpriria um dever de gratidão mandando collocar uma lapide comemorativa na casa onde residia, quando faleceu, e que era propriedade sua, construida espressamente por elle para sua habitação.

D'esta casa que fica junta á igreja de Santa Isabel, darei aqui algumas indicações curiosas, graças ás diligencias, a que, para satisfazer o meu empenho, procedeu o meu amigo Antonio Cesar de Mena Junior no bem organizado archivo do Tribunal de Contas, onde se guardam os livros dos lançamentos da decima e arruamentos de 1762 a 1833.

Abstendo-me de transcrever integralmente, com toda a exacção orthographica, limitar-me hei a extrair os dados principaes. O predio tinha loja, sobreloja e andar nobre. Em 1762 era a loja habitada pelo boticario Bernardo Rebello da Rocha, que pagava de renda 337600 réis; a sobreloja, ou primeiro andar, por D. Brites Maria, cuja renda era de 437200 réis; o *quarto* ou andar nobre pelo senhorio, sendo avaliada a renda em 3007000 réis. Pela declaração do numero dos serviçaes, se vê que Carlos Mardel se tratava com certo decóro, e que tinha seje, pois menciona-se entre elles o bolieiro Manuel Antonio com o ordenado de 277800 rs. annuaes. Os restantes são: Joaquim Antonio Fonseca com o ordenado de 437200 rs.; Simão Burnete, cosinheiro, com 387400 rs.; e duas criadas, Maria Caetana com 147400 e Anna Jacinta com 147000.

Em 1779 está o predio registado em nome de D. Anna Mardela (*sic*) e nelle residia o Ministro da Sardenha, pagando de renda 4007000 réis. Em 1780 a

1801 dá-se como pertencente aos herdeiros de D. Anna Mardel, e era habitado pelo Ministro da Russia, que pagou primeiro a renda de 350.000 réis e por fim 450.000 réis.

Cumpra advertir que nos registos fiscaes o predio vem sempre incluído na rua de Santa Isabel, e não na de Santo Ambrosio, como se lê no assento do obito já referido.

Seguem-se agora os documentos :

N.º 1

Depoimentos no processo de habilitação de Christovão de Saint Martin.

Diz Christovão de San-Marten Tenente Coronel no Estado da Índia sendo V. Rey naquelle Estado o Marquez de Louriçal lhe fez a mercê do habito da Ordem de S. Thiago com 12:000 réis de tença, cuja merce se acha confirmada pella Portaria junta ; e porque para haver de o receber necessita se lhe fação as provanças na forma do Estatuto Pede a V. Magestade lhe faça merce mandar passar e ordens necessarias. E. R. M.^{co}

Declara o supp.^{te} ser natural de Monpilher, Reino da França, filho legitimo de Lourenço de San-Marten e de sua mulher D. Anna Goldren. Neto pella parte paterna de Christovão de San-Marten e de D. Maria de San-Marten. E pella materna de João Goldren e de D. Catharina Goldren, todos naturaes da mesma cidade de Monpilher, Reino de França etc.—Henrique Janber.

(No alto do documento encontra-se o seguinte :)

Pagando as contribuiçoens e juntando certidam do seu bautismo depozite trinta e seis mil réis, assignando esta procuração por seu procurador. — Mesa 16 de março de 1750 — Com seis rubricas.

O Coronel de infantaria engenheiro João Alexandre de Chermont, natural do Reino de França e morador de presente a Cruz de Cateferaz em casa de Luis da Espiã de idade de sincoenta annos pouco mais ou menos, testemunha jurada aos Santos Evangelhos que prometeo dizer verdade e de guardar segredo e do costume disse nada. E perguntado disse, conheceo muito bem ao justificante Christovão Martin *digo sic* de San-Marthin em tempo que passou em Alemejo e a esta corte e sabe pella noticia que tem que de pouca idade veyo da sua terra a servir o militar e desta corte foy para a Índia por sargento mór na ocazião que foy para India o Vice Rey o Marquez de Louriçal e sabe que he frances, ainda que ignora quem sejam seus pais e menos suas naturalidades e somente que são francezes, porem que sempre foy bem reputado no sangue pois naquelle Reino não ha Christoefis novos e somente os que são de signal e somente ha Ignotas (Huguenotes) de cuja qualidade não era o justificante por ser muito catholico e boa vida e mais não disse e assignou com o cavaleiro Frei Antouio Luis Bellin — o escrivão e uma rubrica = *João Alexandre de Chermont*.

O Sargento Mor Carlos Mardel architetto de S. Mag.^{de} morador ao pé do convento de Nossa Senhora dos Remedios de Campolide e de idade de sincoenta e sinco annos pouco mais ou menos testemunha jurada aos Santos Evangelhos que prometeo dizer verdade e de guardar segredo e de costume disse nada.

E perguntado disse que conhece muito bem Christovão de San-Marten, o qual foy para o

Estado da India por capitam engenheiro da artilharia e que he casado sem defeito pessoal e de idade mais de sincoenta annos e sabe que he natural da cidade de Monpilher, Reino de França donde tambem erão seus paes e avós. Não da mesma cidade, mas distante quatro Legoas, e que todos erão pessoas nobres he sem duvida pois o seu exercicio não foy senão o servir a S. Mag.^{de} de França no militar e sempre viverão com nobelissimo trato, e bem reputado no sangue e nunca forão comprehendidos em crime que lhe resultasse infamia e mais não disse e o que dito tem sabe em razão de nesta corte valer ao justificante e ser o que o patricionou por hir para o Estado da India e conhecer muito bem a seu pay e a seus descendentes e assignou com o cava-leiro Frei Antonio Luis Bellin o escrevi. = *Carlos Mardel*.

Habilitações da Ordem de S. Thiago — Maço 1 — Letra C. — N.º 2

N.º 2

Requerimento de Carlos Mardel e consulta do Conselho de Guerra a seu respeito

Senhor = Diz Carlos Mardel que elle esta actualmente servindo a V. Mag.^{de} no emprego de Architetto militar e civil com huma pensão annual, que V. Mag.^{de} lhe fez merce mandar dar; e porque na presente occasião dest ja fazer na campanha maior serviço a V. Mag.^{de} para o que se acha habilitado com a experiencia adquirida nas guerras do Imperio, Polonia e Inglaterra nos postos de capitão, sargento mór, e Tenente Coronel como consta das suas patentes, que forão presentes a V. Mag.^{de} antes de lhe fazer merce da dita penção = P. a V. Mag.^{de} seja servido fazerlhe merce de o querer empregar nesta occasião com maior patente do que até agora teve nos outros Reinos atendendo ao que allega, e ao dez.º que tem de ser o primeiro que sirva e se exponha em todas as occasioens da maior fadiga e do maior perigo. = E. R. M.^{ca}

O Conselho por em na presença de V. Mag.^a o requerimento incluso de Carlos Mardel, declarando que pella noticia que tem do supp.^{to} acha ter toda a capacidade e prestimo para o exercicio da sua profissão e por necessario na presente occasião lhe pede que V. Mag.^{de} lhe defira com a ultima patente que teve que o supp.^{to} declarará serem já presente a V. Mag.^{de}. Lisboa occidental 2 de abril de 1753.

T. do T. Consult. do Cons.º de Guerra N.º 94.

N.º 3

Carta patente do posto de Sargento Mor a Carlos Mardel

D. João etc. Faço saber aos que esta minha carta patente virem que tendo consideração aos merecimentos e mais partes que concorrem na pessoa de Carlos Mardel e a estar actualmente servindome de engenheiro com boa satisfação e esperar delle que em tudo o de que fôr encarregado me servira muito a meu contentamento por todos estes respeitos: Hey por bem e me praz de o nomear como por esta carta o nomeyo por Sargento Mor de infantaria com o exercicio de engenheiro, o qual posto servira emquanto eu o houver por bem e com elle haverá o soldo dobrado do que compete ao mesmo posto ficando cessando a penção que cobrava e gozará de todas as honras, privilegios, liberdades, izençoens e franquezas que direytamente lhe pertencerem: Pello que ordeno ao Marquez de Marialva do meu conselho gentil homem de minha Camara Mestre de Campo general que governa as armas da corte e Provincia da Estremadura que mandandolhe dar a posse deste posto, jurando primeiro de satisfazer as suas obrigações o deyxer servir e exercitar, e os cabos de guerra e officiaes mayores o tenham e conheção

por tal sargento mor e officiaes e soldados e mais pessoas que em razão deste posto lhe forem subordinadas lhe obedçam e guardem suas ordens em tudo o que tocar a meu serviço tão inteiramente como devem e são obrigados e o soldo assima refferido se lhe assentará nos livros a que tocar para lhe ser pago a seos tempos devidos em firmesa do que lhe mandey passar a presente por mim assignada e cellada com o sello grande de minhas armas — dada na cidade de Lisboa occidental aos nove dias do mes de Julho do anno do Nascimento de Senhor Jesus Christo de 1735 annos = El-Rey = Marquez de Cascaes = Conde de Alva = João Pereira da Cunha Ferraz a fez escrever — Luis de Moraes Rego a fez.

Conselho de Guerra = L.º 78 — fs. 20 — v.

N.º 4

Carta patente do posto de Sargento Mor a Carlos Andreis

D. João etc. Faço saber aos que esta minha patente virem que tendo consideração aos merecimentos e mais partes que concorrem na pessoa de Carlos Andrey e a estar actualment e servindome de engenheiro com boa satisfação e esperar d'elle que em tudo o de que for encarregado me servira muito a meu contentamento, por todos estes respeitos:

Hey por bem e me praz de o nomear como por esta carta o nomeyo por Sargento Mór de infantaria com o exercicio de engenheiro o qual posto servira em quanto eu o houver por bem e com eile haverá do soldo dobrado que compete ao mesmo posto ficando, cessando a penção que cobrava e elle gosará de todas as honras privilegios, liberdades izenções e franquezas que direyta-mente lhe pertencerem. Pello que ordeno ao Marquez de Marialva do meu conselho gentil homem de minha Camara e mestre de campo general que governa as armas da corte e Provincia da Estremadura que mandandolhe dar a posse deste posto jurando primeiro de satisfazer as suas obrigações o deyxer servir e exercitar e os cabos de guerra, e officiaes mayores o tenham e conheção por tal sargento mór, e que os officiaes e soldados e mais pessoas que em razão deste posto lhe forem subordinadas lhe obedçam e guardem suas ordens em tudo o que tocar a meu serviço tão inteiramente como devem e são obrigados e o soldo assima refferido se lhe assentará nos livros a que pertencer que lhe será pago a seos tempos devidos. Em firmeza do que lhe mandey passar esta carta por mim assignada e cellada com o cello grande de minhas armas. Dada na cidade de Lisboa Occidental aos nove dias do mes de Julho do anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de 1735. = El-Rey. = Marquez de Cascaes. = Conde de Alva. = João Pereira da Cunha Ferraz a fez escrever. = Luis de Moraes Rego a fez.

Conselho de Guerra = L.º 78 = fs. 18.

N.º 5

Provisão relativa ao soldo que deve receber Carlos Andreis

Dom João etc. Faço saber aos que esta minha provisão virem que tendo concideração a me representar por sua petição Carlos Andrey sargento mor de infantaria com exercicio de engenheiro que eu lhe fis merce da patente deste posto em 9 de Julho de proximo passado com o soldo dobrado attendendo a ser estrangeiro; e porque por Decreto de 30 de março e 16 de agosto do anno passado ser servido ordenar que todos os sargentos mores lograssem vinte e seis mil reis por mes sem embargo de não terem companhia por cuja razão me pede lhe faça merce mandarlhe passar provisão para que visto ter soldo dobrado se lhe pague do dia da data dos ditos Decretos o soldo dobrado que pertence a este posto que são sincoenta e dous mil reis por

mes o que visto a informação que se houve da contadoria geral de guerra: Hey por bem deferir ao supp.^o no que respeita a vencer sincoenta e dous mil reis por mes que he o soldo dobrado na forma que pede os quaes ha de comessar a vencer do dia que na vedoria assentar praça delles por esta provizão que se dará inteiro cumprimento pelos generaes, cabos e officiaes de guerra e de minha fazenda a que o conhecimento della pertencer: El Rey Nosso Senhor o mandou pelo Marquez de Cascaes gentil homem de sua Camara e pelo Conde de Alva Capitam General de sua armada real ambos do seu conselho de guerra = Manuel do Rego de Moraes a fez em Lisboa Occidental, 12 dias do mes de março de 1736. = João Pereira da Cunha Ferraz a fez escrever. = Marquez de Cascaes. = Conde de Alva.

Conselho de Guerra — L.^o 79 — fs. 51 v.

N.^o 6

Provisão declarando desde quando se deve dar alta do posto de Sargento Mor a Carlos Mardel

Dom João etc. Faço saber aos que esta minha provisão virem que Hey por bem que ao Sargento Mor de infantaria com exercicio de engenheiro Carlos Mardel se lhe de alta do primeiro de agosto proximo passado em diante, por assim o haver rezoluto por Decreto de sete do corrente, a esta provisão se dará tão inteiro cumprimento como nella se conthem pelos generaes cabos e officiaes de guerra e da mesma fazenda a que o conhecimento della pertencer. El Rey Nosso Senhor o mandou pelo Marquez de Cascaes gentil homem de Sua Camara e pelo Conde de Alva capitam general de Sua Armada Real, ambos do seu conselho de guerra. = Luis de Moraes Rego que fiz em Lisboa Occidental aos 26 dias do mes de setembro de 1736 annos. = Marquez de Cascaes. = Conde de Alva. = João Pereira da Cunha Ferraz a fez escrever.

Conselho de Guerra — L.^o 79 — fs. 192.

N.^o 7

Assento do obito de Carlos Mardel

Em os oito dias do mez de Setembro de mil setecentos sessenta e trez annos falleceu na rua de S. Ambrosio desta freg.^a de Santa Izabel com todos os sacramentos Carlos Mardel casado em segunda vez com D. Anna Ignacia Mardel ficaram-lhe filhos do prim.^o e seg.^{do} matrimonio não fez testamento so fizera uma declaração em que deixara sua mulher protectora de seus filhos sepultou-se no dia nove do dito mez no carneiro desta freg.^a de que fiz este termo que assignei dia e era ut supra. O Prior *Joaquim de Motta Nunes*.

N.^o 8

Requerimento da viuva de Carlos Mardel e repartição da tença que lhe foi conferida

Senhor = Diz D. Anna Ignacia Mardel, viuva de Carlos Mardel, Coronel de Infantaria com exercicio de Engenheiro e Architeto Geral dos Paços, e obras Reaes que o dito seu marido servio a V. Mag.^{de} mais de trinta annos e em todo o referido tempo sempre se applicou com o maior disvello em executar com promptidão tudo que lhe foi determinado, o que a V. Mag.^{de} he bem constante e por seu falecimento ficou a supp.^{te} com dois filhos, e trez filhas, sem aquelles meyoos de que necessita para a sua substancia, por cessarem logo com a morte do dito seu marido os soldos, e ordenados que pelos seus empregos percebia, pois foi tão omisso em sua vida em re-

querer que nunca implorou a V. Mag.^{de} a graça de algumas tenças para suas filhas, nem ainda para seu filho sego, e porque na presente occasião, se faz a supp.^{ta} mais digna de que a Real Providencia de V. Mag.^{de} attenda as suas rogativas, lhe exora a graça de tomar debaixo da sua protecção o amparo de sua casa, beneficiando a supp.^{ta} e seus filhos com aquellas merces que a grandeza de V. Mag.^{de} costuma liberalisar, e porque estas são sempre reguladas pelas circumstancias que serve de base a hum justificado requerimento, e este seja revestido das mais attenções:

P. a V. Mag.^{de} que em attenção aos urgentissimos motivos, que expressa, e ao estado em que presentemente se acha, lhe faça merce deferir a este Requerimento como supplica, pois so na Real Grandesa de V. Mag.^{de} espera a supp.^{ta} e seus filhos terem o mais seguro amparo = E. R. M.^{ta}

Uzando da faculdade que S. Mag.^{de} me concedeo para repartir como me parecer, duzentos e vinte mil reis de tença na Obra Pia de que me fes merce pellos servissos de meu marido Carlos Mardel, por mim meus filhos, filhas, entrando hum que he sego, nomeio em cada hũ dos meus filhos Guilherme Mardel e José Carlos Mardel vinte e quatro mil reis, e da mesma forma nomeio tambem em minhas filhas D. Maria Joaquina Mardel, D. Francisca Xavier Mardel, e D. Leonor Mardel, em cada hũa vinte e quatro mil reis, reservando para a minha pessoa sem mil reis, e tudo com as circumstancias da referida merce, e faculdade.

Lisboa 17 de agosto de 1765. = *D. Anna Ignacia Mardel.*

Torre do Tombo — Decretos do Ministerio do Reino, maço 12, n.º 68.

N.º 9

Decreto concedendo uma tença aos herdeiros de Carlos Mardel

Houve S. Mag.^{de} pôr bem tendo respeito a lhe representar D. Anna Ignacia Mardel, viuva de Carlos Mardel, Coronel que foi de infantaria com exercicio de engenheiro architecto dos Passos e obras Reaes, ter servido o dito seu marido por espaço de mais de 30 annos, applicandose sempre com o mayor desvello no real servisso executando com a mayor promptidão tudo o que lhe foi encarregado; e que por seu falecimento lhe ficarão cinco filhos sem os meyo de que necessitava para sua subsistencia em consideração de tudo e com satisfação dos servissos do dito seu marido foi S. Mag.^{de} servido fazerlhe merce de 220,000 reis de tença no rendimento da obra pia para repartir como lhe parecesse por si, suas filhas e filhos, entrando hum que he cego e succedendo huns aos outros nas quantias que forem vagando té o ultimo que sobreviver, o qual logrará toda a dita tença por inteiro. E por haver nomeado 120,000 reis em seus filhos Guilherme Mardel, José Carlos Mardel, D. Maria Joaquina Mardel, D. Leonor Mardel, e D. Francisca Xavier Mardel, e rezervado para si cem mil reis: Ha Sua Mag.^{de} por bem fazer merce, alem de outras, a mesma D. Anna Ignacia Mardel de cem mil reis de tença no rendimento da obra pia succedendo na parte que lhe tocar da tença que vagar por falecimento de algum dos ditos seus filhos cujos vencimentos lhe comessará a correr de 9 de agosto do prezente anno de que lhe foi passado Alvará a 30 de agosto de 1765

Torre do Tombo. — Mercês de D. José I. — L.º 19. — fs. 402

N.º 10

Attestado dos serviços de José Carlos Mardel

Alexandre Pegado Mexia Roda e S. Martinho, cavaleiro profeço na ordem de Christo, fidalgo da casa de Sua Magestade e Thezoureiro Geral das Tropas da Corte e Provincia da Es-

tremadura pela mesma Senhora que Deos Goarde, etc. Certifico que pelas Listas da Primeira Plana da Corte que se achão n'esta Thesouraria Geral consta que o Capitão de Infantaria com exercicio de Engenheiro José Carlos Mardel tem servido a Sua Magestade n'esta Corte, e no Reino do Algarve, quinze annos, dez meses, e vinte e cinco dias, deles quatro annos, dois mezes e dois dias, com o posto de Ajudante e onze annos, oito mezes e vinte e tres dias com o de capitão tudo com o dito exercicio, cujo serviço continuou de vinte e quatro de março de mil setecentos e sessenta e dois, em que se lhe formou assento de novo do posto de Ajudante de Infantaria com exercicio de Engenheiro por Patente de Sua Magestade de dezoito do dito mez; em vinte e seis de Mayo de mil setecentos sessenta e seis, passou ao posto de capitão com o dito exercicio, tambem por Patente de Sua Magestade do dito dia, tudo em despachos correntes; em vinte e quatro de fevereiro de mil setecentos e setenta e tres, marchou para o Reyno do Algarve as ordens do Governador e capitão general do dito Reyno, por ordem de Sua Magestade expressada em Aviso do Secretario de Estado dos Negocios do Reino de vinte e tres do dito mez, donde vindo se apresentou nesta Corte; em vinte e seis de agosto de mil setecentos e setenta e sete, e nella se acha actualmente servindo; no dia da data desta, e de seus assentos consta não ter nota alguma que lhe sirva de impedimento; e para que o referido conste onde convenha a seu requerimento lhe mandei passar a presente certidão de fé de Officios por mim assinada em o'sservancia do Decreto de Sua Magestade de vinte e tres de agosto de mil setecentos e sessenta e tres — José Antonio Domingues official da Thesouraria Geral das Tropas da Corte e Provincia de Estremadura a fez. — Belem dezoito de Fevereiro de mil setecentos e setenta e oito. — *Alexandre Pegado Mexia Roda e S. Martinho.*

Fé dos officios do capitão de infantaria com exercicio de engenheiro José Carlos Mardel de quinze annos, dez mezes e vinte e cinco dias, como nella se declara.

Ministerio do Reino, *Decretamentos de Serviços*, Maço 65, n.º 34.

N.º 11

Carta patente do posto de capitão a Christovão de Saint Martin

Dom João etc. Faço saber aos que esta minha carta patente virem que tendo consideração a capacidade e prestimo de Christovão de San Martin de nação Alemã e a haver occupado o posto de Thenente da artilharia nas tropas de ElRey catolico e ser tambem habil para o exercicio de engenheiro e esperar d'elle que em tudo o de que for encarregado me servirá muito a meu contentamento, por todos estes respeitos: Hey por bem, e me pras de o nomear, como por esta carta o nomeo por capitam da artilharia com declaração que terá tambem o exercicio de engenheiro e com hũ e outro será obrigado a servirme assim nestes Reynos, como em qualquer das conquistas onde eu for servido mandallo, o qual posto servirá em quanto eu o houver por bem e com elle vencerá o soldo dobrado e gosara de todas as honras privilegios, liberdades isenções e franquezas que directamente lhe pertencerem. Pelo que ordeno a quem governar as armas da Provincia ou parte onde me for servir que mandando-lhe dar a posse deste posto, jurando primeiro de satisfazer as suas obrigações o deixe servir e exercitar aos cabos mayores o tenham e conheção por tal capitam da artilharia e engenheiro, e os officiaes de guerra, e mais pessoas que em razão deste posto lhe forem subordinadas lhe obedeção e guardem suas ordens em tudo o que tocar a meu serviço tão inteiramente como devem e são obrigados: Em firmeza do que etc. Dada na cidade de Lisboa aos 5 dias do mes de abril do anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de 1740 = El-Rey = Conde da Ericeyra = D. Bras Baltazar da Silveira = Antonio de Moraes Rego a fez.

Conselho de Guerra — L.º 79 — fl. 142.

Sousa Viterbo.

Outros tempos . . . outros costumes

E' bem conhecido o facto do desabamento da abobada da casa do capitulo do mosteiro da Batalha quando, em 6 de Janeiro de 1401, D. João I ali foi para assistir á sua inauguração; no entanto nunca para os architectos portuguezes será superflua a sua recordação, como documento dos mais honrosos a registar nas mais brilhantes paginas do seu annuario.

Afonso Domingues, o auctor do nosso mais bello monumento, cegou durante a sua construcção, como se sabe.

O rei, concedendo-lhe por isso a aposentação, fel-o substituir por Ouguet, o qual, não tendo os precisos conhecimentos artisticos, foi o unico causador d'aquelle desastre.

Foi pois n'essas circumstancias que o monarcha reintegrou no seu cargo o illustre architecto portuguez que, já cego mas coberto de gloria, morreu no seu posto de honra.

Os incidentes, porém, que cercaram estes acontecimentos dão ao caso o maximo interesse e por isso aqui alguns vamos reproduzir.

Já antes da chegada do rei, que só tarde compareceu, o grande artista, conversando com o confessor de D. João, lhe havia assim confiado os seus desgostos:

«Pois sabei, reverendo padre,—proseguiu o architecto, travando com força do braço de fr. Lourenço—que este mosteiro, que se ergue diante de nós, era a minha Divina Comedia—o cantico da minha alma: concebi-o eu: viveu comigo largos annos, em sonhos, e em vigilia: cada columna, cada mainel, cada fresta, cada arco era uma pagina de canção immensa; mas canção que cumpria se escrevesse em marmore, porque só o marmore era digno d'ella: os milhares de lavôres que tracei em meu desenho eram milhares de versos; e porque ceguei, arrancaram-me das mãos o livro, e nas paginas em branco mandaram escrever um estrangeiro! Loucos!

Se os olhos corporaes estavam mortos, não o estavam os do espirito: o estranho a quem deram meu cargo não me entendia, e ainda hoje estes dedos descobriram n'essa pedra, que o meu alento não a bafejára.

Que direito tinha o Mestre d'Aviz para sulcar com um golpe do seu montante a face de um archanjo que eu creara?—que direito tinha para me espremer o coração debaixo dos seus sapatos de ferro?—Dava-lh'o o ouro que tem dispendido?—O ouro! . . . Não!—o Mestre d'Aviz sabe que o ouro é vil; só nobre e puro o genio do homem.—Enganaram-no: yassallos houve em Portugal, que enganaram seu rei!

Este edificio era meu; porque o gerei; porque o alimentei com a substancia de minha alma; porque eu necessitava de me converter todo n'estas pedras pouco a pouco, e de deixar, morrendo, o meu nome a sussurrar perpetuamente por essas columnas, e por baixo d'essas arcarias. — E roubaram-me o filho da minha imaginação, dando-me uma tença!...

Com uma tença paga-se a gloria, e a immortalidade! —

Agradeço-vos, senhor rei, a mercê!... sois em verdade generoso... mas o nome de mestre Ouguet enredar-se-ha no meu, ou talvez sumirá este no brilho da sua fama mentida... »

Fr. Lourenço procurou ainda socegal-o, dizendo-lhe que: «ninguem teve em mente offender o mais sabedor e experto architecto de Portugal, cuja memoria será eterna, e nunca offuscada.» «Obrigado — atalhou o velho — aos conselheiros d'el-rei pelos bons desejos que em meu pró têm. — São politicos — almas de lôdo — que não comprehendem senão proveitos materiaes. Dão-me o repouso do corpo, e assassina-me o da alma! — Acerca de mestre Ouguet, não serei eu quem negue suas boas manhas, e sciencia de edificar: mas que ponha elle por obra suas traças, e deixem-me a mim dar vulto ás minhas. E demais: para entender o pensamento do mosteiro de St. Maria da Victoria cumprir ser portuguez, cumprir ter vivido com a revolução, que pôz no throno o mestre d'Aviz; ter tumultuado com o povo defronte dos paços da adultera, ter pelejado nos muros de Lisboa, ter vencido em Aljubarrota.

Não é este edificio uma obra de reis, ainda que por um rei me fôsse commendado seu desenho e edificação, mas nacional — mas popular — mas da gente portugueza, que disse: não seremos servos do estrangeiro, e que provou seu dicto. Mestre Ouguet, escolar na sociedade dos irmãos obreiros, trabalhou nas sés de Inglaterra, de França, e de Allemanha: ahi subiu ao gráu de mestre, mas a sua alma não é aquecida á luz do amor da patria; — nem, que o fôsse, é para elle patria esta terra portugueza.

Por engenho e mãos de portuguezes devia ser concebido e executado, até seu final remate, o monumento da gloria dos nossos; e eis-aqui que elle chamou de longes terras officiaes estranhos — e os naturaes lá foram mandados adornar de primorosos labores a igreja de Guimarães. Sei que não serjam nem elles, nem eu, quem puzesse esse remate; mas nós deixariamos successores, que conservassem puras as tradições da arte. Perder-se-ha tudo; e, porventura, tempo virá, em que, n'esta obra dos seculos, não haja mãos vigorosas que prosigam os lavôres que mãos cansadas não poderam levar a cabo. Então o livro de pedra — o meu cantico de victoria — ficará truncado: — mas Affonso Domingues tem uma pensão de el-rei!... »

Tal era a disposição do seu espirito, pouco antes de ter desabado a abobada do capitulo, acabada havia apenas vinte e quatro horas.

No dia seguinte reuniu o rei os seus mais afamados conselheiros e, tendo-

os ouvido, resolveu mandar chamar mestre Affonso Domingues e consultando-o acerca do succedido, o convidou a reassumir as suas antigas funcções.

A sua resposta não se fez esperar :

« Senhor rei — disse o cego, erguendo a fronte, que até ali tivera curvada : — vós tendes um sceptro e uma espada ; tendes cavalleiros e bésteiros ; tendes ouro e poder : Portugal é vosso, e tudo quanto elle contém — salvo a liberdade de vossos vassallos : n'esta nada mandais. — Não ! — vos digo eu : não serei quem torne a erguer essa derrocada abobada ! — Os vossos conselheiros julgaram-me incapaz d'isso : agora elles que a alevantem. »

A's faces de D. João I subiu a vermelhidão da colera :

« Lembrae-vos, cavalleiro, disse elle, que fallais com D. João I. »

« Cuja corôa — acudia o cego — lhe foi posta na cabeça, por lanças, entre as quaes reluzia o ferro da que eu brandia: — e D. João I é assaz nobre e generoso, para não se esquecer de que n'essas lanças estava escripto : os vassallos portuguezes são livres. »

« Mas — tornou el-rei — os vassallos que desobedecem aos mandados d'aquelle em cuja casa vingam algo de acostamento, podem ser privados da sua moradia ? »

« Se dizeis isso pela que me destes, tirae-ma ; que não vo-la pedi eu.

Não morrerei de fome, que um velho soldado de Aljubarrota achará sempre quem lhe esmole uma mealha ; e quando haja de morrer, á mingua de todo o humano soccorro, bem pouco importa isso a quem vê arrancarem-lhe, nas bordas da sepultura, aquillo porque trabalhou toda à vida — um nome honrado e glorioso. »

Dizendo isto, o velho, levou a manga do gibão aos olhos baços, e embebeu n'ella uma lagrima mal-sustida. El-rei sentiu a piedade coar-lhe no coração comprimido de despeito, e dilatar-lho suavemente. Uma das dôres d'alma que, em vez de a lacerar, a consolam, é sem duvida a compaixão.

« Vamos, bom cavalleiro — disse el-rei, pondo-se em pé — não haja entre nós doestos. O architecto do mosteiro de Sancta Maria vale bem o seu fundador !

Houve um dia em que nós ambos fomos pelejadores : eu tornei celebre o meu nome — a consciencia m'o diz — entre os principes do mundo, porque segui ávante por campos de batalha ; ella vos dirá tambem que a vossa fama será perpetua, havendo trocado a espada pela penna, com que traçastes o desenho do grande monumento da independencia e gloria nacionaes.

Rei dos homens do acceso imaginar, não desprezeis o rei dos melhores cavalleiros, os cavalleiros portuguezes ! — Tambem vós fostes um d'elles : — e negar-vos-heis a proseguir a edificação d'esta memoria — d'esta tradição de mármore — que ha-de recordar aos vindouros a historia de nossos feitos ?

Mestre Affonso Domingues, escutae os ossos de tantos valentes, que, rangendo, vos accusam de trairdes a boa e antiga amisade : vem de todos os valles

e montanhas de Portugal o soido d'esse queixume de mortos, porque, nas luctas da liberdade, por toda a parte se verteu sangue, e foram semeados cadaveres de cavalleiros! — Eia, pois: se não perdoaes a D. João I uma supposta affronta, perdoae-a ao Mestre d'Aviz, ao vosso antigo camarada, que em nome da gente portugueza vos cita para o tribunal da posteridade, se refusaes consagrar outra vez á patria vosso maravilhoso ingenho; e que vos abraça como antigo irmão, por fraternidade de combates, e por que certo crê que não quereréis perder, na vossa velhice, o nome de bom e honrado portuguez.»

Dizendo isto, el-rei parecia grandemente commovido, e, talvez involuntariamente, lançou um braço ao pescoço do cego, que soluçava e tremia, sem soltar uma só palavra.

Houve uma longa pausa: todos se tinham posto em pé quando el-rei se erguêra, e esperavam anciosos o que diria o velho.

Finalmente este rompeu o silencio:

«Vencestes, senhor rei, vencestes! — A abobada da casa capitular não ficará por terra! — Oh meu mosteiro da Batalha, sonho querido de quinze annos de vida entregues a cogitações, a mais formosa das tuas imagens será realisada, será duradoura como a pedra em que vou estampa-la!

Senhor rei, nossas almas se entendem: as unicas palavras harmoniosas, e inteiramente suaves, que tenho ouvido ha muitos annos, são as que vos saíram da boca: só D. João I comprehende Affonso Domingues; porque só elle comprehendê a valia d'estas duas palavras formosissimas — palavras de anjos — patria e gloria. A passada injuria a vossos conselheiros a attribui sempre, que não a vós, posto que de vós, que ereis rei, me queixasse: varre-la-hei da memoria, como o entalhador varre as lascas, e a pedra moida pelo cinzel, de cima do vulto, que entalhou em fuste de columna rendada. Que me restituam meus officiaes e obreiros portuguezes; que portuguez sou eu, portugueza a minha obra! D'hoje a quatro mezes podeis voltar aqui, senhor rei, e ou eu morrerêi, ou a casa capitular da Batalha estará firme, como é firme a minha crença na immortalidade e na gloria.»

El-rei apertou então entre os braços o bom do cego, que procurava ajoelhar a seus pés: — era a attracção de duas almas sublimes, que vôavam uma para a outra.

Cumpriu, como sempre, o architecto a sua promessa; e mesmo antes do dia aprasado, o fêcho da abobada havia sido assente.

Não quiz, porém, mestre Affonso Domingues que os simples fôssem apeitados sem a presença do rei.

Quando este chegou é que, sem solemnidades, se procedeu a esse serviço, sendo collocada no pavimento uma pequena pedra na qual se sentou o architecto, não obstante as rogativas em contrario de D. João I e de toda a numerosa assistencia.

Ali se conservou durante tres dias sem tomar alimento, e, quando o rei inquieto pelo resultado d'este voto do architecto em triumpho o ia buscar, encontrou-o morto.

Ha cinco seculos que este facto se passou e a abobada do capitulo da Batalha se conserva intacta; e se não fôra esta deploravel perda nacional, ao grandioso monumento teria sido dada, sem duvida, a sua inteira conclusão.

Como devida homenagem a tão illustre e eminente artista ali se vê o seu busto talhado no mesmo marmore da sua maravilhosa obra.

Outros tempos... outros costumes.

(Notas extrahidas do Panorama).

CORPORAÇÕES DE ARTES E OFFICIOS

Tem-se discutido se os gremios ou corporações de artifices, que no seculo XI nos apparecem como elemento importante da cidade livre, se filiam directamente nos *collegia* de Roma, ou foram então de novo organizados, embora, acaso, sob a influencia, sempre mais ou menos activa no Occidente, das tradições e leis romanas.

Sem discutir, por agora, esse ponto, recordarei que, entre nós, a regulamentação dos mesteres, — que tanto contribuíram (até pecuniariamente) para que se firmasse a independencia de Portugal, sob o governo de um rei escolhido pela vontade popular, o Mestre d'Avis, — data do reinado de D. João I.

Já anteriormente, porém, os officios mechanicos tinham representação na Camara de Lisboa; e algumas irmandades ou confrarias de artifices datam de epoca muito remota, como, por exemplo, a dos ourives da prata da capital, que, por 1272, — segundo é tradição — dispunha já dos recursos necessarios para mandar construir um hospital, sob a invocação do seu patrono, Santo Eloy, ourives, para tratamento dos confrades pobres.

Observa Accursio das Neves que as corporações eram menos numerosas em Portugal do que noutros paes; que não existiam nas pequenas povoações, e que, exceptuadas as de Lisboa e de algumas cidades e villas mais importantes, visavam apenas a manter a sua representação nas Camaras Municipaes e a celebrar a festividade do santo padroeiro.

O sr. Joaquim de Vasconcellos, tendo comparado alguns regimentos de corporações operarias portuguezas, que encontrou na Bibliotheca publica do Porto, com os hispanhoes, concluiu que, ao passo que os nossos estatutos mais antigos datam dos fins do seculo XV, são d'uma redacção deficiente e obscura e denun-

ciam que a preocupação religiosa se sobrepunha á preocupação technica, — em Hispanha as corporações catalãs e valencianas tinham já conquistado, no seculo XIV, uma posição dominante, e as *ordenanças* relativas aos *alarifes* de Cordova e Sevilha, com as datas de 1503 e 1527, respectivamente, são bastante lucidas e completas, representando, sem duvida, uma tradição muito anterior.

D. João I reorganizou a «Casa dos Vinte e Quatro» — corporação que se compunha de dois *homens bons*, eleitos annualmente por cada um dos doze gremios, ou *bandeiras*, em que estavam divididos os officios. Os vinte e quatro mesteres ⁽¹⁾ elegiam de entre si os quatro que deviam fazer parte da Camara, o juiz do povo, — que era o verdadeiro chefe e representante do terceiro estado, — e o seu escrivão.

Cada gremio tinha a sua bandeira. As bandeiras eram quadrangulares, de damasco ou brocado, com franjas e borlas de oiro, ou prata doirada, e inscreviam, bordada, a imagem do santo protector.

Em consequencia, segundo é de conjecturar, de abusos e desmandos, foram, em 1572, reformados pelo licenciado Duarte Nunes do Leão, em virtude de deliberação do Senado de Lisboa, os regimentos dos officiaes mechanicos da capital.

Nesses novos regimentos, que constituem um grosso volume, archivado na Camara Municipal, nenhuma disposição se encontra que se refira ao culto dos santos padroeiros, o que tambem succede no regimento dos ourives do oiro do Porto, de 1549, que o sr. Joaquim de Vasconcellos extractou e é reproducção do de Lisboa, de 1538. Dir-se-hia que se estabelecêra a distincção entre *regimento do officio* e *compromisso da irmandade*. Mas, noutro regimento d'aquella corporação, com a data de 1634, tambem estudado pelo sr. Vasconcellos, ha quatro capitulos referentes ao culto de Santo Eloy e á procissão de *Corpus Christi*.

Estas indicações, rapidamente traçadas, têm por objecto acompanhar a transcripção, que se me afigura interessante para os leitores do *Anuario* da Sociedade dos Architectos, das seguintes disposições do regimento dos pedreiros ⁽²⁾, de 1572:

E todo o official que se (*examinar*) quizer de officio de pedreiro de pedraria, fará uma escada, com seu mainel, traçada e contrafeita e assentada.

Item, fará um portal quadrado, com seu sobrarco capraleado.

Item, fará uma columna dorica, com sua vasa e capitel.

E toda a obra acima dita será contrafeita em barro, e os examinadores o verão obrar de mãos, para lhes constar de sua sufficiencia.

⁽¹⁾ Esta palavra significava, ao mesmo tempo, o officio e aquelle que o exercia. Neste sentido, empregava-se tambem a palavra *mesterial*.

⁽²⁾ Isto é, canteiros e alvaneis.

E o que se quiser examinar de alvenaria deve saber conhecer a terra e lugar onde começa a obra, segundo que o terramento fôr e o lugar em que houver de fundar; e saberá abrir os alicerces convenientes á obra que ha de fazer.

Item, deve saber lavar uma fiada de cabeça, bem lagrimada e galoada e rebocada e farta de cal, e, sendo no verão, aguada, assi como fazer cada fiada.

Item, deve saber dar seus terços á cal, segundo a obra que fazer e segundo a cal fôr mais forte ou menos forte.

Item, ha de saber mui bem fazer hũa chiminé e dar-lhe seu conto, com sua regua e prumo, segundo sua largura e altura.

Item, ha de saber fazer hum portal de tijolo e hũa janella e hũa cantareira, e fechar tudo, como a cada obra pertence, e tudo muito bem acabado, e feito segundo se então usar.

Item, saberá bem talhar e fazer hũa beira e sobre-beira, como deve fazer qualquer boom official.

E, sendo caso que o que se examinar de alvenaria, souber lavar hum peitoril de pedra e hũas sedas e hũas couceiras e huns boughões e hum cunhal, por serem peças que pertencem á alvenaria, poderá ser examinado das ditas peças, com a dita alvenaria; e, não o sabendo lavar, será examinado sómente de alvenaria.

O illustrado archivista da Camara Municipal, o sr. Eduardo Freire de Oliveira, que, em diversas passagens dos seus *Elementos para a historia do Municipio de Lisboa* (1) se refere aos mesteres ou corporações de artifices, allude a um regimento dos pedreiros, com a data de 1501.

Não me foi possivel encontrá-lo. Seria interessante confrontar as suas disposições, no tocante ás provas a que eram submettidos os officiaes, com aquellas que ficam transcriptas. E' de crer que nellas se não falasse em «*columna dorica com sua vasa e capitel*». Os canones da Renascença implantaram-se tardiamente em Portugal, ao contrario do que succedeu em Hispanha, onde, logo no comêço do seculo XVI, os theoricos italianos foram estudados e traduzidos.

Os gremios, corporações, ou mesteres foram extinctos, com a «Casa dos Vinte e Quatro», por decreto de 7 de maio de 1834. Eram instituições que — a meu ver, erradamente — haviam sido julgadas incompativeis com o novo regimen politico.

E' certo, porém, que o problema do ensino profissional, da apprendizagem dos officios, não teve ainda, nestes tres quartos de seculo de constitucionalismo, solução cabal. Nem os ephemeros Conservatorios de Artes e Officios (1836), nem os Institutos e Escolas Industriaes, nem as extinctas aulas nocturnas de desenho para operarios na Academia de Bellas-Artes de Lisboa o resolveram.

A' Sociedade dos Architectos, que, na sua curta existencia, tantas provas tem já dado de esclarecida e perseverante iniciativa, ousou lembrar o estudo d'esse problema. Para a realização integra e perfeita das suas concepções, é necessaria ao architecto a collaboração de operarios destros em muitos e variados ramos do trabalho.

D. JOSÉ PESSANHA.

(1) Tomo I, pag. 3 e 427; tomo V, pag. 655, etc.

Congresso dos architectos do Canadá

Teve logar durante o periodo decorrido entre os dias 19 a 24 d'agosto de 1907 a reunião do primeiro congresso e primeira assembléa annual do Instituto dos Architectos do Canadá.

N'este congresso foram tratados varios assumptos de interesse geral da classe dos architectos mas principalmente da organização do Instituto e das condições a que deviam satisfazer os seus membros, o que equivale a dizer quaes os requisitos que n'aquelle paiz são exigidos para poder usar-se o titulo de architecto.

O comité d'organização do congresso foi presidido pelo architecto A. F. Dunlop e teve como vice-presidentes Edmund Burke, presidente da Associação dos Architectos de Ontario, Maurice Perrault, architecto e deputado da provincia de Quebec e S. Frank Peters, presidente da Associação dos Architectos de Manitoba.

O secretario do Comité foi o nosso socio correspondente Alcide Chaussé, antigo presidente da Associação dos Architectos de Quebec, e o thesoureiro J. W. H. Watts vice-presidente da Associação dos Architectos de Ontario.

*
* *
*

Os assumptos tratados no congresso foram os seguintes: 1.º, Organização do Instituto dos Architectos do Canadá; 2.º, Representação dos architectos na Academia Real do Canadá; 3.º, Uniformidade das leis sobre edificação; 4.º, Concursos publicos d'architectura; 5.º, Direitos sobre projectos de architectos estrangeiros; 6.º, Responsabilidade do governo sobre a conservação dos monumentos historicos; 7.º, Direito de propriedade de obras de architectura e nomeação de um comité de patronato e de delegados ao congresso de Vienna em 1908.

Foi resolvido que para fazer parte do Instituto seria necessario ter direito a usar do titulo de architecto o que poderia dar-se por ser ao tempo da sua organização, socio de algumas das sociedades de architectos existentes no paiz, ter exercido tal profissão durante certo prazo antes da organização do Instituto ou ser admittido em virtude de um exame de capacidade profissional feito em epochas determinadas e perante um jury nomeado pelo mesmo Instituto.

Os membros do Instituto ficariam por este titulo com direito a exercer a profissão de architecto e todas as pessoas que não pudessem ser n'elle incorporadas não teriam direito a exigir em termos legaes quaesquer honorarios pelo exercicio da profissão nem poderiam usar do titulo de architecto, sob pena de um processo que pelo Instituto lhes seria movido.

*

*

*

Todos os assumptos tratados no congresso foram largamente discutidos e á altura da importancia e da capacidade dos illustres congressistas. O conselho de administração do Instituto ficou encarregado de nomear os delegados ao congresso de Vienna e finalmente foi resolvido que o segundo congresso dos Architectos do Canadá tivesse logar em Ottawa.

*

*

*

Na sessão de encerramento do congresso, o sr. Gordon propoz um voto de agradecimento e felicitações ao nosso illustrado socio correspondente, sr. Alcide Chaussé, secretario do congresso, voto que foi secundado pelo sr. Burke, exaltando a energia e tenacidade com que o sr. Chaussé tratou todos os assumptos do congresso, cujos brilhantes resultados, se póde dizer, sem favor, que a elle são devidos. Este voto foi sancionado por todos os presentes e por elle nos associamos ás felicitações que ao nosso distincto confrade foram dirigidas.

Ao encerrar-se a sessão e o congresso, por proposta do sr. Peters foram dirigidos cordiaes agradecimentos ás pessoas e instituições que n'elle tomaram parte e á imprensa pelos bons serviços prestados ao mesmo congresso.

A. D'ASCENÇÃO MACHADO.

Architecto.

OS ARCHITECTOS DO QUADRO DO MINISTERIO DAS OBRAS PUBLICAS

Tem a data de 30 de agosto de 1852 o decreto que manda crear n'estes reinos de Portugal o ministerio das Obras Publicas, sendo o decreto de 3 de outubro de 1864 o que organisa o corpo de engenharia civil e o de 30 de outubro de 1868 o que organisa o serviço technico, reformado depois em 18 de novembro de 1885.

São estas as epocas *prehistoricas* do ministerio das Obras Publicas, até que em 24 de julho de 1886 sendo ministro das obras publicas o distincto jornalista Emygdio Julio Navarro, apparece entre as entidades technicas d'aquelle ministerio, na sua cathgoria de corpo auxiliar, um quadro de sete architectos para 130 enhenheiros, 130 conductores e 60 desenhadores.

Emygdio Navarro, homem de superior talento e desligado de interesses profissionaes, lançou as bases para a criação de um quadro de architectos que ficou assim distribuido:

1	»	architecto chefe
1	»	de 1. ^a classe
2	»	de 2. ^a »
3	»	de 3. ^a »

Isto era uma tentativa, era um luxo para o paiz, ter na sua organização official esta nova classe de profissionaes, que em reformas subseqüentes se foi deixando ficar, com as alterações que interesses e vaidades exigiam que se fizessem.

Se a architectura ainda hoje soffre de uma pessima organização d'estes serviços, antes de Emygdio Navarro crear o quadro dos architectos, esse importante ramo de Arte deveria ter sido victima de verdadeiros attentados, pois que no seu plano de reforma o illustre estadista diz no seu relatorio estas significativas palavras: «*Se consignaram auctorisações e preceitos que tem por fim levantar a architectura da situação pouco favoravel em que se encontra no nosso paiz*».

E sem duvida, quem tenha percorrido o paiz e veja com olhos de vêr o que em architectura se tem feito, a maneira mais que selvagem com que se teem vandalisado os monumentos fazendo-lhe toda a casta de enxertias, a manifesta ignorancia do que seja esthetica, a falta de amor e carinho com que um grande

numero de bellos motivos de Arte se perderam no paiz, reconhece que todo o mal vem das estancias superiores, deixando todo esse patrimonio d'arte entregue aos cuidados do primeiro curioso, á incompetencia de outros, e muitas vezes, até, ao capricho dos influentes politicos locaes.

Mas a reforma de Emygdio Navarro feita em 1886, vinte e dois annos depois da organização do corpo de engenharia civil, era a resultante de um espirito esclarecido, e creando o pequeno quadro dos architectos ao serviço do Estado, diz no mesmo seu relatorio do plano de reforma: «*É apenas um primeiro esforço que se fôr bem succedido animará os governos a mais largos emprehimentos n'este sentido;*» transparecendo bem o quanto elle reconhecia a necessidade de dar a estes serviços um largo desenvolvimento.

Mas o illustre homem publico illudiu-se na sua boa fé, quando suppunha que o seu primeiro esforço seria bem succedido e principalmente quando os governos que se seguissem dessem largo desenvolvimento á architectura do seu paiz.

Na primeira hypothese se esse esforço não foi tão feliz como seria para desejar, é porque á engrenagem official, por onde passam os assumptos de architectura, ou lhe faltam dentes, ou os veios estão partidos.

No entanto, é bom não deixar passar em julgado que todos os edificios publicos que depois d'essa organização se fizeram ou reconstruiram sob a intervenção de architectos, são os unicos que se salvam, não sendo difficil de momento citar a Camara dos Deputados, Escola Medica, Hotel do Bussaco, escolas primarias, reconstrucção dos Jeronymos, etc.

Na segunda hypothese, a eloquencia dos factos diz muito mais e portanto em 1 de dezembro de 1892 sendo ministro das Obras Publicas o distincto engenheiro de minas, Pedro Victor da Costa Sequeira, o quadro foi assim constituido:

2	architectos	de	1. ^a	classe
2	»	de	2. ^a	»
3	»	de	3. ^a	»

desaparecendo o logar de architecto chefe e passando a haver dois de 1.^a classe.

O quadro ficou portanto com o mesmo effectivo, *sete* e os quadros de engenheiros passaram de 130 a 135, o de conductores de 130 a 190 e o de desenhadores de 60 a 90.

Estava provado que a tentativa de Emydio Navarro não fructificára e por isso não deu margem a *mais largos emprehimentos*.

Quando o quadro se instituiu, a titulo de tentativa, a proporção dos architectos para os quadros de engenheiros, conductores e desenhadores, isto é, do pessoal technico, era de 1 para 45,7, quando se fez a reforma de 1892 essa proporção foi de 1 para 60.

Nove annos depois, em 24 de novembro de 1901, sendo ministro das Obras Publicas o illustre engenheiro de obras publicas Manuel Francisco de Vargas: o quadro dos architectos fica como estava na organização anterior.

Mais uma vez se comprehendeu que se não devia dar *mais largos empreendimentos* aos serviços de architectura, como erradamente o julgára o grande estadista Emygdio Navarro.

E assim tem o paiz ao seu serviço *sete* architectos, concentrados nas direcções de Lisboa, embora por todo esse paiz os monumentos estejam sem conservação e os serviços de architectura pessimamente organisados, sem interesse para o Estado e para a Arte.

Ha effectivamente uma commissão official de monumentos, reorganizada tambem por decreto de 24 de outubro de 1901, mas sem desprimôr para os illustres nomes que compõem essa commissão, ella não passa d'um platonismo, porque para que a sua acção se tornasse efficaz e util, era preciso que em cada districto houvesse um architecto a quem se entregasse a responsabilidade dos monumentos nacionaes, procedendo assim aos seus estudos e projectos de reparação ou conservação conforme o estado, estylo e natureza do edificio o exigisse.

Assim a commissão dos monumentos tinha como que um fiscal em cada região e conjugando os seus trabalhos, todo esse resto de arte, que ainda se encontra no paiz, ficaria ao abrigo de muita sciencia avariada e protegidos da ferocidade de muitos amadores... das suas conveniencias.

COSTA CAMPOS

Architecto

Como nota mais detalhadamente elucidativa da nossa exposição, apresentámos o seguinte mappa, cujas conclusões nos parecem interessantissimas...

CLASSES	ORGANISAÇÕES																				
	24 DE JULHO DE 1886 † EMYDIO JÚLIO NAVARRO						1 DE DEZEMBRO DE 1892 † PEDRO VICTOR DA COSTA BEQUEIRA						24-10-901 (EM VIGÓR) CONSELHEIRO MANUEL FRANCISCO DE VARGAS								
	QUADROS			CATEGORIAS	VENCIMENTOS			QUADROS			CATEGORIAS	VENCIMENTOS			QUADROS			CATEGORIAS	VENCIMENTOS		
	O. P.	Minas	Total		Fixos	Gratificações medias	Total	O. P.	Minas	Total		Categoria	Exercício	Total	O. P.	Minas	Total		Categoria	Exercício	Total
Architectos.....	1	-	1	Chefe	75000	50000	125000														
	1	-	1	1.ª classe	45000	30000	75000	2	-	2	1.ª classe	45000	30000	75000	2	-	2	1.ª classe	50000	25000	75000
	2	-	2	2.ª classe	30000	20000	50000	2	-	2	2.ª classe	30000	20000	50000	2	-	2	2.ª classe	40000	10000	50000
	3	-	3	3.ª classe	25000	15000	40000	3	-	3	3.ª classe	25000	15000	40000	3	-	3	3.ª classe	30000	10000	40000
			7						7						7						
Engenheiros	20	-	20	1.ª classe	75000	65000	140000	4	1	5	Inspector de 1.ª classe...	100000	60000	160000	4	1	5	Inspector geral	130000	60000	190000
		1	1	Inspector	75000	50000	125000	6	1	7	Inspector de 2.ª classe...	75000	60000	135000	6	1	7	Inspector	95000	60000	155000
	25	-	25	2.ª classe	60000	45000	105000	20	2	22	Chefe de 1.ª classe	70000	50000	120000	20	2	22	Chefe de 1.ª classe	85000	40000	125000
		3	3	Chefe	60000	40000	100000	20	2	22	Chefe de 2.ª classe	60000	50000	110000	20	2	22	Chefe de 2.ª classe	70000	40000	110000
	35	-	35	3.ª classe	45000	35000	80000	30	3	33	Subalterno de 1.ª classe..	45000	30000	75000	30	3	33	Subalterno de 1.ª classe..	60000	30000	90000
	6	6	Subalterno..	30000	30000	60000	30	3	33	Subalterno de 2.ª classe..	35000	30000	65000	30	3	33	Subalterno de 2.ª classe..	40000	30000	70000	
	40	-	40	4.ª classe	30000	30000	60000	10	3	13	Aspirante	30000	20000	50000	10	3	13	Ajudante	30000	20000	50000
			130						135						135						
Conductores.....	20	-	20	1.ª classe	30000	20000	50000	30	4	34	1.ª classe	30000	20000	50000	30	3	33	Principal	50000	20000	70000
		4	4	Ordinario	27000	18000	45000	-	-	-				30	3	33	1.ª classe	40000	10000	50000	
	40	-	40	2.ª classe	25000	15000	40000	50	5	55	2.ª classe	25000	15000	40000	50	4	54	2.ª classe	30000	10000	40000
		6	6	Subalterno..	22500	13500	36000	-	-	-				80	6	86	3.ª classe	25000	10000	35000	
	60	-	60	3.ª classe	20000	10000	30000	100	6	106	3.ª classe	20000	10000	30000							
			130						195						195						
Desenhadores.	20	-	20	1.ª classe	20000	10000	30000	30	-	30	1.ª classe	20000	10000	30000	-	-	20	1.ª classe	-	-	35000
	40	-	40	2.ª classe	15000	9000	24000	60	-	60	2.ª classe	15000	9000	24000	-	-	40	2.ª classe	-	-	30000
		60	60						90						60						

VIII Congresso Internacional dos Architectos em Vienna d'Austria

O illustre architecto Francisco Carlos Parente, representante da Sociedade dos Architectos Portuguezes no VIII congresso internacional dos architectos, realisado em Vienna d'Austria de 18 a 23 de maio de 1907, tomou a seu cargo apresentar, para ser publicado no nosso Anuario, um relatorio do que de mais importante se passou no referido congresso, e assim foi indicado no summario que abre este numero da nossa publicação social.

Sucedeu, porem, que por motivos ponderaveis e decerto extranhos á vontade do nosso dedicado consocio não lhe foi possivel desempenhar-se d'esta tarefa, e, para que os nossos collegas não ficassem privados de um artigo sobre tão importante assumpto e de tanto interesse para a nossa classe, resolvemos acceder ao pedido que nos foi feito para que substituíssemos o auctor do prometido artigo o que faremos com manifesta desvantagem para os nossos leitores, mas com a maxima boa vontade.

*

*

*

Não tivemos a vantagem de assistir ao congresso e por isso nos soccorremos, com a devida venia, do opusculo apresentado á *Associazione artistica fra i cultori di architettura* de Roma, com o titulo de *Relazione dell' VIIIº congresso internazionale degli Architetti in Vienna* pelos architectos M. E. Cannizzaro, nosso socio correspondente e G. De Madonnizza, opusculo do qual extractamos os elementos d'este artigo.

*

*

*

O programma do congresso, conhecido de todos os nossos consocios era assim estabelecido:

Primeiro dia, 18 de maio:

A's 9 horas da manhã: Sessão do comité permanente.

A's 11 horas: Abertura solemne do congresso na sala das sessões da Camara dos Deputados.

A's 3 horas da tarde: Exposição de desenhos dos antigos mestres da architectura na Bibliotheca da Côrte.

A's 6 horas: Visita ao museu municipal.

A's 7 horas: Recepção pelo Presidente da Camara Municipal.

Segundo dia, 19 de maio:

A's 9 horas da manhã, na 1.^a sala: Thema 1.^o: Regulamento da tutela dos monumentos artisticos e da arte em geral por parte do Estado.

A's 11 horas: Thema 3.^o: Regulamento dos concursos internacionaes.

A's 9 da manhã, na 2.^a sala: Conferencia pelo professor Mayreder, de Vienna: Confronto entre as leis e regulamentos municipaes de Berlim, Londres, Paris, Roma e Vienna em relação á sua influencia sobre o aspecto exterior das habitações.

A's 11 horas: Conferencia pelo professor Feldegg, de Vienna, sobre as bases e principios da Architectura Moderna.

A's 3 horas da tarde: Abertura solemne da exposição d'architectura.

A's 9 horas da noite: Sarau na séde da Sociedade dos Architectos Viennenses.

Terceiro dia, 21 de maio:

A's 9 horas da manhã: Sala da Sociedade dos Engenheiros-Architectos — Thema 2.^o: Regulamentação das leis de protecção da propriedade artistica das obras de architectura.

A's 11 horas: Thema 5.^o — Conservação dos monumentos artisticos.

A's 9 horas da manhã: 2.^a sala — Conferencia pelo professor Dolezal, de Vienna. A photogrammetria da architectura.

A's 10 horas: Conferencia pelo Dr. Erös, de Budapest: Sobre a propriedade espirital e artistica dos Architectos.

A's 11 horas: Conferencia pelo architecto Ivecovich, de Zara: Sobre a architectura na Dalmacia.

A's 8 horas da noite: Recepção no Paço imperial.

Quarto dia, 22 de maio:

A's 9 horas da manhã, na 1.^a sala: Thema 4.^o — Sobre o diploma legal e honorarios dos architectos.

A's 10 horas: Thema 6.^o: Sobre as construcções em cimento armado.

A's 11 horas: Conferencia pelo architecto Medgyaszay, de Budapest: Solução artistica nas construcções de cimento armado.

Ao meio dia: Conferencia pelo architecto Wielemans, de Vienna. As construcções em cimento armado na architectura monumental.

A's 9 horas da manhã, na 2.^a sala: Conferencia pelo architecto Fassbender, de Vienna. Sobre a construcção das cidades e sobre os seus regulamentos municipaes.

A's 7 1/2 horas da noite: Sarau no Kalemberg, e ceia offerecida pela Sociedade dos Engenheiros e Architectos.

Quinto dia, 23 de maio:

A's 9 horas da manhã, na 1.^a sala: Conferencia pelo architecto Klette, de Dresde. Sobre quaes serão os meios a empregar para que as obras de engenharia sejam mais estheticas.

Na 2.^a sala: Conferencia pelo Dr. Fayans, de Vienna. A architectura e as populações.

As 10 horas. Conferencia pelo engenheiro Sasso, de Napoles: Propriedade e liberdade. Sessão de encerramento do congresso. As 8 horas da noite: Banquete de despedida.

* *

No dia da abertura do Congresso na sala da Sociedade dos Engenheiros e Architectos reuniu em sessão plenaria o Comité permanente estando presentes 60 architectos e procedeu-se á nomeação dos presidentes effectivos e honorarios e dos secretarios das differentes sessões do Congresso e das conferencias annunciadas.

N'esta sessão estavam representados os seguintes paizes:

Allemanha, Austria, Belgica, Canadá, Dinamarca, Hespanha, Estados Unidos, França, Inglaterra, Italia, Mexico, Hollanda, Paizes Baixos, Portugal, Russia, Suecia, Suissa, Turquia e Hungria.

Para secretario de honra de uma das sessões foi nomeado o nosso illustre consocio Adães Bermudes.

* *

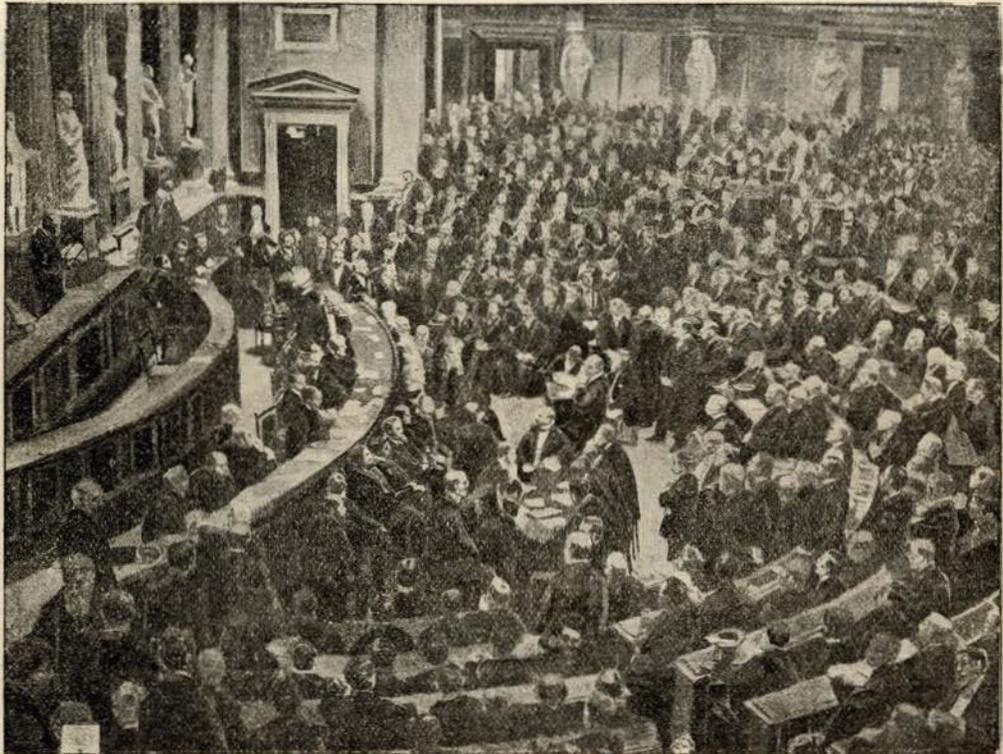
A sessão solemne de abertura do Congresso teve logar no esplendido edificio do Parlamento austriaco no qual o architecto Hansen, empregando a mais pura arte grega, demonstrou como ella pode adaptar-se ás exigencias modernas dos edificios. O Congresso foi inaugurado na sala da Camara dos Deputados.

Na hospitalidade concedida aos architectos pelo primeiro corpo electivo do

Estado, demonstra-se a alta consideração que na Austria teem as obras da architectura; e os architectos de todos os paizes foram unanimes em exprimir o seu reconhecimento por tão carinhosa e cortez recepção.

Mais de 1500 congressistas enchiam a vasta sala e as galerias estavam repletas de formosas damas.

A cadeira presidencial era occupada pelo ministro dos negocios internos



Sessão inaugural do VIII congresso internacional dos architectos
em Vienna d'Austria

do Imperio tendo á direita o presidente da Camara dos Deputados e á esquerda o presidente da Camara municipal de Vienna; na bancada dos relatores estava o presidente geral do Congresso, architecto Otto Wagner e na bancada dos ministros, os presidentes dos Comités dos differentes paizes pela ordem alphabetica dos respectivos nomes.

O presidente Otto Wagner sauda os presidentes honorarios e agradece a S. M. o Imperador de acolher o Congresso sob o seu protectorado.

O ministro sauda o Congresso em allemão, e em seguida em francez, e refere-se a occasião que o Congresso offerece aos architectos de todos os paizes para trocarem as suas ideias sobre o movimento moderno, n'esta era de transição de cujos productos a cidade de Vienna pôde dar tão instructivo exemplo.

Depois de varios discursos, o director de obras publicas Hynkeldein, sauda o Congresso em nome do chanceller allemão principe de Bulow e referindo-se ás bellezas architectonicas antigas e modernas de Vienna observa como o Congresso n'esta cidade tem interesse especial para os architectos vindos de todas as partes do mundo.

A arte nas grandes nações inspira-se n'estes ultimos tempos principalmente nas tradições e no espirito nacional.

É a mais bella manifestação da consciencia d'um povo sabedor da propria força e que a todas as suas obras imprime uma fôrma caracteristica e principalmente ás de architectura que entre as artes é a que mais facilmente transmitta á posteridade o espirito de uma nação.

Encerra a série de discursos o presidente Otto Wagner, saudando os architectos estrangeiros e fazendo votos pelas prosperidades das nações que elles representam.

A architectura, diz elle, occupou sempre o primeiro logar entre as bellas artes e por isso os architectos escolheram dois temas no ultimo Congresso, como dos mais importantes: o sexto, estabelecendo a maxima liberdade na arte e o setimo para que aos artistas de cada paiz sejam confiadas as obras publicas, ficando ao Estado o encargo da sua parte economica.

Não bastam porém para elevar a arte estes generosos propositos se não forem removidas as causas que a embaraçam no seu modo de progredir.

Uma d'estas causas é a invasão do templo artistico pelos empregarios de construcção e a desfaçatez com que taes constructores se desembaraçam dos artistas.

Outro grave empecilho do desenvolvimento artistico é a falta d'accordo entre os artistas.

Cada artista tem a sua individualidade e o genio creador é na arte a qualidade primordial e por isso os artistas difficilmente estão d'accordo.

Depois de varias considerações na mesma ordem de ideias terminou este discurso sendo o presidente alvo de calorosas demonstrações de sympathia.

*

* * *

Na tarde d'este dia foi aberta a exposição de desenhos dos antigos mestres da architectura figurando ali trabalhos de Antonio da San Gallo, Bernini, decorações de Zuccari, Girolamo Rainaldi e outros.

A' noite foram os congressistas recebidos nas esplendidas salas do Rathaus, isto é, do palacio municipal, famoso edificio em estylo gothico allemão, do architecto Schmidt.

Terminados os discursos da recepção, foi servido aos convidados um lauto banquete de 1.500 talheres na sala central do palacio.

*

* *

No dia 19 de maio começou a discussão dos themas propostos ao congresso. Foi apresentado o thema 1.º.

O congresso fez votos para que os governos criem ministerios especiaes, ou pelo menos repartições ministeriaes que se occupem de assumptos artisticos.

D'estes ministerios deveriam fazer parte os melhores artistas e sendo a architectura a primeira entre as bellas artes deveriam os architectos estar ali representados em maior numero.

Na discussão do 2.º thema, concursos internacionaes, depois de larga discussão foi resolvido que a conclusão d'este thema fosse apresentada na ultima sessão.

Seguiram-se diversas conferencias, entre as quaes a do professor Mayreder sobre as leis e regulamentos municipaes e confronto entre as de diversos paizes.

O orador faz notar que entre estas leis e a architectura não havia em principio nenhuma relação, pois que taes leis derivaram especialmente de motivos technicos e de hygiene, e do limite imposto ao aproveitamento dos terrenos, em geral muito caros e onerando por isso muito o custo dos edificios.

Isto dá logar ás edificações em massas continuas obrigando a typos uniformes e em que não póde manifestar-se originalidade.

Parece-lhe que só as auctoridades communaes pódem influir no melhoramento das condições artisticas dos edificios e impedir a construcção dos que possam pelo seu aspecto prejudicar a belleza do conjuncto de qualquer povoação.

A's 3 horas foi solemnemente inaugurada a exposição internacional d'architectura pelo ministro da instrucção publica, Dr. Marchet. Depois de apresentados, os congressistas visitaram as numerosas salas, admirando as obras de grande merito artistico de que a exposição era riquissima.

*

* *

A' noite, a Sociedade dos Architectos Viennenses e o Club dos Architectos

ofereceram nas salas do Circulo Artistico uma esplendida festa em honra dos congressistas.

Foi servida uma collação na sala do bufete onde o Champagne foi profusamente distribuido.

A's 10 horas começou o baile que decorreu animadissimo até á 1 hora da madrugada.

*

* *

No dia 21 do maio continua a discussão dos themas do congresso tendo o dia anterior sido aproveitado para uma excursão ás montanhas do Semering.

Tratou-se das leis de protecção ás obras de architectura, e dos direitos de auctor dos architectos (thema 2.^o) sendo este assumpto largamente discutido.

Passou-se ao thema 5.^o, sobre a conservação dos monumentos publicos, cuja discussão foi tambem interessantissima.

*

* *

Entre as conferencias realizadas n'este dia deve mencionar-se a do professor Dolezal sobre photogrammetria que promette ser um factor importante para o estudo dos monumentos, e para formar um archivo com a reproducção em escala rigorosa de qualquer edificio importante.

A' noite teve logar a recepção imperial á qual assistiram quasi todos os congressistas, fazendo as honras da casa, em nome do imperador, o archiduque Leopoldo Salvador.

*

* *

A's 9 horas da manhã de 22 de maio começou a discussão do thema 4.^o: diploma legal dos architectos. Sobre este assumpto, muito discutido não se formularam propostas positivas nem foi tomada qualquer resolução.

Seguiu-se a discussão do thema 6.^o, construcção em cimento armado, a qual não ficou concluida, devendo continuar-se n'outro congresso.

No sabbado, 23 de maio, ultimo dia do congresso, houve ainda algumas conferencias e fez-se uma sessão plenaria final do comité permanente em vez da sessão de encerramento do congresso.

Depois de varios discursos foi entregue ao presidente um telegramma transmittido pela embaixada italiana nos termos seguintes: «Pôde communicar ao

engenheiro architecto Cannizzaro que o Governo Real não se oppõe a que o proximo congresso dos architectos tenha logar em Roma de preferencia em 1911, epoca em que ali se realisam outras reuniões analogas.»

Por proposta do sr. Cuypers ficou estabelecido que o melhor mez para o congresso seria outubro.

Foi pois proclamada por unanimidade Roma e Italia, séde do IX congresso encarregando-se o presidente Daumet de agradecer ao governo italiano e de convidar a secção do Comité permanente em Italia a organizar o referido congresso.

Depois das conferencias do architecto Klette e do engenheiro Sasso, foi apresentado nos termos estabelecidos na sessão de 22 de maio a proposta ácerca dos concursos internacionaes da qual extractamos as condições principaes e que são as seguintes :

1.º Os concursos internacionaes serão reservados aos casos excepcionaes e de caracter internacional.

2.º Estes concursos pódem ser em um ou dois graus, para todos os architectos ou restrictos aos que forem convidados para concorrer.

3.º As condições d'estes concursos serão eguaes para todos os concorrentes.

4.º Os programmas devem definir todas as condições do concurso, sem deixar *desiderata* facultativos.

5.º Nos concursos por convites o programma póde ser detalhado e prescrever um grande desenvolvimento dos projectos.

6.º Nos concursos em dois graus, a primeira prova será accessivel a todos os architectos e a segunda prova só serão admittidos os laureados na primeira.

7.º Os programmas serão postos á disposição dos concorrentes na mesma data.

8.º Os programmas serão redigidos em francez, allemão, inglez ou italiano.

9.º O jury será composto de sete architectos todos de nacionalidade diferente, mas um do paiz em que o concurso é aberto. Os membros do jury não pódem ter qualquer interesse material na execução dos trabalhos postos em concurso.

10.º O valor dos premios será pelo menos igual ao duplo dos honorarios que competiriam a um architecto que tivesse a seu cargo o projecto e a execução dos trabalhos, e deve admittir-se que ao auctor do projecto classificado em primeiro logar será confiada a execução dos trabalhos com os honorarios correspondentes e sem deducção do premio concedido.

Em todos os casos a propriedade artistica do projecto e do edificio por elle executado fica pertencendo ao respectivo auctor.

11.º Para os concursos em um só grau todos os projectos serão expostos ao publico.

Esta proposta foi approvada.

*

* *

A' noite teve lugar o banquete de despedida no Hotel Continental com a comparencia de quasi todos os congressistas e de muitas senhoras.

O presidente do congresso, na devida altura brindou ao Imperador e aos congressistas, muitos dos quaes corresponderam com entusiasticos discursos.

O delegado italiano Cannizzaro manifestou a alegria que os architectos da Italia iam ter com a realisacão do proximo congresso em Roma. Foi calorosamente applaudido sendo levantados vivas a Roma, onde esperavam todos tornar a encontrar-se.

O architecto Seidel brindou em verso ás damas presentes e o architecto Heilmer á Imprensa.

*

* *

A gravura que acompanha este artigo representa a sessão inaugural do congresso, na sala da Camara dos Deputados do palacio do Parlamento austriaco.

A. D'ASCENÇÃO MACHADO.

Architecto



Honorarios dos Architectos

REGULAMENTO APPROVADO PELA ASSEMBLEIA GERAL
DA SOCIEDADE DOS ARCHITECTOS PORTUGUEZES EM SUA SESSÃO DE 28 DE JULHO DE 1904
E PUBLICADO NO «DIARIO DO GOVERNO» DE 4 DE FEVEREIRO DE 1905

1.º — Os serviços profissionaes dos architectos a que se refere a tabella que faz parte do presente regulamento, consistem em proceder aos estudos preliminares necessarios, elaborar projectos, orçamentos, memorias descriptivas, cadernos d'encargos e detalhes de execução, e em dirigir e fiscalisar os respectivos trabalhos.

2.º — Os honorarios dos architectos serão calculados segundo a despeza total prevista nos orçamentos, ou pelo custo total das obras quando estas se executem por completo.

3.º — Esses honorarios serão regulados pela seguinte fórmula, para trabalhos a fazer na localidade onde reside o architecto ou á distancia maxima de 3 kilometros d'essa localidade :

Até á primeira fracção de 1:000\$000 réis a taxa applicavel é de 7 0/0.

Esta taxa irá diminuindo de 0,03 por cada nova fracção de igual importancia, até á concorrencia de 100:000\$000 réis, cobrando-se sobre as verbas que excederem esta quantia, a taxa fixa de 4 0/0, o que dá logar á tabella seguinte :

Até 1:000\$000—7	por cento	Até 20:000\$000—6,43	por cento
2:000\$000—6,97	» »	30:000\$000—6,13	» »
3:000\$000—6,94	» »	40:000\$000—5,83	» »
4:000\$000—6,91	» »	50:000\$000—5,53	» »
5:000\$000—6,88	» »	60:000\$000—5,23	» »
6:000\$000—6,85	» »	70:000\$000—4,93	» »
7:000\$000—6,82	» »	80:000\$000—4,63	» »
8:000\$000—6,79	» »	90:000\$000—4,33	» »
9:000\$000—6,76	» »	100:000\$000—4,03	» »
10:000\$000—6,73	» »	mais de 100:000\$000—4,00	» »

§ unico. — Quando se trate de trabalhos fóra da área acima referida, os honorarios augmentarão 1 0/0 na totalidade, accrescendo mais o abono de despezas de transporte.

4.º — Quando, todavia, se reconheça que o estudo de um projecto ou a sua execução são de natureza a apresentar difficuldades excepcionaes, sob o ponto de vista tecnico ou artistico, poderá o valor dos honorarios ser elevado proporcionalmente. Quando, ao contrario, se trate de trabalhos por sua natureza simples, taes como grandes extensões de muros de vedação, vastas superficies de pavimentos, reparações em edificios existentes, etc., o valor dos honorarios poderá tambem ser reduzido.

§ unico. — Em tal caso, este augmento ou redução dos honorarios, deverá fazer parte de contracto especial e prévio entre o architecto e o proprietario.

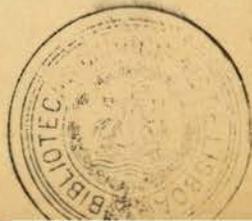
5.º — A distribuição da percentagem dos honorarios será feita da seguinte fórmula :

Uma terça parte, para a elaboração do ante-projecto na escala de 0,01 por metro e resumo do orçamento approximativo, — comprehendendo um exemplar de cada peça desenhada e escripta.

Uma terça parte, para o projecto completo composto de alçados, plantas, córtes e detalhes essenciaes, orçamento completo, memoria descriptiva dos trabalhos e cadernos d'encargos, — comprehendendo tres exemplares de cada uma das peças desenhadas e escriptas.

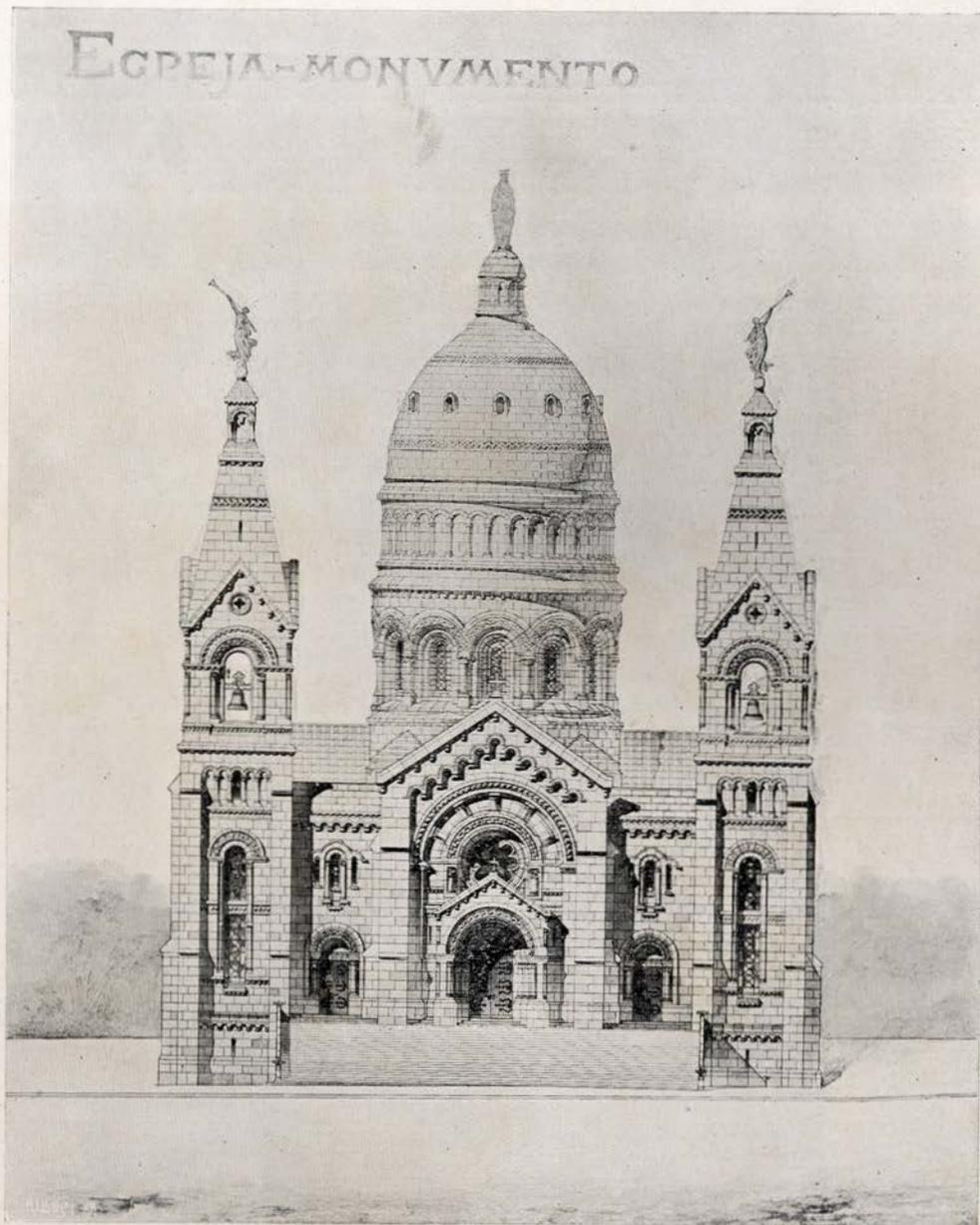
Uma terça parte, para a direcção, fiscalisação e verificação dos trabalhos, e fornecimento de quaesquer outros detalhes necessarios para o seu regular andamento.

6.º — Os honorarios dos architectos relativos a assumptos da sua profissão não previstos n'esta tabella, serão regulados por ajuste especial.



Supplemento ao ANUARIO DA SOCIEDADE DOS ARCHITECTOS PORTUGUEZES — Anno IV — 1908

ARCHITECTURA
CONTEMPORANEA



Projecto d'uma egreja monumento

Architecto *A. Marques da Silva*

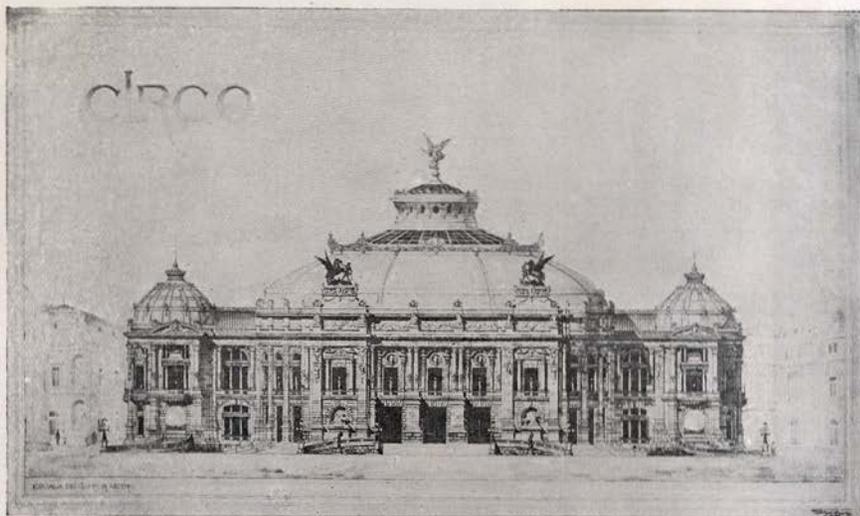




Casa do sr. Artagão — (Fachada sul)

Architecto *M. J. Norte Junior*





Projecto de um circo

Archite.to *Tertuliano Marques*

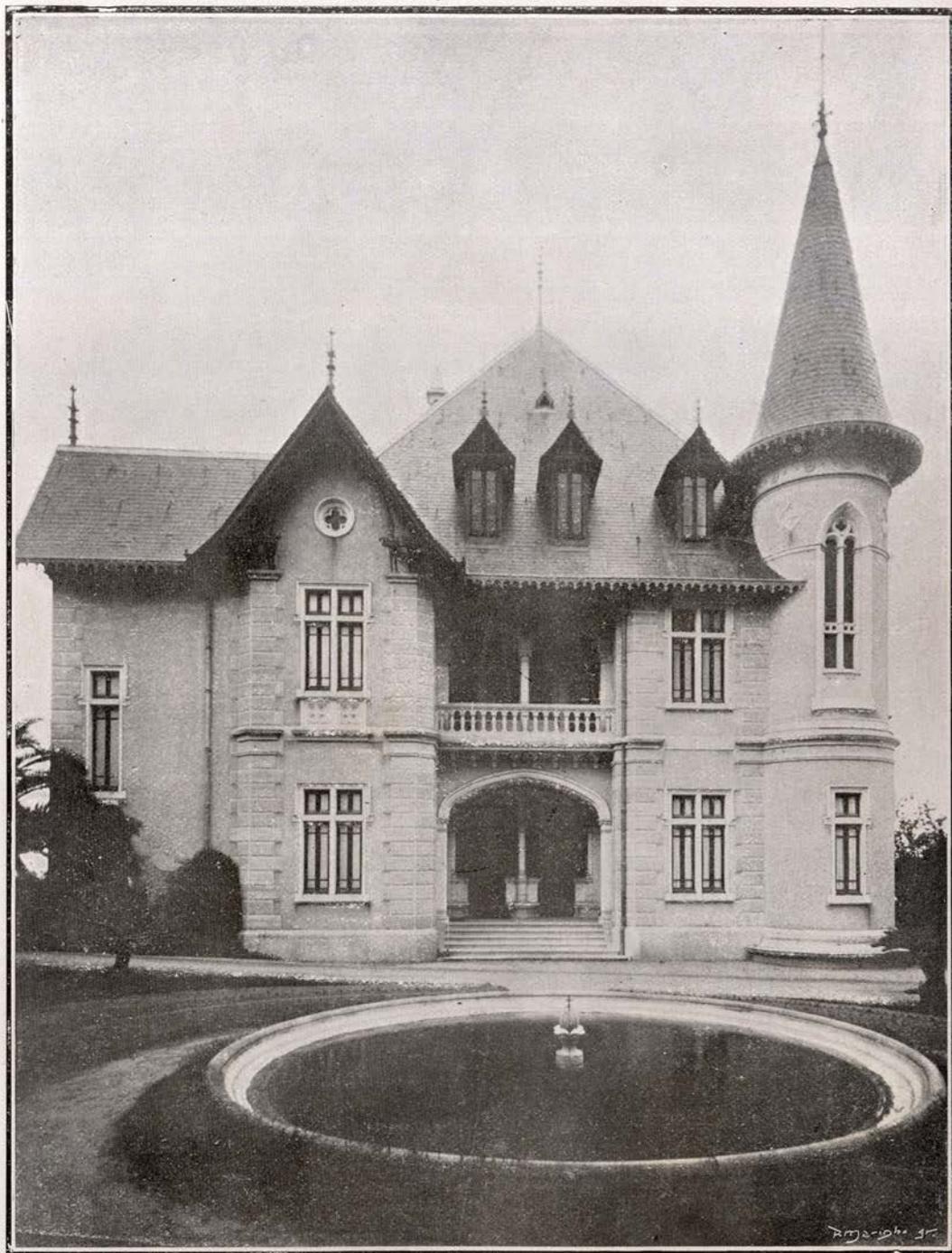




Jazigo da Misericórdia — (Ângulo norte)

Architecto *Adães Bermudes*





Casa do sr. Biester — (Fachada norte)

Architecto José Luiz Monteiro

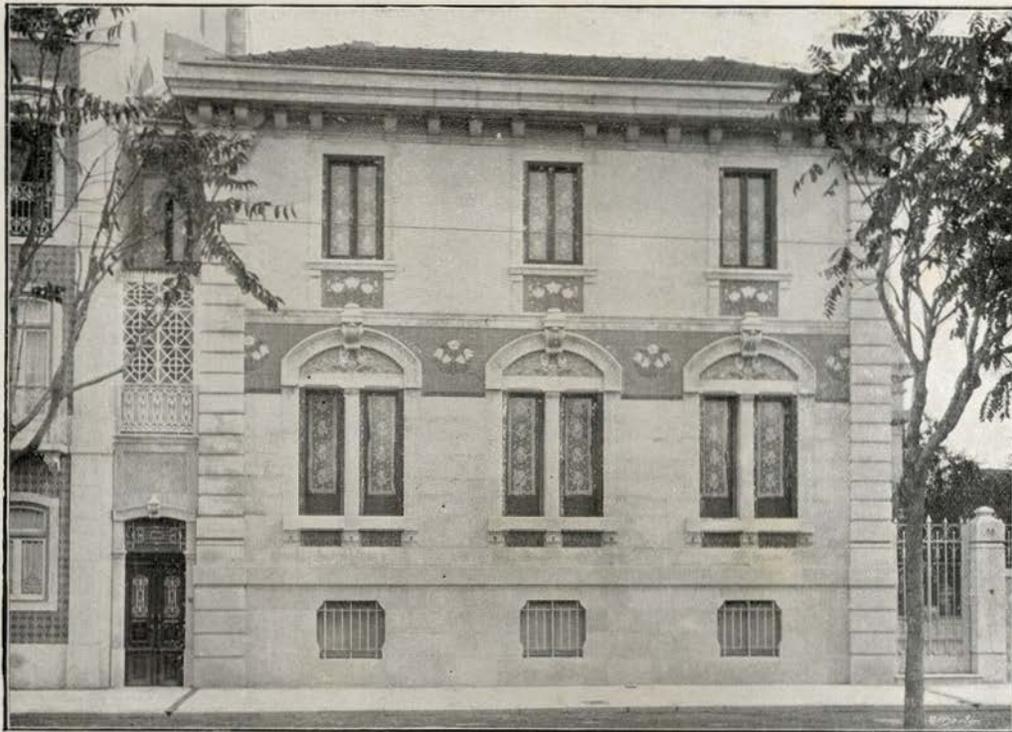




Projecto de um caes

Architecto José Alexandre Soares





Casa do commendador Santos — (Fachada principal)

Architecto José Alexandre Soares

BIBLIOTHECA MUNICIPAL



1723

L. J. S. A. B. O. S.



90

SOCIEDADE DOS ARCHITECTOS PORTUGUEZES

SOCIOS HONORARIOS E CORRESPONDENTES

Alfredo de Andrade — Architecto — ITALIA

Francisco Marques de Sousa Viterbo (Dr.) — Professor — LISBON

Aitchison, George	INGLATERRA.
Belcher, John	INGLATERRA.
Cadafalch, Joseph Puig	HESPANHA.
Cannizzaro, Eduard	ITALIA.
Chaussée Alcide	CANADA.
Cnujo, S.	JAPÃO.
Cuypers, P. J. H.	PAIZES BAIXOS.
Horsfield, J. Nixon	INGLATERRA.
Locke, W. J.	INGLATERRA.
Mariscal, Nicolas	MEXICO.
Nagy, Virgil	HUNGRIA.
Peschl, Hans	AUSTRIA.
Poupinel, J. Maurice	FRANÇA.
Suzor, Conde Paul de	RUSSIA.
Taylor, James Knox	AMERICA.
Velasquez y Bosco, Richard	HESPANHA.
Wagner, Otto	AUSTRIA.

